

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OSNI ZIOLI

**O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO
TURISMO: o caso do Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas no
Sudoeste do Paraná.**

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO
2015

OSNI ZIOLI

**O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO
TURISMO: o caso do Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas no
Sudoeste do Paraná.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus de Pato Branco.

Orientador: Profa. Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona

PATO BRANCO

2015

Dados Internacionais de Catalogação

Z79l Zioli, Osni
O lazer dos agricultores familiares promotores do turismo: o caso do roteiro turístico caminhos do marrecas no Sudoeste do Paraná / Osni Zioli. – 2015.
175 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Profa. Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona
Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica do Paraná.
Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, 2015.
Bibliografia: f. 145 – 151.

1. Agricultura familiar – Paraná. 2. Turismo rural. 3. Lazer 4. Sudoeste do Paraná. I. Corona, Hieda Maria Pagliosa, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós - Graduação em Desenvolvimento Regional. III. Título.

CDD: 330



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional



TERMO DE APROVAÇÃO Nº 79

Título da Dissertação

O Lazer dos Agricultores Familiares Promotores do Turismo: o caso do Roteiro Turístico do Caminho do Marrecas no Sudoeste do Paraná

Autor

Osni Zioli

Esta dissertação foi apresentada às nove horas do dia 15 de junho 2015, como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Linha de Pesquisa Regionalidade e Desenvolvimento – no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O autor foi arguido pela Banca Examinadora abaixo assinada, a qual, após deliberação, considerou o trabalho aprovado.

Profª Drª Hieda Maria Pagliosa Corona - UTFPR
Presidente

Prof. Dr. Marcelino Souza - UFRGS
Examinador

Prof. Dr. Osney Marcos Cardoso – UTFPR
Examinador

Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi - UTFPR
Examinador

Visto da Coordenação

Profª Drª Marlize Rubin Oliveira
Vice-Coordenadora do PPGDR

O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do PPGDR.

Dedico o trabalho a Raquel, minha linda
esposa e companheira em todas as horas.

Dedico aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Hieda Maria Pagliosa Corona, pela oportunidade, paciência, e pelas contribuições no desenvolvimento do trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica da Federal do Paraná – Câmpus de Pato Branco pela acolhida.

Agradeço a Secretaria de Estado da Educação do Paraná pela oportunidade de poder dar continuar a minha formação.

Agradeço aos professores do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (UTFPR-Pato Branco), pelos momentos de aprendizagem.

Agradeço aos Professores Marcos Júnior Marini, Marcelino de Souza, Miguel Angelo Perondi e Osney Marcos Cardoso, pelas contribuições no momento da qualificação do trabalho e na banca de apresentação da dissertação.

Agradeço aos Colegas de Mestrado, pelos momentos de aprendizagem e debates enriquecedores.

Agradeço aos meus colegas de trabalho da FADEP, Colégio Estadual Castelo Branco e Escola Estadual Irmão Isidoro Dumont pelo incentivo e compreensão.

Agradeço aos meus alunos, do Ensino Fundamental ao Ensino Superior pelo estímulo, provocações e inquietações que me levam a continuar em movimento.

Agradeço em especial aos agricultores familiares, sujeitos deste estudo, pela acolhida e pelas horas agradáveis de convívio e aprendizagem.

RESUMO

ZIOLI, Osni. O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO TURISMO: o caso do Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas em Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná. 2015. 172f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Pato Branco 2015.

O turismo rural é apontado como uma das estratégias que permitem aos agricultores familiares o aumento da renda e a melhoria da qualidade de vida. Muitos estudos tratam deste tema, contudo há uma lacuna no sentido de entender o lazer sob a ótica dos agricultores promotores do turismo. O presente trabalho buscou compreender o que é lazer e quais as suas práticas na ótica dos agricultores familiares que promovem o turismo rural em suas propriedades no município de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná. A pesquisa foi do tipo qualitativo, de caráter descritivo e exploratório, a amostragem da pesquisa foi do tipo não-probabilístico, com coleta de dados e informações em cinco fases, sendo utilizadas como estratégias e instrumentos de pesquisa a entrevista gravada com base no roteiro semiestruturado, a observação direta com registro no diário de campo e entrevista com formulário semiestruturado, sendo os dados tabulados com os *software* Excel 2013 e Word 2013, e apresentados na forma de gráficos e tabelas e, posteriormente, interpretados a luz da revisão teórica. A importância do turismo ofertado pelos agricultores familiares, mais que o aumento da renda, está relacionado com os significativos momentos de crescimento pessoal e social vividos pelos agricultores familiares no contato com os turistas e com formas de trabalho mais interessantes do que as atividades agrícolas. O lazer dos entrevistados apresenta traços que demonstram o apego ao seu modo de vida, considerando aspectos de suas tradições, hábitos e costumes, em relação ao convívio familiar, com a comunidade em que estão inseridos, além das atividades de trabalho e da reprodução e ao estabelecerem as atividades de turismo, fortalecem a construção de uma racionalidade de resistência, em que está presente ao mesmo tempo uma lógica adaptativa que assimila as demandas externas e inovadora ao gerarem respostas que possibilitam a reprodução biológica e social da família.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Turismo Rural. Lazer. Sudoeste do Paraná.

ABSTRACT

Zioli, Osni. LEISURE TOURISM PROMOTRES OF FAMILY: the case of Tourist Guide Ways of Marrecas in Francisco Beltrão the Southwest of Paraná. 2015. 172pages. Dissertation (Master in Regional Development) - Program of Postgraduate Studies in Regional Development, Technological Federal University of Parana. Pato Branco in 2015.

Rural tourism is considered one of the strategies that allow family farmers increase their income and the consequent improvement in their quality of life. Many studies handle this issue, but there is a gap in order to understand leisure from the perspective of farmers promoting tourism. This study sought to understand what is leisure and what are its practices from the family farmers's viewpoint who promote rural tourism in their properties in the municipality of Francisco Beltrão in the Southwest of Paraná. The research was qualitative, descriptive and exploratory. Character, sampling survey was non-probabilistic, with collection of data and information in five phases, being used as search strategies and tools, recorded interview based on the screenplay, semi-structured direct observation with field journaling and interview with semi-structured form, being tabulated data with Excel and Word 2013 software, and presented as graphs and tables, and subsequently interpreted in the light of theoretical review. The importance of tourism offered by family farmers, more than the increased income, is related with significant moments of personal and social growth experienced by farmers in contact with tourists and with more interesting ways of working than agricultural activities. The leisure of the interviewed people has traits that demonstrate attachment to their way of life, considering aspects of their traditions, habits and customs, in relation to the family get-together, with the community in which they are inserted, in addition to the work and activities of the reproduction and to establish tourism activities, strengthen the construction of a rationality of resistance, where it operates at the same time an adaptive logic to assimilate external demands, and innovative to generate responses to enable the biological and social reproduction of the family.

Keywords: Family Farming. Rural Tourism. Leisure. Southwest of Paraná.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Placas indicativa do Turismo Rural em Francisco Beltrão	83
Fotografia 2 – Identificação das propriedades que compõem o RTCM	84
Fotografia 3 – Placa de conscientização ambiental ao turista	84
Fotografia 4 – Paisagem no Caminhos do Marrecas	87
Fotografia 5 – Decoração e produtos em exposição	89
Fotografia 6 – Parreiral de uva e processo de produção do vinho	90
Fotografia 7 – Agricultor explicando o processo de produção do vinho	91
Fotografia 8 – Vista do parreiral da Cantina Salmória.....	91
Fotografia 9 – Turista colhendo uva em visita ao parreiral	92
Fotografia 10 – Festa de Nossa Senhora Aparecida organizada pela Família	93
Fotografia 11 – Almoço organizado pela Família no Recanto da Amizade	94
Fotografia 12 – Turistas almoçando e cozinheiras preparando os alimentos.....	94
Fotografia 13 – Paisagens do Recanto do Dário.....	96
Fotografia 14 – Paisagens do Recanto do Dário.....	97
Fotografia 15 – Turistas nas águas do Rio 14 no Recanto do Dário	97
Fotografia 16 – Acesso a Wi-Fi no camping	98
Fotografia 17 – Carros estacionados no camping	98
Fotografia 18 – Turistas no camping.....	99
Fotografia 19 – Espaço para refeições e venda de bebidas e lanches	99
Fotografia 20 – Utilização das redes sociais para contato e divulgação de eventos	100
Fotografia 21 – Paisagens do camping do Recanto do Dário.....	100
Fotografia 22 – Turistas nas águas do Rio 14.....	101
Fotografia 23 – Paisagem do camping do Recanto Renascer.....	101
Fotografia 24 – Vista do Rio Marrecas e Trilha Ecológica no Recanto Renascer	102
Fotografia 25 – Turista pescando e quadra de voleibol de areia.....	102
Fotografia 26 – Campo de futebol do Recanto Renascer.....	103
Fotografia 27 – Cancha de bocha do Recanto Renascer	103
Fotografia 28 – Vista do camping e do Rio Marrecas no Recanto Renascer.....	104
Fotografia 29 – Vista aérea da propriedade da Família 3.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Regiões turísticas do Paraná	61
Figura 2 - Mapa das regiões do Paraná	79
Figura 3 – Francisco Beltrão e Região Sudoeste do Paraná	79
Figura 4 – Panfleto de divulgação do RTCM	85
Figura 5 - Panfleto de divulgação do RTCM – Lado 1	85
Figura 6 – Panfleto de divulgação do RTCM – Lado 2.....	86
Figura 7 – Panfleto de divulgação do RTCM.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Políticas Públicas de Lazer no Brasil	40
Quadro 2 - O turismo rural na perspectiva europeia.....	44
Quadro 3 - Os Capitas e sua descrição.....	53
Quadro 4 – Propriedades que compõem o Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas.....	68
Quadro 5 – Membros que compõem a Família 1	108
Quadro 6 – Membros que compõem a Família 2.....	108
Quadro 7 – Membros que compõem a Família 3.....	109
Quadro 8 – Membros que compõem a Família 3.....	109
Quadro 9 – Produtos e derivados produzidos para autoconsumo	113
Quadro 10 – Condições dos domicílios das Famílias.....	114
Quadro 11 – Acesso a equipamentos doméstico e meios de transporte.....	114
Quadro 12 – Práticas de lazer das Famílias entrevistadas	122
Quadro 13 – Vivências de lazer dos membros das Famílias entrevistadas	132
Quadro 14 – Acesso a equipamentos e políticas públicas de lazer	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de turistas recebidos anualmente (2014)	80
Gráfico 2 – Número de membros das famílias entrevistadas	105
Gráfico 3 – Relação entre renda monetária obtida com o turismo e demais rendas das Famílias.....	111
Gráfico 4 – Relação entre a renda obtida com agricultura e a renda do turismo.....	112
Gráfico 5 – Mudanças ocorridas no ambiente das propriedades	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro sintético das modalidades do turismo em áreas naturais.....	57
Tabela 2 – Elementos da renda monetária bruta anual dos entrevistados (2014)	110
Tabela 3 – Sobre o uso da área das propriedades em hectares.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMSOP	Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná
CANGO	Colônia Agrícola Nacional General Osório
CITLA	Clevelândia, Industrial e Territorial Ltda.
CRESOL	Sistema de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
GETSOP	Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRONAF	Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar
RTCM	Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas
SENAR	Sistema Nacional de Aprendizagem Rural – Paraná
SETUR	Secretária de Turismo do Paraná
TRAF	Turismo Rural na Agricultura Familiar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO TEÓRICA	16
2.1 A MODERNIZAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS NA SOCIEDADE E NO MEIO AMBIENTE: AGRICULTURA FAMILIAR E LAZER	16
2.1.1 Relação Local e Global, Tradição e Moderno na Agricultura Familiar.....	16
2.1.2 A Modernidade e o Lazer: Controvérsias Conceituais	28
2.1.3 Lazer e o Turismo Rural no Brasil	38
2.1.4 O Locus da Pesquisa: O Turismo no Sudoeste do Paraná	60
3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS	66
3.1 TIPO DE PESQUISA	66
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA DA PESQUISA.....	67
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	71
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	74
4 O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO TURISMO RURAL EM FRANCISCO BELTRÃO	76
4.1 A REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ, O MUNICÍPIO DE FRANCISCOBELTRÃO E O ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS DO MARRECAS	76
4.2.1 A Cantina Salmória	88
4.2.2 O Recanto da Amizade	92
4.2.3 O Recanto do Dário.....	95
4.2.4 Recanto Renascer.....	101
4.3 ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS DAS PROPRIEDADES FAMILIARES	104
4.4 AS ATIVIDADES TURÍSTICAS NA DINÂMICA DO TRABALHO DAS FAMÍLIAS	118
4.5 O LAZER DOS PROMOTORES DO TURISMO RURAL	130
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	153

1 INTRODUÇÃO

As transformações ambientais, econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas do século XX em virtude principalmente dos avanços tecnológicos aplicados na produção e na promoção do crescimento econômico, impactaram de forma contraditória nos diversos setores da sociedade. Ao mesmo tempo que trouxeram ganhos significativos, principalmente a produção em massa de produtos industrializados e as safras agrícolas, degradaram o ambiente e promoveram a exclusão de agricultores familiares que não tiveram acesso aos avanços técnicos e científicos.

Para resolver esta consequência do projeto modernizador da agricultura, sem abandonar a ideia de desenvolvimento ligada ao crescimento econômico, as políticas públicas entraram em cena, com a missão de conciliar conservação ambiental, crescimento econômico e promover a inclusão de grande parte dos produtores familiares que até então ficaram marginalizados no processo de desenvolvimento (EHLERS 1999).

O desenvolvimento rural deixa de estar pautado apenas pelas atividades agrícolas pois apresenta pluralidades de referências para as práticas e comportamentos encontrados hoje no rural ligando-se tanto a aspectos vinculados ao modo de vida da agricultura familiar, como também pelas imposições ou intervenções exógenas que obrigam os agricultores familiares a se posicionarem e se adaptarem a novas situações, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de forças sociais. O rural não só como um espaço de produção, mas também como um espaço de biodiversidade, de lazer e serviços tem acarretado novas funções para este espaço (SILVA; VILARINHO; DALE, 1998).

As apelações de reencontro com a natureza, a harmonia, a qualidade de vida e o respeito com o meio ambiente, que se apresentam nos discursos ressignificadores do rural, revalorizam o rural e podem ser percebidas nas práticas de excursões ao campo e das atividades de lazer (FROEHLICH, 2000). É nesta busca de 'modelos e estratégias' para promover o desenvolvimento rural que aparecem fortemente as propostas de atividades de lazer e turísticas no meio rural em diversas formas e modalidades, sendo quase uníssona a esperança quanto suas possibilidades de criação de empregos e de renda complementar da agricultura familiar e, desta forma melhorar a qualidade de vida dos mesmos. O agricultor familiar passa então, a viver

uma nova situação: ao mesmo tempo em que é chamado a se integrar como agente e produtor de bens e serviços¹, ele também é visto como alguém capaz de através do seu patrimônio natural e cultural produzir o desenvolvimento sustentável (LEFF, 2009), ou seja, desenvolver e crescer e ao mesmo tempo não comprometer os recursos para as gerações futuras.

O turismo rural é apresentado na literatura acadêmica e nos discursos das políticas públicas como uma alternativa de melhoria da renda para agricultores familiares e regiões em que a estrutura social e econômica está ligada a atividades agrárias pouco competitivas. As práticas de lazer de quem vendem ou promovem lazer como forma de complementar a renda, ou seja, das pessoas que acumulam ou dobram sua carga de trabalho em busca de melhores condições de vida, por si, já é um tema intrigante para os estudos do lazer, pois têm como elementos norteadores o debate entre lazer *versus* trabalho, atividade *versus* passividade, necessidade *versus* consumo, além da reflexão sobre as necessidades imediatas e suas hierarquias.

Na busca por estratégias de reprodução, o agricultor familiar sempre procurou o consumidor urbano para vender o excedente da sua produção, após atendidas as necessidades de autoconsumo, foi assim, que se constituíram as feiras livres, feiras do produtor, entre outras. No turismo rural, é a população urbana que vai procurar o ambiente rural, para fins de descanso, divertimento, recreação e para a apreciação das paisagens e o encontro com a natureza. Além dos produtos tradicionais, frutos do cultivo de vegetais, criação de animais e de seus derivados, o agricultor familiar, passou também oferecer ao cidadão o seu patrimônio material e imaterial.

Neste 'retorno' do homem urbano ao rural, acontece algo inusitado para os estudos do lazer²: um fenômeno até então considerado próprio do processo urbano industrial, é apropriado pelos agricultores familiares, os quais já foram sinônimos de atraso e, por isso, fadados ao desaparecimento, se reinventam agora vendendo um 'produto' gestado na modernidade. E ao vender o lazer como forma de aumentar sua renda, ele o descobre, sem, entretanto, abandonar os seus hábitos e tradições de fruição de atividades lúdicas e prazerosas.

¹ O que Portuguez, (2001) chama de estratégia de reinclusão.

² Pimentel (1999) lembra que a cultura corporal (objeto de estudo da Educação Física) e o lazer dos moradores do meio rural, ainda causam espanto a Educação Física e ao Lazer, tanto como áreas de intervenção como de conhecimento, por focarem suas lentes eminentemente ao espaço urbano.

O lazer para moradores do meio rural consiste em inquietações profissionais do autor iniciadas ainda na década de 1990. Na função de gestor esportivo da Prefeitura de Clevelândia (1992-1996), buscava sem muito êxito atender a esta população. No máximo conseguia envolvê-los em competições pontuais como campeonatos de futebol e bocha. Como gestor das políticas públicas de esporte e lazer em Chopinzinho (2008-2010), a partir da proposta de um evento que contemplasse o morador do meio rural, os resultados das ações mostraram-se instigantes. O evento mobilizava diversos setores da administração pública do município com a intencionalidade de oferecer lazer aos moradores do rural. Os desafios iniciaram com as reuniões com os moradores rurais antes da realização das etapas do evento. As datas propostas para realização do evento, por parte dos gestores públicos eram baseadas na ótica urbana, isto é, final de semanas e feriados. Os agricultores reagiam pontuando que poderia ser feito em qualquer dia da semana e nos feriados, com exceção daqueles que fossem religiosos. Estas situações vividas mostravam o quanto a formação profissional e acadêmica, bem como, ser um morador urbano, conduzia a negligenciar o conhecimento das populações rurais e de suas especificidades.

Pesquisas voltadas para entender a realidade local e sua complexidade, promovem a reflexão sobre as particularidades das populações e de seus ambientes e geram subsídios para elaboração de políticas públicas específicas em âmbito regional. Ao tratar o lazer no meio rural como possibilidade de melhoria da qualidade de vida, levando em conta os interesses e necessidades da população rural, caminha-se para a superação das limitações da realidade dos mesmos feitas sob a ótica urbana. Leff (2009) lembra a importância da adoção de estratégias de desenvolvimento que valorizem em primeiro lugar o local em detrimento do global, ao considerar e valorizar o patrimônio material e imaterial.

Diante destas reflexões, a presente dissertação de mestrado resulta das várias etapas de investigação as quais foram orientadas pelo objetivo de compreender o lazer a partir das percepções³ e práticas dos agricultores familiares que compartilham seu modo de vida com os adeptos do turismo no meio rural na cidade

³ Neste estudo percepção é entendido com a forma com que o sujeito vê o mundo à sua volta, o modo segundo o qual ele constrói em si as representações e o conhecimento que possui das coisas, pessoas e situação, ainda que, por vezes, seja induzido em erro. É um produto sensório (COSTA; COSTA, 2013).

de Francisco Beltrão, na região Sudoeste do Paraná. Para atingir o objetivo geral proposto, três objetivos operacionais foram formulados: a) identificar os aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais b) identificar a partir do ponto de vista dos agricultores familiares que promovem o turismo e o lazer em suas propriedades, o seu entendimento sobre o lazer e suas práticas e, c) verificar como o lazer se insere na dinâmica do trabalho da família agricultora, especialmente aquele direcionado as atividades turísticas realizadas na propriedade (tempo, espaço, distribuição de tarefas, relação trabalho e lazer, etc.).

Para atender aos objetivos, a dissertação foi elaborada e apresentada em quatro partes. A primeira expõe a revisão teórica utilizada para organizar conceitos e reflexões dos autores que abordam os temas que permitem uma aproximação com o objeto de estudo. Nesta seção, são apresentadas as reflexões sobre as transformações culturais, econômicas e sociais ocorridas na modernidade e seus reflexos na sociedade e no meio ambiente, em especial nas relações com a agricultura familiar e o lazer. Três sub tópicos objetivam enriquecer o debate ao trazer as controvérsias conceituais em torno do lazer, do turismo rural e uma descrição do *locus* da pesquisa: do turismo rural em Francisco Beltrão, no sudoeste do Paraná.

Na segunda parte são apresentados os procedimentos técnicos e metodológicos que fizeram parte da pesquisa, apontando-se o tipo de abordagem utilizada para dar conta do problema e dos objetivos do estudo, os processos e critérios de seleção da população e da amostra, os instrumentos e fases da coleta de dados, os procedimentos de organização para análise dos dados e informações coletados e, as limitações e potencialidades da pesquisa.

Os instrumentos de pesquisa foram organizados da seguinte forma: 1) Uma pesquisa com roteiro semiestruturado com objetivo de buscar informações iniciais a respeito das atividades turísticas, a relação da família com os turistas, as consequências das atividades turísticas para a família e as práticas de lazer dos entrevistados; 2) Com um formulário adaptado de Corona (1999) buscou-se conhecer a realidade social, econômica e ambiental das famílias entrevistadas ; 3) Uma vivência do pesquisador como turista nas propriedades, buscando conhecer a dinâmica e os atrativos turísticos de cada uma das propriedades pesquisadas e, 4) apoiado em um roteiro semiestruturado foram realizadas entrevistas gravadas em formato digital, objetivando captar a fala dos entrevistados sem a interpretação do pesquisador.

Na terceira parte o lazer dos agricultores familiares promotores do turismo rural é discutido a partir da apresentação da descrição da região Sudoeste do Paraná e do município de Francisco Beltrão. O segundo item é destinado à descrição dos atrativos turísticos naturais e culturais dos quatro estabelecimentos estudados pela pesquisa. Por fim são tratados e discutidos os dados obtidos na pesquisa, com o objetivo de compreender como o lazer se insere na dinâmica de trabalho e vida das famílias que promovem o turismo rural. Os dados foram organizados em tópicos, descritos e discutidos em com base na revisão teórica.

Na quarta parte, são apresentadas algumas considerações que sintetizam as conclusões da pesquisa, que se não contemplam uma análise exaustiva, apresentam contribuições relevantes para os estudos do lazer na agricultura familiar desenvolvidos no meio rural. Entre elas o fato da concepção de lazer dos agricultores estar fortemente relacionado ao seu modo de vida e, por conseguinte, não ter nitidamente uma clara necessidade de tempo para que ele ocorra, contudo, este aspecto vem sendo modificado com a proximidade dos agricultores familiares com o modo de vida dos moradores do espaço urbano.

2 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo buscou-se realizar uma revisão de literatura sobre as principais categorias analíticas e questões pertinentes ao estudo, como a discussão sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX, evidenciando-se os impactos na sociedade e no meio ambiente, em especial na agricultura familiar e, principalmente, no âmbito do lazer. Assim, a revisão teórica teve o objetivo de fundamentar e dar consistência ao estudo ao passo que fundamenta a análise de como os agricultores familiares estudados promotores do turismo rural inserem as práticas de lazer no seu modo de vida.

2.1 A MODERNIZAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS NA SOCIEDADE E NO MEIO AMBIENTE: AGRICULTURA FAMILIAR E O LAZER

*“Temos medo de proposições afirmativas, temos medo do poder, temos medo do futuro, temos medo da verdade. Como não haveria de ser, afinal os sonhos mais generosos da modernidade transformaram-se nos mais terríveis pesadelos”
(FENSTERSEIFER, 2001, p.19).*

2.1.1 Relação Local e Global, Tradição e Moderno na Agricultura Familiar

As sociedades ocidentais precedentes à era moderna eram marcadas pela heterogeneidade, sendo diversificadas, plurais e múltiplas nas formas de organização política: hordas, tribos, reinos, impérios. No aspecto econômico, estas sociedades eram autárquicas, autossuficientes, com relativa independência, com culturas diversas que marcavam suas identidades (SZTOMPKA, 1998).

Para Giddens (1991) o que era heterogêneo vem sendo homogeneizado na modernidade, esta, entendida pelo autor como uma era essencialmente globalizante, ou seja, o indivíduo, os grupos sociais e as nações estão mais interdependentes, pelo distanciamento do tempo e do espaço. As relações antes marcadas pelo contato face-a-face agora são influenciadas por fatores que ocorrem em espaços muito distantes em relação aos lugares.

Tal homogeneização pode ser identificada nos campos políticos, econômicos pelas grandes organizações transnacionais (OTAM, Comunidade Europeia, ONU,

Interpol, entre outros) para mediar relações que não existiam em períodos anteriores na intensidade que acontecem hoje. No aspecto cultural, a homogeneização parece ser cada vez mais progressiva, os megaeventos esportivos, e os concertos de rock, as séries de TV, unificam os gostos, percepções e preferências. Os fluxos de bens de consumo atingem a todas as sociedades, isto é, o fenômeno da Coca-colização segundo Sztompka (1998), bem como os movimentos das pessoas pelas migrações, empregos temporários fora do país de origem do trabalhador e pelo turismo, estabelecem contato direto com padrões estrangeiros. No campo da tecnologia, isto é mais marcante ainda, sendo o uso de *softwares* os mesmos no mundo inteiro, respeitando padrões comuns de organização e processamento de dados e informações.

As ações das corporações transacionais fazem com que a globalização seja retratada apenas como um fenômeno econômico, muito pelas operações massivas que ultrapassam as fronteiras nacionais influenciando de forma significativa o mundo do trabalho. Contudo, segundo Giddens (2005) seria um equívoco sugerir que somente as forças econômicas produzam a globalização, e sim uma convergência de fatores culturais, econômicos, políticos e sociais.

Em outras palavras, as sociedades atuais mais do que em qualquer outro momento histórico, se tornaram ligadas entre si por uma recíproca dependência em todos os aspectos de suas vidas. Nessa perspectiva o planeta parece ter ficado minúsculo, em que tudo (ou quase tudo) parece ter ficado ao nosso alcance por meio dos avanços tecnológicos. Mesmo sem sair do local, ele é invadido pelas telas de computadores, celulares, e emissoras de televisão, possibilitando que acontecimentos gerados em qualquer ponto do mundo possam ser acompanhados em tempo real (ORTIZ, 2000), influenciando e aproximando os hábitos e costumes antes mediados na simultaneidade do tempo e espaço.

O processo de modernização ocorreu, segundo Ianni (1995), simultaneamente à mundialização do capitalismo, à difusão do pensamento pragmático e tecnocrático, assim modernizar significava secularizar, individualizar, urbanizar, industrializar, mercantilizar, racionalizar de maneira unitária em todo o mundo. A modernização e seu caminhar homogeneizante passa a ser a imagem do desenvolvimento, crescimento, evolução e progresso. Assim, a produção, a reprodução, e a universalização cultural são facilitadas pelas novas tecnologias, anulando a percepção de tempo e obscurecendo as referências do espaço. Nesse

contexto, há a exclusão daqueles que não se integram e, por isso, tornam-se empecilhos ao modelo de sociedade idealizada pelo capital internacional (IANNI, 1996).

Porém, todas estas mudanças não aconteceram de modo igual. Esta é uma forma muito simplificada de entender a globalização, de percebê-la como uma simples abertura de fronteiras e criação de espaço mundial comum. Muita coisa se globalizou, outras não. Foram ressignificadas as tradições culturais regionais, aumentaram as atividades políticas locais, aconteceu a descentralização de serviços como educação e saúde, entre outros aspectos.

Dessa forma, o local assumiu uma postura de resistência à visão dominante de perceber os efeitos da relação entre o global e o local, privilegiando outros modos de interação com a realidade, encontrando novas práticas que possibilitem elaborar novos sentidos e significados a partir do local ou dos marginalizados, questionando as versões hegemônicas da verdade e da vida (ESCOBAR, 2005).

Segundo Santos (2006) a modernidade é originariamente colonialista fazendo a introjeção da visão de mundo do opressor pelos dominados como universal e de forma naturalizada, fruto de uma relação desigual que se perpetuou no mesmo no período que findou oficialmente o período colonial. O autor entende por pós-colonialismo estudos de diversas áreas que buscam dar prioridade teórica e política às relações desiguais entre Norte e o Sul na explicação ou compreensão do mundo contemporâneo, em outras palavras, ver o mundo a partir das lutas das periferias, das populações marginalizadas na tentativa e resistência de ter sua cultura considerada subalterna e periférica.

Existe segundo Bonnano (1999) estudos e posições epistemológicas que indicam uma relação dialética entre o local e global. Se uma prática social local é definida por eventos e atores que operam em âmbito global, concomitantemente, as ações globais não têm importância sem a expressão concreta que elas obtêm ao se materializarem no âmbito local. Ou seja, o global não existe sem o local e o local é determinado pelas relações sociais que são estruturadas pelas práticas sociais globais.

Neste contexto em que esferas locais e globais estão interconectadas deve-se levar em consideração que isso também ocorre nas relações interpessoais, o que constitui o modo de vida de um indivíduo e de um grupo. A história, cultura, religião,

entre outros aspectos e a noção de pertencimento a um grupo social corroboram para a construção da identidade do local e do indivíduo.

Considerando a complexidade do que foi exposto até aqui, para fins deste estudo é necessário perceber o quanto o processo de globalização e modernização afetaram a agricultura, em especial a agricultura familiar e o lazer, por esta razão, os parágrafos abaixo fazem uma apresentação do processo de modernização da agricultura brasileira e os impactos sobre as populações mais periféricas.

Os avanços tecnológicos e suas facetas conservadoras trouxeram consigo a exclusão e marginalização de boa parte da população agrícola do processo produtivo e a destruição do meio ambiente. A racionalidade hegemônica centrada no mito do desenvolvimento mostrou-se inadequada. A crença era de que com o crescimento da economia, os mais diversos setores da sociedade se equacionariam, ou seja, a busca insana do crescimento econômico na esperança de que ela mesma fosse capaz de gerar um processo de transbordamento empurrou a humanidade a uma condição insustentável (LEFF, 2009).

A agricultura brasileira passou por transformações significativas nos aspectos social, econômico e cultural em decorrência das inovações tecnológicas aplicadas à agricultura, iniciada nos países centrais após a II Guerra Mundial e que tiveram suas principais transformações no final dos anos 60 e início dos 70. Ehlers (1999) afirma que rapidamente a Revolução Verde espalhou-se por vários países, quase sempre apoiada por órgãos governamentais e comerciais. Entre 1950 a 1985, a produção alimentar dobrou e a disponibilidade de alimento por habitante aumentou em 40%.

Para Moreira (2000) a crítica social a Revolução Verde não se reduz à crítica meramente técnica. Trata-se de uma crítica da própria natureza do capitalismo na formação social brasileira e da tradição das políticas públicas elitistas, além do modelo concentrador, excludente e socialmente injusto da modernização tecnológica da agricultura brasileira nos anos 70 e 90. Aliado a esses fatores está, ainda a elevada concentração da terra e a desigual distribuição dos insumos produtivos de origem industrial.

Zanoni (2004) ao realizar estudos em regiões francesas que se tornaram precárias em decorrência de significativos problemas econômicos, sociais e ambientais em decorrência da modernização da agricultura, percebeu ser possível estabelecer algumas analogias entre o processo ocorrido na França e no Brasil,

mesmo considerando a defasagem do período histórico em que ela ocorreu nos dois países.

Uma delas refere-se às Políticas Públicas francesas pós II Guerra Mundial que cumpriram a missão de atingir a autossuficiência alimentar e contribuir com o equilíbrio econômico do país, através da exportação de produtos da agricultura e da agroindústria, que permitia, por sua vez, a importação de equipamentos e insumos industriais. Assim, o mundo rural produziu alimentos para a população do país e a França tornou-se uma potência exportadora de alimentos.

Este processo de transformação da agricultura fundamentou-se segundo Ehlers (1999), na melhoria do desempenho dos índices de produtividade agrícola, por meio da substituição da produção local e tradicional por um conjunto de práticas tecnológicas do “pacote tecnológico”, sendo um sucesso no que se refere ao aumento da produção total da agricultura. Entretanto, logo a euforia das ‘grandes safras’ cederia lugar a uma série de preocupações relacionadas tanto a seus impactos socioambientais quanto a sua viabilidade energética. Como ressalta Abramovay (2010) os padrões dominantes de produção e consumo, apoiados num processo acelerado de degradação ambiental é muito mais vigoroso do que o poder da legislação voltada a sua contenção.

No Brasil segundo Ehlers (1999), essa ‘modernização’ excluiu grande parte dos produtores familiares, que não eram contemplados pelos benefícios governamentais e não tinham como arcar com os custos de insumos modernos necessários à produção competitiva de mercado. Entre as consequências econômicas, sociais e ambientais deste processo Zanoni (2004) destaca outros motivos que se assemelham e que contribuíram para a exclusão social em ambos os países: redução do número de estabelecimentos agrícolas familiares; concentração fundiária e de crédito; envelhecimento de seus habitantes e a fuga dos jovens para os centros urbanos. É neste quadro que surge a questão ambiental, sobrepondo-se a questão da modernização da agricultura que passa a ser questionada pelos impactos sobre a exclusão social e os recursos naturais.

Quando se adentra no debate sobre as consequências da modernização no campo brasileiro, a questão sobre quem são os agricultores familiares que permanecem no campo torna-se fundamental, tanto para o meio acadêmico como para os movimentos sociais e governos, constituindo-se em um termo polissêmico, pois mesmo não sendo novo, acabou tendo múltiplos sentidos e significados.

O debate sobre a categoria social agricultura familiar, segundo Wanderley (1996), não é recente e tão pouco corresponde a uma categoria analítica nova dentro da Sociologia Rural. Entretanto, no Brasil nas últimas décadas ela foi exaustivamente utilizada, até mesmo com significados que assumiam ares de novidade e renovação.

Contudo, pode-se dizer que esse termo foi, consagrado no mundo acadêmico brasileiro por Maria Nazareth Wanderley e Ricardo Abramovay, e a generalização do uso desta categoria acontece com a implantação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF em 1996 (GARCIA; HEREDIA, 2009), demandado pelos movimentos sociais, com o objetivo inédito de financiar a juros reduzidos projetos individuais e coletivos que gerassem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

Abramovay (1992) afirma que quando a agricultura familiar estiver integrada ao mercado pela capacidade de incorporação dos avanços tecnológicos e de responder às políticas de governo, não poderia ser mais caracterizada como camponesa. Ele argumenta que apesar do caráter familiar, a capacidade de organização familiar não estaria na família em si, mas, na capacidade dela em se adaptar e comportar-se em relação ao meio social e econômico em que ela está envolvida.

Lamarche (1998) e Wanderley (1996) por seu lado, afirmam que as transformações ocorridas na vida dos agricultores familiares modernos não exprime uma ruptura total com formas de produção e modos de vida anteriores e, sim, reforçam-nas, pois as tradições camponesas ao mesmo tempo fazem parte da história constitutiva das atuais unidades familiares na agricultura e continuam presentes, mesmo que parcialmente, nas estratégias familiares, o que acaba fortalecendo sua capacidade de adaptação às novas exigências da sociedade, mantendo espaços de manobra em que tradição e moderno se hibridizam (CORONA, 2006). Assim, agricultura familiar seria um conceito genérico, que incorpora múltiplas situações específicas, sendo o campesinato uma dessas formas particulares.

Uma unidade de produção familiar é definida segundo Lamarche (1998) por possuir uma forte relação entre terra, trabalho e família. Ou seja, o trabalho é geralmente realizado pelos membros da família, e em caso de necessidade, por trabalhadores temporários. A família é proprietária da terra, dos instrumentos de trabalho e do conhecimento que permite a administração do patrimônio que é passado de geração a geração.

Wanderley (1996) ao refletir sobre a agricultura familiar no Brasil elabora um rol de características que contribuem para compreender, de modo sintético, o debate em torno da agricultura familiar:

- Primeira: a expressão agricultura familiar é um conceito genérico, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares;
- Segunda: o campesinato corresponde uma destas formas particulares da agricultura familiar;
- Terceira: a agricultura familiar que se reproduz nas sociedades modernas adapta-se ao contexto socioeconômico destas sociedades, gerando transformações em sua forma de produzir e na sua vida social tradicional;
- Quarta: estas transformações, no entanto, não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas 'anteriores', um agricultor portador de uma tradição camponesa, que se adapta às novas exigências da sociedade;
- Quinta: os resultados do enfrentamento de situações próprias da história social do Brasil lhe dão características particulares em relação ao conceito clássico de camponês, e que serve de fundamento a este "patrimônio sociocultural", com que deve adaptar-se às exigências e condicionamentos da sociedade brasileira moderna.

A dinâmica do rural brasileiro também é relatada por Kageyama (2008), que destaca a diversidade das formas de ocupações, o que se constitui num ambiente dinâmico que indica uma nova ruralidade em que os espaços podem ser de baixa ou alta densidade populacional, com atividades agrícolas, pecuárias, de educação, de turismo, entre outras. Um lugar em que a característica de relações de vizinhança e de parentesco, com controle social comunitário, é enraizada.

Com Maffesoli (2000) pode-se compreender melhor o sentido das relações de vizinhança e parentesco, quando ele diz que o que leva as pessoas a se unirem em 'aldeias'⁴, as quais se entrecruzam em relações a outras que por vezes se opõem e se ajudam, é que ao mesmo tempo em que tudo isso ocorre, elas mantêm suas identidades. O autor quer chamar a atenção para o local como campo privilegiado para o que ela chama de 'espírito de máfia', ou seja, na busca de moradia, trabalho e privilégios cotidianos, a prioridade será dada aos que pertencem a tribo ou aos que

⁴ Trata-se de uma metáfora, o que o autor quer pontuar é que em um determinado território, as pessoas de maneira mais ou menos efêmera se enraizam, se retraem, buscando abrigo e segurança. Este território pode ser desde um espaço concreto como um território simbólico.

gravitam em seus círculos de influência. Em geral, esta análise é feita no quadro da família, mas, certamente, é possível estendê-lo à família ampliada, quer dizer, a um conjunto que se apoia no parentesco, bem como, a quem estabelece múltiplas relações de amizade e de clientelismo, ou de serviços recíprocos. Assim, o termo “laço” (familiar, de amizade, etc.) deve ser compreendido em sua acepção mais estrita, isto é, a da necessidade. A ajuda mútua, sob suas diversas formas, e um dever, muitas vezes não dito.

A agricultura familiar, presente no ‘local’ não fica isenta das fortes influências dos processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações, como apontado por Ortiz (2000). Contudo, são relevantes as contribuições de Hall (2005) quando afirma ser simplista e exagerado acreditar que a globalização ameaça destruir as identidades e a “unidade” das culturas locais.

Assim, se analisada a multifuncionalidade da agricultura a partir das políticas públicas, talvez seja possível supor que a flexibilização das funções do rural seja uma imposição sobre os agricultores familiares, que nem sempre ficam em condições favoráveis ou desejáveis, mas, como lembra Dowbor (1997), por mais que algumas coisas se globalizaram, outras se tornaram mais locais, com a valorização de tradições regionais e do rural, por exemplo.

Cabe aqui as reflexões de Maffesoli (2010, p. 21), ao pontuar que “não é mais o desenvolvimentismo que prevalece, mas sim um envolvimento. O estético, nesse sentido, consiste em aproveitar esta terra e não mais violentá-la a qualquer custo”. Este talvez seja o maior legado do local, neste caso da cultura da agricultura familiar, como forma de resistência a globalização.

Pesquisas no Sudoeste do Paraná mostram consonância com o quadro descrito acima. Esta região é composta, na sua maioria absoluta por agricultores familiares que sofreram os impactos do projeto modernizador aliado a outras questões como: as precárias condições de relevo e solo, a dificuldade de crédito pelas políticas públicas elitistas, a degradação das condições de vida e do meio ambiente pelo uso intensivo do solo e a exploração predatória dos seus recursos naturais (CORONA, 1999).

Assim, vai aparecer na agenda das Políticas Públicas (pressionadas por organizações não governamentais) o debate sobre a importância da manutenção do homem no campo, que decorrem para a emergência das reflexões em torno da inclusão das atividades não agrícolas como elemento fundamental para o crescimento

e desenvolvimento sustentável local em detrimento do êxodo rural (EHLERS, 1999). O desenvolvimento rural vai deixar de estar alicerçado nas atividades agrícolas tradicionais e as reflexões caminham agora por algumas trilhas conceituais e narrativas, absorvidas das complexidades do processo da agricultura e sua interface com a multifuncionalidade e pluriatividade (TAMANINI; FERRETI, 2006). Para Veiga (2002, p. 87) “não há nada mais equivocado do que imaginar que o espaço rural está reduzido à dimensão agropastoril”.

Segundo Cazella, Bonnal e Maluf (2009) a noção de multifuncionalidade da agricultura é apreendida como um ‘novo olhar’ sobre a agricultura familiar, em que a influência mútua entre ela e o território são analisadas na dinâmica da reprodução social, considerando aspectos de seu modo de vida, sua integridade e não apenas seus determinantes econômicos. Incorporando o abastecimento, por parte dos agricultores, dos bens públicos relacionados com o meio ambiente, com a segurança alimentar e o patrimônio cultural.

O papel conferido a noção de multifuncionalidade na agricultura, é de lhe conferir sentidos que não se limite à produção agrícola para o mercado, mas se estende à oferta de serviços e bens (materiais e imateriais) à sociedade. Como a função cultural, presente na conservação do patrimônio cultural das populações locais e na produção e ou preservação de saberes e conhecimentos. A vinculação no caráter produtivista a agricultura familiar teria alterado algumas de suas funções essenciais na relação com a sociedade, tais como: a preservação do meio ambiente em determinadas áreas; a articulação do agricultor e de sua produção com os aspectos culturais e sociais do território em que está inserido, a manutenção de um modo de vida e de se reproduzir, a segurança alimentar das famílias produtoras, a preservação ambiental e a manutenção do patrimônio cultural (estilo arquitetônico das casas, manifestações culturais etc.) e a oferta de emprego rural (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009).

No debate sobre o papel da agricultura familiar no desenvolvimento nacional, é extremamente interessante a concepção identificada por Torrens (2005) que associa múltiplas dimensões na percepção de uma totalidade indissociável, que vai muito além do olhar produtivo. Entre as dimensões, além da econômica e sua relação com a segurança alimentar e nutricional e geração de ocupações rurais, impõem-se a importância da dimensão ambiental, na preservação e conservação do meio ambiente; da dimensão social e sua importância na inclusão e combate à pobreza; da

dimensão cultural, na conservação e preservação de conhecimentos e patrimônio cultural local; da dimensão política e sua importância na consolidação das organizações sociais representativas dos interesses coletivos e, por fim, na ênfase em uma perspectiva territorial, que revalorizem os espaços rurais e a constituição de novas territorialidades.

A noção de multifuncionalidade da agricultura valoriza as peculiaridades do agrícola e do meio rural por sua contribuição e potencialidade não apenas na produção de bens privados e materiais. A principal inovação dessa abordagem é expandir o campo das funções sociais atribuídas à agricultura e, de tal modo, reorientar o olhar dos formuladores de políticas, e da sociedade como um todo, para o aspecto público dos serviços e bens oferecidos à sociedade pelas famílias rurais.

Surge então, uma nova ruralidade, novas dinâmicas sociais se constroem com o rompimento da dicotomia entre o mundo rural e o mundo urbano. A definição de atividade agrícola deixa de se apoiar somente no referencial produtivo, passando a valorizar a pluralidade de funções, colaborando com o equilíbrio do meio ambiente, sua proteção no sentido do desenvolvimento rural sustentável (ZANONI, 2004).

Nesse contexto, o debate sobre o desenvolvimento local sustentável para a agricultura familiar toma espaço, tanto no estabelecimento de políticas públicas como nas ações dos movimentos sociais. Abramovay (2010) defende que o desenvolvimento local deve observar as especificidades regionais para a adoção de cultivos com maior potencial de produção, respeitados os ecossistemas locais, visto que a maior parte da produção de alimentos tem origem nos estabelecimentos familiares.

Deve-se observar que, como sustenta Tomazzoni (2009), o fato de haver crescimento econômico não é condição suficiente para o desenvolvimento humano, isto é, apresentar índices elevados de crescimento econômico, não garante uma distribuição de renda e acesso às condições básicas de vida, como educação, saúde, entre outros. Isto implica afirmar que além da renda, outros aspectos devem ser considerados na identificação e análise da condição de vida de um indivíduo ou sociedade.

No entanto, pensar no desenvolvimento sustentável remete aliar ao desenvolvimento econômico, o humano/social e o ambiental. Sachs (2009) lembra que durante a preparação da Conferência de Estocolmo, duas posições foram assumidas. A dos que previam a abundância do crescimento econômico e

consideravam que as preocupações com o meio ambiente eram descabidas e atrasariam e inibiriam os esforços dos países em desenvolvimento no seu processo de se tornar industrializados. Ou seja, a prioridade deveria ser dada à aceleração do crescimento, pois tudo que fosse negativo, fruto deste processo, poderia ser neutralizado quando estes países se tornassem desenvolvidos. Do outro lado, os pessimistas, autores do Relatório do Clube de Roma, que anunciavam o apocalipse, pois caso o crescimento demográfico e econômico não fosse imediatamente estagnado, haveria o fim do ciclo econômico em um século. Ambas as posições extremas foram vencidas por outra alternativa que buscava conciliar o crescimento econômico, que ainda se fazia necessário, incluindo os aspectos sociais e a preservação do meio ambiente.

A natureza deveria ser aproveitada racionalmente e ecologicamente sustentável, em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como estratégia de desenvolvimento. Era preciso reconhecer que todo crescimento econômico obtido através da desigualdade social e baseado em uma economia sem controle externo agrava o desperdício, a pobreza e a degradação ambiental (SACHS, 1993).

Este novo paradigma inspirou o surgimento de um 'outro desenvolvimento' caracterizado por ser endógeno, autossuficiente e orientado para as necessidades em harmonia com a natureza e aberto às mudanças institucionais. Os termos eco desenvolvimento ou desenvolvimento sustentável, fundamentados na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos não se alteraram até as conferências do Rio de Janeiro de 1992 e 2012, o que para Sachs (2009) ainda é válido, destacando que há outras dimensões no conceito de sustentabilidade, são elas: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e política internacional. Resumindo, ao apontar os caminhos para o desenvolvimento sustentável Sachs (2009) considera necessária uma abordagem holística e interdisciplinar e assim, ao falar em sustentabilidade ambiental é preciso também falar de outras dimensões que compõem este conceito.

As contribuições de Sachs enfatizam a importância da formação de identidades e da complexidade existentes nas regiões ao pensar em desenvolvimento local e sustentável, reforçando as preocupações com o social. Outro aspecto a ser levado em consideração, diz respeito a quanto o desenvolvimento é capaz de

satisfazer as necessidades humanas de maneira a integrar os aspectos sociais, ambientais e econômicos.

No Brasil, e mesmo no debate internacional, tratar de desenvolvimento local é entrar em um campo com pouco consenso e muita controvérsia. Segundo Caldas e Martins (2007), não se trata de um tema apenas controverso conceitualmente, mas também metodologicamente. Isto é, avaliar ou medir o desenvolvimento produzido pelas intervenções locais aparenta ser uma tarefa extremamente difícil.

Tratando de controvérsias, pode-se buscar exemplos na literatura sobre os distritos industriais. Por um lado, Benko e Lipietz (1994 apud CALDAS; MARTINS, 2007) consideram que as experiências de desenvolvimento local são apenas a expressão espacial de um novo arranjo industrial “pós-fordista”. Entretanto estes autores, ao apontarem para as “duas revoluções” na organização dos processos de trabalho decorrentes desta tendência, o que aparece é a importância do local. A primeira afeta as relações entre capital e trabalho diante da crise do taylorismo, pois essa conduziria a mobilização de recursos humanos que se formam não só nas empresas, mas sobretudo na cultura local, na tradição familiar, ou seja, no sistema local. A segunda refere-se à organização industrial, à relação entre as empresas. Redes de empresas ligadas por parcerias substituiriam as grandes empresas integradas do mesmo ramo, dividindo trabalho e partilhando o saber-fazer local.

Ao referir-se a este tema, Becattini (1994, apud CALDAS; MARTINS, 2007) afirma que estas experiências têm dinâmicas próprias e não são apenas reflexos da reorganização do capital internacional. Através de uma análise socioeconômica dos distritos industriais o autor defende certa autonomia do local através de seu sistema de valores e de pensamento homogêneo. Paralelamente a este sistema de valores desenvolve-se um conjunto de instituições, normas e regras destinadas a propagarem esses valores a todo o distrito, permitindo a adoção e a transmissão de geração para geração. Inclui-se nestas instituições não só a escola, a igreja, o mercado e, as autoridades e organizações políticas locais.

No âmbito das controvérsias, percebe-se também autores que acreditam ser o local o espaço privilegiado para experiências contra hegemônicas, como é o caso de Santos e Rodrigues que propõem um desenvolvimento local de base “de baixo para cima”. Ou seja, a capacidade de decidir tem na sociedade civil seu principal ator na possibilidade de transformação social e construção coletiva. Outro ponto relevante

é a produção de um ciclo de crescimento que é contrário à lógica da exclusão (2002, apud CALDAS; MARTINS, 2007).

Até aqui, tratou-se de compreender como a modernidade e mais recentemente o processo de globalização vivido nas últimas décadas, impactaram nas sociedades como a brasileira (SANTOS, 2002) e como estas se adaptaram às pressões e mudanças de correntes das novas relações entre o local e o global. Este processo gerou uma transformação do rural e do local, agora vistos como capazes de pensar e promover o seu próprio desenvolvimento. Adiante será discutido o lazer enquanto produto da sociedade moderna e suas controvérsias conceituais.

2.1.2 A Modernidade e o Lazer: Controvérsias Conceituais

Na literatura sobre o lazer, o tempo é apontado como uma das categorias conceituais, sem, entretanto, merecer mais atenção como objeto de estudo na área. A dimensão temporal é habitualmente assinalada como umas das explicações sobre possibilidades e limites de fruição do lazer na sociedade moderna, quase sempre definida como tempo linear medido pelo relógio, calendário e considerado em contraposição as obrigações sociais (PINTO, 2004).

Buscando compreender os sentidos e significados socioculturais do tempo de lazer no contexto das transformações profundas e contraditórias presentes nas sociedades modernas, Pinto (2004) adota a noção de tempo como uma construção social, que não existe sem o humano.

A diferença fundamental da perspectiva sociocultural do tempo é que, segundo essa, cada uma das estruturas do tempo social (diário, semanal e anual) se repete em ciclos diferentes, variando-se de grupo para grupo cultural. O tempo não é, pois, cíclico, linear, definindo práticas culturais por meio de intervalos regulares, repetitivos. Sua estruturação implica desejos, escolhas e possibilidades de cada grupo cultural (PINTO, 2004, p. 18).

A compreensão do lazer pelos agricultores familiares passa necessariamente pelo entendimento de que as relações estabelecidas em cada grupo social são articuladas por diferentes lógicas de estruturação do tempo e do espaço. O sociólogo inglês Antony Giddens corrobora para compreensão do lazer ao demonstrar como o conceito de tempo foi historicamente se alterando nas relações da sociedade moderna. Para ele as transformações sociais ocorridas no mundo com a expansão do

estilo, costume de vida e organização social modernas vindas da Europa a partir do século XVII, atingiu seu auge e também suas crises nas décadas finais do século XX.

Para Giddens (1991), as formas de vida geradas pela modernidade distanciaram as pessoas dos tipos tradicionais de ordem social, tanto na sua extensionalidade (espaço) quanto na intencionalidade (tempo). Todas estas transformações limitaram o conhecimento de períodos anteriores e sua interpretação. Segundo o autor, nas culturas pré-modernas o cálculo do tempo presente no cotidiano das pessoas estava vinculado ao lugar, com características totalmente diferentes de hoje, pois era impreciso e variável, ao contrário da modernidade e sua necessidade de precisão.

Antes o tempo seguia os ritmos naturais do homem e da natureza estando intimamente ligado ao seu contexto, isto é, ele era contextualizado, não era separado do espaço, a vida em sociedade era caracterizada em geral por relações presenciais de face a face. Com a invenção do relógio mecânico separou-se o tempo do espaço, o que antes acontecia mediado pelos ciclos naturais é substituído por um artefato ou clico artificial, este processo é concebido por Giddens como um desencaixe. Resumindo, o homem vivendo em seu espaço tem agora seu ciclo ditado pelo tempo padrão (relógio) compartilhado globalmente, que dita o que e quando algo deve ser feito à luz de demandas não mais controlada internamente, orientadas pelas necessidades e interesses provenientes das relações que ele estabelecia com o espaço (no seu sentido amplo: ambiente) imediato.

Segundo Thompson (1998), o relógio é um artefato símbolo da nova ordenação temporal necessária ao capitalismo e às mudanças desencadeadas pela sociedade moderna industrial, e assim, aos poucos a noção de tempo flexível vai sendo substituída por outra em que o tempo é cada vez mais rígido e controlado.

A separação de tempo e espaço acontece nas sociedades modernas pelos mecanismos de desencaixe, que para Giddens (1991) são: 1) Fichas simbólicas: são meios de intercambio que não dependem das suas características e nem das características das pessoas que o possui; como exemplo tem-se o: dinheiro que tem o mesmo valor e permite transações entre pessoas separadas no tempo e no espaço; 2) Sistemas peritos: são ambientes materiais e sociais em que há uma ênfase na técnica e na excelência profissional; como é o caso de um aeroporto que concentra tecnologias para funcionar como sistema de radar, comunicação, procedimentos de decolagem, pousos, controle aéreo, entre outros. Assim, as relações entre duas ou

mais pessoas na modernidade passam a ter como propriedade um deslocamento indefinido no tempo e no espaço.

Em busca da manutenção da identidade pessoal, das propriedades mais gerais do ser para garantir o que Giddens (1991) chamou de a segurança ontológica, a modernidade reinventou tradições afastando-se das tradições verdadeiras, em outras palavras, dos valores enraizados ao passado pré-moderno. Esse sentimento de segurança faz com que a maioria dos seres humanos acredite e se apegue a sua continuidade, constituindo identidades e fidelidades aos ambientes social e material em que vive. A previsibilidade e a familiaridade das rotinas são de extrema importância para enfrentar o desconhecido.

No pensamento de Giddens (1992) a história é marcada por continuidades e descontinuidades, assim, as formas de interconexão mudaram. Se nas sociedades pré-modernas as relações de parentesco eram um porto seguro nas relações sociais, na sociedade moderna aparecem outras formas de relacionamentos, como o de amizade íntima ou sexual. Atualmente estas são as estabilizadoras das relações sociais, isso não significa que as relações de parentesco desapareceram.

O lazer como conhecemos hoje segundo Martignoni (2013) é uma consequência dessa característica descontinuista da modernidade, pois apresenta uma ligação com as formas lúdicas das sociedades pré-modernas, mesmo com as transformações ocorridas que possibilitaram a ele adquirir a forma atual de mercadoria.

As relações de parentesco, a comunidade local, as cosmologias religiosas e a tradição eram focos de confiança e segurança ontológica nas sociedades pré-modernas, que são alteradas nas sociedades modernas. Nas sociedades pré-modernas era dada muita importância: a) a confiança localizada; b) as relações de parentesco como preceito de organização dos laços sociais através do tempo e espaço; c) a comunidade local com meio familiar; d) as crenças e práticas rituais religiosas pela sua possibilidade de interpretação da vida humana e da natureza; e) a tradição como meio conector do presente e futuro, orientado para o passado; f) as ameaças e perigos vindos da natureza, da violência humana e da perda da graça religiosa. Nas sociedades modernas é dada uma importância excessiva: a) as relações de confiança em sistemas abstratos desencaixados; b) as relações de amizade ou intimidade sexual; c) aos sistemas abstratos para estabilizar relações indefinidas de tempo e espaço; d) as ameaças e perigos vindos da flexibilidade da

modernidade, com ameaças de violência humana a partir da industrialização da guerra e das ameaças de falta de sentido pessoal originados da flexibilidade aplicada ao eu (GIDDENS, 1991).

A descontinuidade promovida pelo projeto moderno globalizado conduz a pensar como o lazer situa-se nesse contexto. Há autores, como é o caso de Coelho (2000) que busca analisá-lo a partir da globalização, entendida como a ampliação do controle financeiro mundial e das economias nacionais, por parte de um pequeno número de empresas multinacionais, gerando consequências como: a) a degradação dos salários; b) a desmobilização dos sindicatos; c) a transformação dos empregos perenes em empregos temporários; d) a perpetuação do salário menor da mulher; e) o desemprego em massa; f) a introdução do trabalho ocasional: à noite, nos finais de semana, em horas irregulares e não previsíveis⁵. Este, muito próximo do que acontece com o turismo rural.

Uma das teses de Coelho (2000) sobre o lazer na sociedade globalizada sustenta que ela elimina o lazer:

O trabalho irregular quase tanto como o desemprego pelos mecanismos de produção e de especulação financeira próprios dos tempos ditos de globalização removem a base que possibilita o lazer, ao desestruturar temporalmente as pessoas atingidas e impor-lhes uma degradação de toda a relação transcendental com o espaço e o mundo, muito além da degeneração imediata de suas condições de existência (COELHO, 2000, p. 147).

Outro autor que parte dos efeitos da globalização no campo do lazer é Dumazedier (1999), com sua descrição sociológica do lazer como um fenômeno típico da sociedade industrial “lazer possui traços específicos, características da civilização nascida na Revolução Industrial” (DUMAZEDIER, 1999, p. 26). Ao tomar a indústria como unidade de análise fundamental para a sua caracterização, o autor considera o advento da revolução ou da sociedade industrial a condição para o surgimento do lazer enquanto tal. Para Harvey (1992), a visão de Henry Ford sobre a produção industrial e do trabalhador envolto neste processo, esclarece pontualmente a visão de

⁵ Na Europa e nos Estados Unidos este tipo de trabalho é conhecido como trabalho-celular, pois o trabalhador deve ter um telefone celular permanentemente ligado e a disposição de um chamado que o convoca nos horários mais distintos, seguindo a necessidade do mercado. A disponibilidade deste trabalhador irregular é semelhante ao que diziam os opositores dos jesuítas, quando estes exigiam de seus seguidores a disponibilidade de cadáver – *perinde ac cadáver* – “estar disponível como um cadáver significa nada querer por si mesmo, portar-se como corpo sem vontade nas mãos de outrem e segundo a vontade de outrem” (COELHO, 2000, p. 148).

Dumazedier, pois para Ford a produção em massa significava também o consumo em massa.

As implicações para isso eram abrangentes, resultavam no revigoramento do sistema de trabalho, da política de controle e gerência do trabalho, da estética, da psicologia, resumindo, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. Segundo Harvey (1992) Gramsci extraiu exatamente essa implicação quando afirma em seus Cadernos do Cárcere que o americanismo e o fordismo equivaliam ao esforço coletivo para criar em uma velocidade espantosa uma consciência de propósito sem antecedentes na história, formar um novo tipo de trabalhador e de homem. Os métodos de trabalho do fordismo são inseparáveis de um modo específico de viver e sentir a vida. Questões de sexualidade, de família, formas de coerção moral, de consumo e de ação do estado estavam vinculados ao esforço que forjam um tipo particular de trabalhador, em conformidade ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo.

Ford acreditava que o novo tipo de sociedade poderia ser construído simplesmente com a aplicação adequada ao poder corporativo. O propósito do dia de oito horas e cinco dólares só em parte era obrigar o trabalhador a adquirir a disciplina necessária a operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade. Era também dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos produzidos em massa que as corporações estavam por fabricar em quantidade cada vez maiores. (HARVEY, 1992, p. 122).

Isso presumia que os trabalhadores soubessem como gastar seu dinheiro adequadamente. Assim, Harvey (1992) relata que em 1916, Ford enviou um exército de assistentes sociais aos lares de seus trabalhadores “privilegiados” para ter certeza que este novo homem tinha o tipo certo de probidade moral, de vida familiar e de capacidade de consumo prudente (não alcoólico) e racional para compreender as necessidades e expectativas da corporação.

Os progressos continuados da técnica e da ciência nos prometeram alívio no trabalho, mediante mais produção por pessoa e por unidade de tempo, com a liberação do esforço; eles também nos acenaram com mais tempo livre para todos e, paralelamente, uma realização completa da existência; mais informação; mais comunicação; mais política; maior desenvolvimento da pessoa. Enfim, um mundo melhor (SANTOS, 2000, p 32-33)

Se esse era o sonho, qual é a realidade? Kurz (2000) acredita que à medida que o tempo livre aumentou, ele foi ocupado imediatamente pela finalidade própria do capital, ou seja, a indústria da cultura e indústria do lazer passaram a ocupar e

colonizar o tempo penosamente conquistado. Assim, o homem não estabeleceu finalidades autônomas, pois ficou ligado à ditadura da própria finalidade capitalista. Para o autor o lazer assim considerado, não acontece num tempo liberado, e sim em um espaço secundário do capital. “Não se trata de ócio no seu sentido antigo, mas de tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias” (KURZ, 2000, p. 43).

A indústria cultural e de lazer, incorporou elementos de fantasia que fazem parte da cultura mediatizada das massas para fomentar o consumismo, forçando as pessoas a compartilhar o mesmo conjunto de valores, de ideias ou de aspirações que reforçam um apoio acrítico à globalização e ao neoliberalismo, apresentando-os como processos naturais da evolução moderna (ORTEGA, 2000).

A precarização nas condições de trabalho, para aqueles que ainda não se tornaram dispensáveis, fez aumentar as exigências de desempenho, ocorrendo assim, um novo prolongamento das jornadas de trabalho ou buscar mais de um emprego para sobreviver. Isso é um paradoxo para Kurz (2000), pois quanto mais a sociedade de trabalho restringe o lazer, mais desesperadamente busca-se o tempo livre de vida.

Não é só a organização da produção e as condições de emprego e desemprego que foram modificadas com a globalização, criaram-se novas atividades, inclusive as ligadas ao tempo livre e o lazer. Contudo, isso constituiu um fenômeno misto, pois opôs e reuniu a cultura de massa e cultura popular, o mundo e o lugar, o mercado e a vida. Deste modo, coloca-se novamente a relação entre o global e o local nos processos de desenvolvimento, no qual o lazer se constitui como um dos aspectos das suas multidimensões.

Nesse sentido é que o lazer oferecido no meio rural pelos agricultores familiares é entendido como aquele fundado no tripé: território, cotidiano e cultura. A vida no rural pode ser considerada como um espaço privilegiado de criação de manifestações genuínas, autênticas, sendo essa sua principal riqueza. Essas manifestações são alimentadas pelas tradições e pelas inovações. Para Santos (2000) o lazer que é oferecido pelo turismo rural, trata-se, de civilização, isto é, não se trata só de proteger recursos e lugares, mas valorizar a essência do homem. Além de cuidar da biodiversidade, trata-se de salvaguardar e potencializar a sociodiversidade.

Esse mundo dos homens lentos é que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura, territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como

expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção” (SANTOS, 2000, p. 36).

Para a historiadora Célia Serrano (2000) o interesse pelas questões ambientais, independentemente das causas que o informam e das práticas que dele decorrem, possibilita a interpretação de seus indícios como um desejo de “retorno a natureza”. A necessidade da proteção da natureza e a valorização dos saberes tradicionais, bem como a tentativa de conservá-los, são considerados elementos necessários para mudanças das posturas predatórias da sociedade em relação ao ambiente, sendo o turismo uma de suas possibilidades de reencontrar a natureza.

Neste contexto, como falar de “retorno a natureza” e valorização dos saberes tradicionais, diante do poderoso processo de homogeneização da cultura promovido pela globalização? Quais são os impactos da globalização no cotidiano local? Pode ser o turismo rural um elemento de resistência local ao processo de globalização e principalmente de uma cultura em vias de mundialização?

Estas questões suscitam retomar as discussões sobre se o lazer sempre existiu ou se é uma invenção moderna. Uma frase de Milton Santos (2000) mostra bem a complexidade dos estudos do lazer, ao considerá-lo “o lazer é um fenômeno imemorial e é um fenômeno moderno” (p.31). O autor aponta como a palavra e o fenômeno suscitam muitas questões. Se ao mesmo tempo o lazer é tão antigo que não há memórias de suas origens ele também é próprio da modernidade.

Nas últimas décadas do século XX, sociólogos, historiadores, antropólogos, psicólogos e geógrafos focalizaram de forma sistemática e específica o tempo livre e o lazer, buscando explicar o que era, como era, quais os condicionamentos naturais, as diferenças e conexões entre tempo livre, lazer, recreação, turismo e esportes (ORTEGA, 2000).

Não se sabe ao certo quando as práticas de lazer e recreação⁶ começaram a fazer parte da vida das pessoas como atividades planejadas. Acredita-se que todas elas, de certa forma se originaram da caça, da guerra, do culto e mais recentemente da festa (MÖLLER, 2008). A guerra e a caça se constituíam no trabalho dos homens

⁶ No Brasil, os autores que defendem o uso da palavra lazer, o fazem colocando-o no âmbito das atividades espontâneas, contrapondo à recreação, como dirigida. Já os que fazem a apologia da palavra recreação, utilizam-se da contraposição, exatamente ao contrário: a recreação é livre e o lazer dirigido. A dificuldade fica ainda maior, no Espanhol, onde não existe uma palavra específica para designar o lazer. Deve-se salientar que se originalmente lazer e recreação apresentavam-se de forma distinta, o primeiro visto como o tempo onde a segunda ocorria, hoje a recreação é um componente do lazer – criar de novo, dar vida nova, com novo vigor, como pode ser, também, de outras esferas de manifestação humana.

primitivos, sendo o culto uma necessidade de explicar o que não se conhecia, e a festa, executada nos tempos livres, são para alguns autores, momentos de lazer. Sendo assim, para eles o lazer sempre existiu, pois estava presente nas sociedades mais antigas e pré-industriais. Gomes (2004) lembra que os adeptos desta primeira corrente se reportam à vida social dos filósofos da antiga Grécia para defender a tese de que o lazer sempre existiu. Para Aristóteles, o *Skhole*⁷ era um estado filosófico no qual cultivava-se a mente por meio da música e da contemplação, estado que era alcançado somente por uma minoria que conseguia libertar-se da necessidade de realizar trabalho produtivo, por isso, indicava distinção social. Na antiguidade, o tempo de descanso já era percebido como uma necessidade social, momento histórico em que algumas atividades destinadas ao repouso, ao prazer e a reposição das energias físicas começaram a se projetar (RODRIGUES, 1997).

Os romanos introduziram a noção de *otium* como opção de descanso para o corpo e diversão para o espírito, condições para retomar os negócios, ou seja, o trabalho. Contudo, Manné (1980 apud GOMES, 2004) observa que para os romanos o sentido que prevalece não é de desocupação e sim de diversão. Outros autores consideram o lazer como uma necessidade básica do ser humano e, portanto, não é um fato ligado a uma ocorrência histórica. Contudo, foi com o renascimento, que os estratos superiores da sociedade se entregaram ao *dolce far niente*, restrito a uma elite que passava a vida, sem realizar nada produtivo (na ótica econômica). A nascente burguesia combateu este modo de vida, valorizando o *negotium* (negação do ócio).

Contudo, a maioria dos autores que se debruçaram sobre os estudos do lazer, considera que como o conhecemos hoje, é um fenômeno típico da sociedade urbano-industrial. Esse é o caso de Dumazedier (2004), que ao analisar as sociedades do período arcaico e mesmo as pré-industriais refuta a tese de que o lazer sempre existiu, utilizando os seguintes argumentos:

- 1) Lazer é entendido como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se entregar de livre vontade após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. Com este conceito ele descaracteriza o trabalho e o jogo que eram associados a festas no período arcaico, pois segundo ele apesar de serem diferentes, possuem significações da mesma natureza na vida da

⁷ O termo grego *Skholé* denotava um tempo desocupado, um tempo para si mesmo que gerava prazer intrínseco.

comunidade, isto é, eles se mesclam, e a oposição entre os mesmos é menor ou mesmo inexistente.

- 2) Nos períodos pré-industriais, o trabalho se inseria nos ciclos naturais dos dias e das estações do ano. Seu ritmo era natural, sendo cortado por pausas, cantos, jogos e cerimônias, não existindo um corte nítido entre trabalho e repouso, mas uma sucessão de festejos e domingos que dependiam do culto.
- 3) A ociosidade dos filósofos da antiga Grécia e dos senhores feudais também não podem ser chamados de lazer, pois eram privilegiados pela sorte e sustentavam sua ociosidade com o trabalho de escravos ou camponeses, assim, esta ociosidade não se define em relação ao trabalho, não é nem um complemento nem uma compensação, é um substituto do trabalho; lazer, não é ociosidade, não suprime o trabalho e sim o pressupõe.

O tempo fora do trabalho segundo Dumazedier (2004) é tão antigo quanto o próprio trabalho, porém, lembra o sociólogo, o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial. E assim, duas condições foram imprescindíveis para que o lazer se tornasse possível para a maioria dos trabalhadores, coexistindo apenas nas sociedades industriais e pós-industriais.

- a) Nas sociedades industriais, trabalho e lazer escapam dos ritos coletivos, mesmo que sejam exercidos determinismos sociais sobre as preferências das pessoas, o lazer depende da livre escolha de cada um.
- b) O trabalho profissional destacou-se das outras atividades ao adquirir um limite arbitrário, não mais sujeito à natureza; como o trabalho possui uma organização específica, o tempo livre é nitidamente separado dele.

Finalizando, o sociólogo francês defende o pressuposto de que o lazer foi gestado nas sociedades industriais avançadas – capitalistas ou socialistas. Lazer corresponde a uma liberação periódica no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho. Tal compreensão, para Dumazedier pode ser datada, com a invenção da máquina a vapor, o que gerou durante o século XIX uma progressiva redução da jornada de trabalho.

Assim, o lazer ainda que condicionado, é para Dumazedier (1999) um espaço de criação de novos valores, separando-se cada vez mais dos modelos compensadores do trabalho, e que tais valores influenciam não apenas o trabalho, mas também as outras instituições sociais. Ou seja, é o lazer que se torna a nova

fonte de valores, que influencia mais profundamente os modos de vida, incluindo o trabalho.

Dumazedier visou conferir à chamada “Sociologia do lazer” o estatuto de ciência como um ramo especializado da Sociologia, para tal precisava dentre os procedimentos de cunho positivista, fazer um corte do objeto estudado, elaborar hipóteses e verificá-las, utilizar estratégias metodológicas confiáveis, apontar categorias de análise, entre outras (FALEIROS, 1980; GOMES 2004). Ao fazer isso se tornou um pioneiro, hoje um clássico da sociologia do lazer.

No entanto, sua base teórica, conceitual e de classificações a respeito do lazer, passaram a ser questionadas, assim como os paradigmas das ciências tradicionais tão claramente presentes em seus estudos.

Para Pronovost (2011) não dá para defender uma sociologia autônoma do lazer, como fez Dumazedier, independente dos conceitos derivados do trabalho. Fazer isso é acreditar que o lazer se apresenta como um campo de emergência e de criação de novas lógicas sociais e culturais “transbordando” para outras esferas da vida. Dumazedier desconsiderava valores e conhecimentos, ou seja, a cultura como uma construção humana dentro de um contexto social e histórico; e que a mesma sofre o ditame da individualidade do homem que a vivencia, adotando um ponto de vista pelas suas experiências próprias e interesses (conscientes ou não).

Esse debate, expande-se quando se admite que o lazer é um fenômeno moderno, pois implica considerar apenas a organização da diversão observável a partir do século XVIII, imersa e marcada por todas as dimensões que definem e caracterizam a modernidade. A produção fabril, ao estabelecer horários artificializará os tempos sociais, ou seja, a modernidade através do seu novo modo de produção dará origem a uma jornada de trabalho, não mais pautadas somente pela natureza (agricultura tradicional), pelos desejos humanos (trabalho artesanal) ou por uma ordem social em que não há possibilidade de questionamento (trabalho escravo). Com ela, surge o tempo livre, que agora é fixado pelo relógio. Nesse *quantum* Melo (2010) lembra que se encontram as obrigações diárias, as decorrências do trabalho, as necessidades fisiológicas e os momentos de lazer.

Para Marcellino (2004) é a partir do momento histórico que marca o início da transição do estágio tradicional para o moderno que se verifica a ruptura entre a vida como um todo e o lazer, fazendo com que este adquira significação própria e que representam estilos de vida diferente. O autor identifica não haver uma separação

entre as várias esferas da vida do homem nas sociedades tradicionais, pelo fato de o local de trabalho ficar próximo, ou mesmo, se confundir com a própria moradia. A produção nesta sociedade era ligada basicamente ao núcleo familiar e submetido ao ciclo natural do tempo. Assim, trabalho e conversas se intercalavam, a vida acontecia e acompanhava o ritmo do homem. Mobilizações coletivas como o mutirão eram exemplos da relação produção/festa nas sociedades tradicionais. Em outras palavras, não havia uma distinção de tempo entre o trabalho e o lazer.

Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão social do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e há um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência dos grupos primários e despersonalizando as relações. As pessoas passam a fazer parte de grupos variados, sem ligações uns com os outros. Caracteriza-se o binômio trabalho/lazer e as ações se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os “atores” participam de cenas estanques, sem conhecer a história de seus personagens, cenas estas frequentemente interrompidas para serem retomadas em sequências totalmente diferenciadas (MARCELLINO, 2004).

Em suma, os estudos e debates sobre o lazer são complexos e ricos em possibilidades de olhares e entendimentos, muito disso se deve ao seu caráter interdisciplinar e intersetorial, o que torna menor a necessidade de adotar um conceito ou definição de lazer para o estudo das atividades lúdicas dos agricultores familiares, mas, a ideia de Marcellino (2013) de compreender lazer como cultura vivenciada parece um bom começo para compreender este importante fenômeno na vida das pessoas. O turismo rural como uma possibilidade de lazer para a população urbana, quando promovido pelos agricultores familiares vai criar uma aproximação entre trabalho urbano e rural que não era tão clara nas atividades agrícolas. Nos próximos tópicos se demonstra como lazer e turismo estabelecem relações de complementaridade, em muitos sentidos.

2.1.3 Lazer e o Turismo Rural no Brasil

Nesse debate, Marcellino (2013) contribui apontando duas linhas nos estudos do lazer no Brasil. A primeira diz respeito ao aspecto “atitude” que considera o lazer como um estilo de vida, portanto independente de um tempo determinado. Essa visão

subjetiva do que seria lazer, deixa os estudiosos da área preocupados, pois assim aceito, tudo poderia ser lazer. A segunda linha privilegia o aspecto “tempo”, só seria lazer aquilo feito no tempo liberado do trabalho e de obrigações: familiares, religiosas, entre outras. Feito isso, o autor se posiciona para conceituar lazer considerando os dois aspectos: lazer é “cultura compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível” (MARCELLINO, 2013, p. 31).

Jogos e brincadeiras populares sempre estiveram presentes no tecido social brasileiro, principalmente como prática recreativa para a maioria da população brasileira. As ideias vindas da Europa, principalmente no século XIX, anunciavam a necessidade de construção de um novo homem, mais forte, mais ágil, mais empreendedor para compor a sociedade livre. Os jogos e brincadeiras populares passam a serem alvos de críticas e perseguições pelas autoridades estatais (pressionados pela sociedade burguesa), com o argumento de provocar o desvio da atenção, e por não contribuir para o restabelecimento das forças necessárias para a retomada do trabalho (SOARES et al, 1992).

Assim, as práticas corporais organizadas e planejadas (a ginástica e posteriormente a educação física) buscou formar homens e mulheres fortes e saudáveis, pois seriam detentores de um caráter disciplinador, higiênico e eugênico (BETTI, 1991). Essas ideias segundo Marcassa e Macarenhas (2005) foram incorporadas nos primeiros centros de recreios que se proliferaram pelo Brasil, nas quatro primeiras décadas do século XX, através de atividades como esporte, lutas, jogos, acampamentos, instruções cívicas e atividades artísticas que eram aplicadas por programas recreativos vinculados à formação de um novo homem e uma nova cultura, tão necessários ao novo mundo do trabalho e da ordem burguesa, liberal e capitalista.

Pinto (2008) apresenta cronologicamente as referências ao termo lazer e como ocorreu a legalização do ‘tempo livre’ nas políticas públicas brasileiras a partir da Constituição Brasileira de 1934:

Política Pública	Acontecimentos
Constituição de 1934	Pela primeira vez fala de um “tempo de não-trabalho”
Constituição de 1937	Dá o direito ao trabalhador ao repouso semanal aos domingos e das férias anuais remuneradas.
Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) 1943	O trabalhador ganhará período mínimo para descanso, intervalo para repouso/almoço no trabalho, remuneração para repouso semanal, feriados e férias.

Criação do Sesi e Sesc em 1946	Prestação de serviços de educação, saúde, lazer e ação social dos trabalhadores da indústria e comércio e das suas famílias.
Campanha de Ruas de Recreio (1958)	Mobilizou a promoção de atividades esportivas e recreativas em ruas e praças de cidades (hoje chamadas Ruas de Lazer). Até hoje representam modelo de Política Pública de lazer da maioria dos municípios brasileiros.
Decreto 69.450 de 1971	Dispõe sobre a obrigatoriedade das aulas de educação física escolar como prática de atividades esportivos-recreativas em todos os níveis de ensino do país.
Constituição de 1988	O lazer é incluso como direito social, e deixa de ser concebido apenas aos trabalhadores.
Estatuto da Criança e Adolescente – 1990	O lazer é expresso como direito a ser assegurado pela família, sociedade em geral e poder público, devendo os municípios estimular e facilitar a promoção do lazer.
Estatuto do Idoso – 2003	Programas de lazer devem ser incentivados proporcionando melhoria da qualidade de vida do idoso e sua participação voluntária.

Quadro 1 - Políticas Públicas de Lazer no Brasil

Fonte - Adaptado de Pinto (2008)

Nos primeiros anos da década de 1980, o lazer foi marcadamente considerado força econômica no país. A propagação do lazer como tempo-espaço necessário para consumo dos produtos da indústria cultural foi radicalizada pelas exigências do modo de vida capitalista, ampliando a produção e consumo de bens, a oferta de serviços, de geração de empregos, atendendo demandas específicas ligadas ao lazer. O capitalismo provocou a disseminação do lazer, tratando os indivíduos como potenciais consumidores desses bens.

Nessa época relata Pinto (2008), o Brasil vivia graves problemas sociais como, por exemplo, o crescimento econômico desordenado e irregular no país, acentuando a pobreza, as desigualdades sociais, a insegurança pessoal, e paralelamente a isso, este período também é marcado pela participação dos atores sociais nos processos de democratização, o que gestou, segundo a autora, um ambiente propício a mudanças políticas que mais tarde influiriam nas políticas de lazer.

O lazer no Brasil tornou-se um direito social⁸ previsto no Artigo 6º da Constituição Federal de 1988⁹. Contudo, decorridos mais de 25 anos da sua

⁸A geração dos direitos sociais é decorrente do conflito estabelecido entre os liberais e os socialistas, principalmente, no campo do mundo do trabalho, nos idos da segunda metade do século 19 e início do século 20, onde as desumanas jornadas de atividades laborais, sem quaisquer condições dignas, sobrepujavam trabalhadores, crianças e mulheres (ver KUNSLER, 2009).

⁹ Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1989)

promulgação, encontra-se uma lacuna quando se olha para o lazer, pois o mesmo continua sem a devida regulamentação, o que vem trazendo embaraços na promoção de determinadas políticas públicas. O lazer é um exemplo de problema de direito constitucional, pois permanece inócuo, por inexistência de uma legislação integradora (KUNSLER et al, 2009).

São vários os autores da área do direito (DUARTE; RIBEIRO, 2008) (DUARTE, 2009) e do lazer (KUNSLER et al, 2009) que compreendem tal inviabilidade do exercício do direito social ao lazer como sendo um caso de Mandado de Injunção¹⁰, por se configurar em inconstitucionalidade por omissão ou até mesmo de Mora do Congresso Nacional.

Um dos prováveis fatores para a não regulamentação do lazer, deve-se às reivindicações do seu caráter intersetorial, isto é, ao considerá-lo tema integrado às políticas de educação, juventude, idoso, saúde, trabalho e outras, tem-se prestado a um desserviço ao mesmo, pois isso dificulta o reconhecimento e a tematização do lazer enquanto direito social (KUNSLER et al, 2009). Uma frase de Jaime Lerner quando Prefeito de Curitiba retrata bem essa visão: “No momento em que nós tivermos as funções da cidade convivendo juntas, o lazer vai ser uma decorrência” (MARCELLINO, 2004, p. 57). Dos direitos sociais previsto no Artigo 6º da Constituição Brasileira de 1988, o lazer é o único segundo Kunsler et al, que além de não ter seu nome anunciado em nenhum Ministério não tem estrutura administrativa consolidada, e por decorrência disso, inexistem normatizações ou diretrizes orientadoras para elaboração de políticas na área.

Um problema apontado por Duarte (2009) que corrobora com as reflexões acima, diz respeito a redução das diversas possibilidades de fruição que o conteúdo do lazer permite alcançar em decorrência da delimitação das políticas desenvolvidas pela administração pública que trata o lazer como mero direito à prática desportiva ou, ainda, como simples direito decorrente de atividades vinculadas ao turismo. Um exemplo que retrata isso é vivido com o mais antigo projeto de lazer do Governo do Estado do Paraná, desenvolvido pela extinta Paraná Esporte, hoje Secretaria do Esporte, chamado Verão Paraná (já teve outros nomes como Viva o Verão). O projeto caracteriza-se por oferecer atividades físicas esportivas, artísticas e recreativas no

¹⁰ Art. 5º da Constituição Federal, Inciso LXXI - Conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania.

litoral e na costa oeste do estado durante a alta temporada (final de ano e mês de janeiro). O problema é que elas atendem somente turistas, o restante da população que não viaja, não é contemplado pelo projeto.

A situação do lazer no Brasil fica mais desigual e crítica, quando se compara as possibilidades de sua vivência entre os trabalhadores urbanos e rurais, considerando programas, projetos e equipamentos específicos oriundos de políticas públicas.

Em busca de soluções para tal situação Portuguez (2006) lembra como as comunidades rurais reagiram através de mobilizações, principalmente a partir de 1980, entre elas a pluriatividade¹¹ e multifuncionalidade¹² das propriedades, diversificação da produção, automação e mecanização rural, valorização da indústria familiar, revigoramento do artesanato, incentivo às cooperativas comerciais e de serviços e, a implantação de atividades ligadas ao lazer e ao turismo nas áreas rurais.

A noção de multifuncionalidade da agricultura é tomada como um “novo olhar” sobre a agricultura familiar, que permite analisar a interação entre famílias rurais e territórios na dinâmica de reprodução social, considerando os modos de vida das famílias na sua integralidade e não apenas seus componentes econômicos. A noção incorpora a provisão, por parte desses agricultores, de bens públicos relacionados com o meio ambiente, a segurança alimentar e o patrimônio cultural (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009).

Partir das necessidades e interesses dos agricultores familiares, que não são na sua essência empreendedores turísticos, mas pessoas dispostas a compartilhar seu modo de vida, patrimônio cultural e natural como forma de aumento da renda e por que não de fruição do que alguns autores chamam de semilazer em seu interesse associativo é, em um primeiro momento, concordar com Marcassa e Mascarelhas (2005) quando afirmam ser nos momento de lazer que as pessoas tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade. Entretanto, é pertinente considerar que enquanto o visitante desfruta do tempo de não-trabalho, o agricultor

¹¹ Caracteriza-se como pluriatividade quando um ou mais membros de uma família rural realiza alguma atividade não-agrícola, seja ela, principal ou secundária, como forma de complemento de renda total e assim gerando uma nova dinâmica no grupo (SCHNEIDER, 2003).

¹² Multifuncionalidade é "o conjunto das contribuições da agricultura a um desenvolvimento econômico e social considerado na sua unidade" (CAZELLA: 2003, 83).

familiar busca complementar sua renda trabalhando em casa, ou seja desigualdades sociais podem ser percebidas até mesmo pelo direito ou não do desfrute do lazer (PORTUGUEZ, 2001).

Contudo, de todas as atividades de lazer possíveis no meio rural, são as de interesse associativas que permitem existir um forte conteúdo de sociabilidade, expresso no contato com o outro, prevalece a conversa face-a-face, e o convívio social. Paradoxalmente, alerta Camargo (2003), a vida social no lazer pode assumir outra feição, o da busca da privacidade. Essa forma pode constituir para algumas pessoas uma forma de misantropia¹³, de recusa do contato humano, de negação da sociabilidade.

No entendimento do turismo como lazer, alguns fatores podem ser agregados na busca por ambientes longe do meio urbano, além das questões ambientais e da revalorização do espaço e da cultura rural. Entre as aspirações dos adeptos do turismo rural se deve considerar a vivência de relações interpessoais mais diretas e autênticas, ou mesmo, de isolamento das relações promovidas pela vida no dia a dia. Tal perspectiva nem sempre é contemplada no entendimento do lazer e turismo no rural.

O turismo no meio rural é entendido como “o conjunto das atividades recreativas não associadas apenas ao pernoite (seguindo a terminologia sugerida pela Organização Mundial do Turismo) em áreas rurais, no contexto da geração de emprego e renda e da conservação ambiental” (SILVA, VILARINHO, DALE, 1998). E Turismo Rural como: “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (BRASIL, 2003).

É na metade do século XX que experiências turísticas no meio rural aparecem como atividade econômica, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos e mais tarde no resto do mundo. Na União Europeia, foi criado um programa de desenvolvimento rural em 1991, despertando em muitos países políticas públicas de apoio ao Turismo Rural e a outras atividades não agrícolas capazes de revitalizar os

¹³ Pessoa que prefere a solidão, não tem vida social, não gosta da convivência com outras pessoas; eremita, ermitão, solitário. Etimologicamente vem do grego *misánthōpos*, 'que odeia ou tem horror ao homem' (HOUAISS, 2002).

territórios rurais. Tendo como exemplo o modelo europeu e acreditando no desenvolvimento desta modalidade de turismo como forma de criar postos de trabalho e valorizar o patrimônio cultural e natural, atualmente está disseminado por todas as partes do mundo. (BRASIL, 2010a).

Tulik (2003) considera que nos países da União Europeia, o incremento do Turismo no espaço Rural, a partir dos anos 80, esteve relacionado às causas estruturais, como as crises e o aviltamento dos produtos agrário, além da redução do protecionismo, resultando no enfraquecimento da rentabilidade das propriedades rurais.

País	Características do Turismo Rural
Espanha	Surgiu o chamado Turismo de Retorno, teve início com iniciativas públicas e privadas, visando a promoção social, à salvaguarda do patrimônio cultural, especificamente imobiliário, de zonas rurais deprimidas e à busca por uma alternativa à massificação e saturação do turismo litorâneo.
França	Surgiu com a finalidade de combater o êxodo rural, complementar a renda nas propriedades rurais e proteger a natureza e as Políticas Públicas do Turismo Rural seguem duas lógicas: 1) Estruturada na oferta de alojamentos – abordagem territorial; 2) Abordagem por produtos, desenvolvido em torno de alojamentos com forte imagem de marca, fortemente relacionada com as atividades (Importante ressaltar que na França, Turismo Rural refere-se a qualquer atividade nessa área, mas não inclui as montanhas nem o litoral).
Itália	Passou por grandes transformações econômicas e sociais em virtude do abandono das áreas rurais. O Turismo Rural foi apresentado como uma alternativa a massificação, o <i>Agroturismo italiano</i> está correlacionado à natureza, à autêntica culinária regional, ao esporte e à cultura, apoiada no patrimônio arquitetônico e na natureza.
Portugal	Surgiu como alternativa para desenvolver as áreas rurais do interior e para combater o êxodo rural, foi inspirado na experiência de outros países, sobretudo da França. Opõem-se ao turismo massificado tipo sol e praia. Estudos mostram que a atividade se distanciou dos objetivos originais, se tornando um segmento que se caracteriza por qualidade e preços elevados, ou seja, uma atividade elitizada.
União Europeia	Esteve relacionado de modo geral, principalmente a partir da década de 80, com causas estruturais, como as crises e o aviltamento dos produtos agrários, além da redução do protecionismo, resultado do enfraquecimento da rentabilidade das propriedades rurais.

Quadro 2 - O turismo rural na perspectiva europeia

Fonte: Adaptado de Tulik, 2003.

Tamanini e Ferreti (2006) afirmam que o segmento Turismo Rural criado nos Estados Unidos se organizou sobre uma estrutura de *marketing*, ou seja, para designar um nicho de mercado, passando pelas tortuosas vias de vir-a-ser uma nova salvação para os momentos difíceis enfrentados por agricultores. Buscava-se

revitalizar propriedades familiares com a possibilidade de trazer dólares de visitantes das cidades próximas, que buscariam o retorno à vida ao campo, ao ar puro e a visão de uma paisagem de plantas e frutos, ou seja, aquele formato de cartão rústico e bucólico.

Atualmente, vive-se um fenômeno chamado de 'reencantamento' pela natureza, 'ressignificação' do espaço rural, isto é, o homem urbano está precisando sair do seu lugar de origem para voltar ao espaço não urbano, para resgatar, para retornar a outro tipo de parâmetro. E com essa 'ressignificação' do espaço rural, o turismo rural e o ecológico passaram a ganhar um significado agregado de mercado.

No Brasil, o número de turistas está crescendo¹⁴, vindos inclusive do exterior, para conhecer o patrimônio material e cultural do mundo rural brasileiro (IDESTUR, 2010). Aliado a isso, o crescimento do turismo rural no Brasil foi motivado pela necessidade das pessoas do campo em aumentar suas rendas e também pela mudança do perfil dos turistas (BRASIL, 2010b). Segundo Tomio e Dreher (2006) no início do turismo rural no Brasil a demanda turística foi suficiente e em alguns períodos excedente. Motivados por esta demanda, muitos empreendimentos (principalmente da hotelaria) investiram no turismo rural, o que ocasionou um excesso de oferta, nem um setor que já é marcado pela sazonalidade, pois a demanda do mesmo no Brasil normalmente é uma opção de final de semana, principalmente no inverno.

Para Fucks e Souza (2010) as ofertas de produtos e serviços de caráter genuinamente rural, os empreendimentos que mais facilmente atende as expectativas do visitante urbano. Os autores identificam os aspectos característicos locais e regionais, étnicos, histórico-culturais e o patrimônio rural a preservar como os principais atrativos:

- paisagens culturais regionalizadas a contemplar, formadas a partir de elementos geográficos naturais com outros resultantes da ação antrópica e dos assentamentos humanos;

¹⁴A Organização Mundial do Turismo estima que o Turismo Rural seja um segmento com grande potencial e se calcula que pelo menos 3% de todos os turistas do mundo orientam suas viagens para este segmento. A mesma fonte indica que o Turismo Rural apresenta um crescimento anual de aproximadamente 6%, o que denota uma nova tendência global, onde o turista não mais deseja ser um mero expectador de sua viagem, mas sim, o protagonista, que efetivamente vivencia experiências únicas. No Brasil, este é o segmento que mais cresce, cerca de 30% ao ano. Segundo, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, só a atividade equestre movimentou 21 milhões de turistas ao ano e esta, segundo os Indicadores Paulista de Turismo Rural, representa somente 4,9% dos do Turismo Rural (IDESTUR, 2010).

- modo de vida e de trabalho e que oportuniza ao turista acompanhar ou participar de forma ativa das experiências do dia a dia do campo.
- gastronomia típica;
- manifestações materiais e imateriais da cultura rural, como a música, linguajar, lendas, costumes, saberes, fazeres e patrimônio arquitetônico.
- instalações destinadas à prestação dos serviços que devem ser compatibilizadas com a escala e a natureza rural do lugar, sem abrir mão do conforto, da estética e da qualidade no atendimento.

As apelações de reencontro com a natureza, a harmonia, a qualidade de vida e o respeito com o meio ambiente, que se apresentam nos discursos ressignificadores do rural, revalorizam o rural e pode ser percebida nas práticas de excursões ao campo e das atividades de lazer (FROEHLICH, 2000). O imaginário do rural pelos urbanos é marcado por valores ecológicos, simbólicos e culturais. Imagens de lugares autênticos, belas paisagens, níveis baixos de poluição, ruídos e agitação motivam o deslocamento dos cidadãos para o mundo rural, no intuito de resgatar a nostalgia da vida próxima à natureza, memória e as raízes históricas no passado, de obter novas experiências e conhecimento (FUCKS; SOUZA, 2010).

É nesta busca de ‘modelos e estratégias’ para promover o desenvolvimento rural que aparece fortemente às propostas da atividade turística no meio rural em diversas formas e modalidades, sendo quase uníssona a afirmação otimista do turismo e do lazer no meio rural quanto suas possibilidades de criação de empregos e de renda complementar a agricultura familiar e desta forma melhorar a qualidade de vida dos mesmos (ALMEIDA; RIEDL, 2000) (PORTUGUEZ et al, 2006).

Nos parágrafos abaixo lista-se alguns estudos sobre a atividade turística na agricultura familiar e a noção de qualidade de vida como forma de ilustração e contraponto as afirmações acima.

Heuser e Patrício (2006)¹⁵ ao estudarem como a atividade turística interfere na qualidade de vida dos sujeitos, apresentaram as seguintes possibilidades e repercussões decorrentes da atividade: a) Reestruturação física das propriedades em virtude do recebimento dos visitantes; b) troca de experiências, estabelecendo um processo contínuo de aprendizagem dialógica entre população receptora e os

¹⁵ Pesquisa realizada em núcleos familiares receptores de turistas em Santa Rosa de Lima – Santa Catarina.

visitantes; c) a importância da mulher nas atividades produtivas e nas decisões relativas ao cotidiano e futuro da família; d) a revalorização da vida rural em várias dimensões: as possibilidades e perspectivas de sustentabilidade econômica; e) perspectivas de manter os filhos trabalhando na propriedade. Como limitações os pesquisadores apontaram: a) Dificuldade de comercialização dos produtos orgânicos, isto é, o fluxo de recursos financeiros não ocorre de acordo com as necessidades das famílias; b) privacidade das famílias receptoras: o convívio com o turista na comunidade costuma gerar desconfortos, caracterizando-se como uma espécie de “invasão” de privacidade das famílias receptoras, principalmente quando os visitantes se hospedam na residência dos agricultores.

Em outro estudo sobre o turismo vinculado à agricultura familiar Mattei (2006)¹⁶ apresentou em suas considerações as seguintes potencialidades: a) Auxilia na permanência das pessoas da família na unidade de produção; b) Rompe com o isolamento dos agricultores; c) Diversidade de produtos e serviços ofertados pelas famílias e d) Diversidade de experiências. Assim como o autor lista também seus limites: a) Condições econômicas dos participantes; b) Localização geográfica dos empreendimentos; c) Sazonalidade do público visitante; d) Geração de empregos e geração de renda.

Mattei (2006) em suas pesquisas encontrou poucos empreendimentos de turismo rural levados a cabo por agricultores familiares que apresentaram um nível de rentabilidade capaz de interferir de forma efetiva na dinâmica da renda familiar. Com isso, o autor alerta que o turismo rural na agricultura familiar talvez tenha menos importância na esfera econômica direta (emprego e renda) e maior dimensão na esfera sociocultural, isto é, valorização da cultura e hábitos, da trajetória e dos recursos naturais, fatores que também são importantes para a coesão social das comunidades de agricultores familiares. Em outra pesquisa, Santos e Almeida¹⁷ indicaram que 48% dos proprietários que exploram a atividade turística percebem os resultados como bons e satisfatório e 12% dos entrevistados como ótimo.

Ao tratar de qualidade de vida é habitual nos estudos do tema o uso de indicadores objetivos como situação econômica e os acessos a educação, transporte e saúde, especialmente no meio urbano, baseados em uma abordagem universal de

¹⁶ Pesquisa realizada em empreendimento no ramo de Turismo Rural na agricultura familiar em Santa Catarina.

¹⁷ Pesquisa realizada em propriedades rurais da metade sul do estado do Rio Grande do Sul em 2002.

qualidade de vida comum a todos os sujeitos. Alguns autores ampliam a noção de qualidade de vida e propõem que o mesmo seja estudado dentro de cada cultura específica, sendo importante considerar sua subjetividade para locais e grupos determinados. Assim, Azevedo (2008) ao estudar a qualidade de vida a partir do meio rural construiu uma relação entre saúde, qualidade de vida e agricultura orgânica considerando que os aspectos subjetivos e objetivos que aparecem nas discussões sobre saúde e qualidade de vida também estão presentes nos estudos da agricultura familiar.

Azevedo (2008) considera que qualidade de vida é dissertada nas mais diversas pesquisas, nas quais o único consenso entre elas se refere à amplitude do tema e do mesmo estar em construção. A autora considera arriscado e polêmico definir o que é qualidade de vida para um determinado indivíduo ou grupo social, para sustentar tal afirmação ela faz uso das mudanças que a noção de qualidade de vida assumiu ao longo do tempo. Nas sociedades antigas, por exemplo, a vida era a rotina e a qualidade consistia em não ter esta rotina quebrada nem pelos deuses, pelos inimigos e pela natureza. Nos séculos iniciais da modernidade, qualidade de vida era sinônimo de controle da natureza e viver nas cidades. A partir do século XX, ela se constitui em uma busca utópica do ser humano, transformado em consumo. Como esta noção tem como base à vida urbana, o industrialismo moderno e aos bens de consumo ela se torna irrealizável, por não ser possível disponibilizar tais bens a todos.

Para melhor compreender a área de conhecimento em qualidade de vida é necessário adotar uma perspectiva, ou um paradigma complexo de mundo, pois se expressa na relação entre o homem, a natureza e o ambiente que o cerca (BARBOSA, 1998). Por exemplo, embora haja diferença entre esferas de percepção deste conceito, para compreendê-las melhor é preciso que sejam associadas, que a influência de uma sobre a outra seja considerada, formando um todo. Neste sentido Nahas (2001), identifica qualidade de vida como condição humana conseguida pela soma de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais. Identifica-se, assim, a percepção subjetiva do processo de produção, circulação e consumo de bens e riquezas como elemento indicador da qualidade de vida. Por fim, qualidade de vida, para a Organização Mundial da Saúde – OMS (OMS, 1995), é “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e

preocupações”. No entanto, segundo Gill e Feinstein (apud Minayo, 2013) há falta de clareza quanto às bases conceituais para desdobrar a métrica de tal conceito.

Percebe-se que essas abordagens são construídas numa compreensão social do termo, que acata questões subjetivas como bem-estar, satisfação nas relações sociais, ambientais e culturais. Ou seja, os conceitos dependem de conhecimento do sujeito, do ambiente em que ele vive, de seu grupo de convívio, da sua sociedade e das expectativas próprias em relação a conforto e bem-estar.

A noção de qualidade de vida atualmente transita em um campo semântico polissêmico por estar relacionada ao modo, condições e estilos de vida, como também a ideias de desenvolvimento sustentável, de ecologia humana, de desenvolvimento, de direitos humanos e sociais. De acordo com Minayo, Hartz e Buss (2000, p.10), qualidade de vida é “uma noção eminentemente humana que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social, ambiental e à própria estética existencial”. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da diversidade cultural.

Nessa perspectiva, para melhor compreender a área de conhecimento em qualidade de vida é necessário adotar uma perspectiva, ou um paradigma complexo de mundo, pois se expressa na relação entre o homem, a natureza e o ambiente que o cerca. Estes aspectos precisam estar associados para que a influência de um sobre o outra seja considerada, formando um todo. Há uma relação íntima entre aspectos objetivos e subjetivos a respeito desse tema: “nenhuma análise sobre qualidade de vida individual poderá ser desenvolvida sem uma contextualização na qualidade de vida coletiva” (TUBINO, 2002, p. 263).

Conforme as definições adotadas para este contexto, quando se aborda a qualidade de vida no meio rural percebe-se que no contexto meio rural, são desenvolvidas atividades agrícolas e não agrícolas, proporciona-se aos homens e mulheres melhores condições de elevação do nível de qualidade de vida em vários aspectos.

No tocante a alimentação que influencia diretamente a saúde física e, portanto, a qualidade de vida, principalmente considerando que a agricultura familiar

produz para o consumo, ou seja, a autoprodução de alimentos, é suposto que a qualidade dos mesmos é elevada, pois a utilização de agrotóxicos e demais insumos químicos é consideravelmente diminuída e até nula quando se fala em produção para essa finalidade, em geral tida como agroecológica.

No que se refere à saúde espiritual e bem-estar social e emocional relacionados habitualmente a convivência familiar e comunitária e ao nível de stress cotidiano, a realidade rural brasileira ainda oportuniza vários momentos para esta convivência. Exemplo de convivência comunitária são as associações comunitárias muitas vezes ligadas a cunho religioso que oportuniza a convivência e as trocas entre os moradores de uma determinada região (KAGEYAMA, 2008). Na convivência familiar, os horários de trabalho mais condicionados ao período diurno e na própria propriedade oportunizam a convivência no período noturno ou em finais de semana, além dos períodos de trabalho conjuntos. O contato direto com a natureza, fator significativo na diminuição da carga de stress diária que, se comparada ao meio urbano, é consideravelmente mais baixa.

Quando se fala em acesso à educação e saúde básica, percebe-se que ainda há muito a se fazer no Brasil, pois segundo Silva (2001), há no rural brasileiro ainda muito do atraso, da violência, por razões em partes históricas, relacionadas com a forma como foi feita a nossa colonização, baseada em grandes propriedades com trabalho escravo e em parte pela omissão de políticas públicas. O autor ainda ressalta que:

Há também a emergência de um novo rural, composto tanto pelos *agribusiness* quanto por novos sujeitos sociais: alguns neo-rurais, que exploram os nichos de mercados das novas atividades agrícolas, moradores de condomínios rurais de alto padrão, loteamentos clandestinos que abrigam muitos empregados domésticos e aposentados, que não conseguem sobreviver na cidade com o salário mínimo que recebem milhões de agricultores familiares e pluriativos, empregados agrícolas e não-agrícolas e ainda milhões de “sem – sem”, excluídos e desorganizados, que além de não terem terra, também não tem emprego, não tem casa, não tem saúde, não tem educação. (SILVA, 2001, p.01).

Assim, para enfrentar este desafio de aumentar a qualidade de vida da população rural, diminuindo as desigualdades sociais, a alternativa é melhorar continuamente os serviços prestados através de políticas públicas adequadas, incluindo o rural como um ator que dialoga com urbano, buscando desenvolvimento sustentável a humanidade, em decorrência principalmente dos impactos preocupantes na natureza do projeto modernizador.

As inquietações com o desenvolvimento econômico e com a degradação do meio ambiente geraram encontros importantes, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972, que se tornou um marco quanto a preocupação com o meio ambiente. É neste contexto que principalmente na década de 1990 surge um clima propício para se discutir alternativas ambientais, na busca de resolver o impasse: desenvolvimento com conservação ambiental (BRASIL, 2010a).

As preocupações com os prejuízos ambientais e culturais em áreas sensíveis no mundo em decorrência da rápida expansão do turismo de massa no pós-Guerra e a proposição do conceito de turismo sustentável, foram alertadas e cunhado pelo professor, pesquisador, economista e ambientalista suíço Jost Krippendorf, muito antes da Comissão Mundial do Meio Ambiente e do Desenvolvimento ter popularizado o conceito de desenvolvimento sustentável (LANE, 2009).

A década de 1960, por exemplo, foi marcada pela eclosão do turismo de massa, e concomitantemente o registro e reconhecimento dos impactos negativos da atividade turística, o que levou à desmistificação da ideia de 'indústria sem chaminés'. Logo, começaram as discussões sobre 'gestão de turistas', consolidando o entendimento do turismo como atividade econômica potencialmente poluidora, a depender da maneira como ocorre. A partir do momento que os debates de conservação do meio ambiente alcançam as atividades turísticas e de lazer em áreas naturais, essas passam a ter um grande destaque. Entre estes, o Ecoturismo e o Turismo Rural vêm recebendo por parte das políticas públicas brasileiras um grande apoio. Historicamente a criação do 'Projeto Turismo Ecológico' (EMBRATUR) e da Comissão Técnica Nacional conjuntamente com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), foram consideradas as primeiras iniciativas brasileiras para ordenar o segmento (BRASIL, 2010a).

Tradicionalmente e no senso comum, o urbano e o rural são delimitados pelas atividades e funções que os caracterizam historicamente. O urbano, por exemplo, é aceito como local que se concentram indústrias, serviços, residências, poder político e financeiro, entre outros. Já as zonas rurais, principalmente pela produção de *commodity* da agricultura e pecuária. De acordo com Tulik (2003) a dinâmica contemporânea alterou a concepção sobre o uso e funções tanto do rural como do urbano, em outras palavras, observa-se que características rurais permanecem

incrustadas no espaço urbano, e funções nitidamente urbanas, chegam ao espaço rural.

De acordo com Grossi e Silva (2002, apud Reis, 2006), o rural no Brasil é constituído em síntese por três grandes grupos de atividades. A primeira é formada por uma agropecuária moderna (baseada em *commodity* e intimamente ligada às agroindústrias). A segunda por um conjunto de atividades não agrícolas (ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestações de serviços) e a terceira por um conjunto de novas atividades agropecuárias localizadas em nichos especiais de mercado. Assim, as mudanças verificadas no meio rural brasileiro, a partir da década de 1980 e o surgimento de novas dinâmicas que apontam para uma nova ruralidade, muitas vezes distante do contexto das atividades agropecuárias, proporcionaram a retomada e a intensificação destes debates, diante de sua crescente importância.

Ellis (2000) contribui com este debate, ao analisar os meios de subsistência, diversificação e as estratégias de sobrevivências das famílias rurais nos países em desenvolvimento. O principal argumento do autor está na afirmação de que para muitos agricultores familiares, as atividades agropastoris em si não fornecem meios suficientes para a sobrevivência dos mesmos no meio rural, por este motivo as famílias rurais dependem de um conjunto de atividades variadas (portfólio).

Engajar o agricultor familiar em atividades diversificadas, também implica segundo Ellis, nutrir as redes sociais de famílias e comunidades que lhe permite ser protegido e sustentado. Ou seja, a diversificação deve ser tratada de forma interdisciplinar por ter dimensões econômicas e sociais. Para isso, uma atenção especial deve ser dada para os ativos (acesso), considerado pelo autor como a capacidade dos indivíduos para realizar seu potencial como seres humanos. Os ativos para Ellis (2000) são capitais¹⁸ que podem ser:

Capital	Descrição
Natural	É a terra, os recursos hídricos e biológicos que são usados por pessoas para gerar meio de vida de sobrevivência. O capital natural é reforçado ou aumentado quando usado para elevar os índices de produtividade. Ele tem uma distinção entre os recursos renováveis e não renováveis.

¹⁸Capital são pontos básicos de construção sobre o qual as famílias são capazes de realizar, produzir e envolver-se em mercados, e participar de trocas recíprocas com outras famílias. O capital pode ser utilizado diretamente ou indiretamente, gerando os meios de sobrevivência das famílias para sustentar seus companheiros. A principal característica dos capitais é o capital de estoque (terra, árvores, máquinas), que existe neles mesmo, pois esse da origem ao fluxo e saída, ou passam a existir quando um superávit é gerado. O capital não existe como um estoque (dizendo ao pé da letra), e sim como uma fonte para que se cresça a produtividade.

Físico	É o capital que cria processos de produção econômica. Como por exemplo: canais de irrigação, estradas, ferramentas, máquinas. O bem de consumo é algo comprado e consumido pelo produtor, com fins de criar um fluxo de saída para o futuro, ou seja, afim de gerar renda com mais comodidade e facilidade ao agricultor. Exemplo: uma casa pode ser um capital físico, utilizado para produção de produtos caseiros, aumentando então seu capital financeiro.
Humano	Ellis coloca que o principal trunfo do pobre é seu próprio trabalho. Sendo que o trabalho é avaliado na família pela educação, saúde e habilidades, e deve ser investido nele mesmo para que se aumente o capital humano. O trabalho ativo também é mais eficaz por estar livre de doenças, permitindo várias estratégias de trabalho. Famílias grandes tem menor risco de ficarem prejudicados por doenças, pois permitem diversas estratégias de trabalho. A composição do trabalho humano muda constantemente em relação as razões demográficas internas (nascimento, óbito, casamento).
Financeiro	É o estoque de dinheiro que a família tem acesso, como por exemplo a poupança e o acesso ao crédito são formas produtivas de capital. Na verdade, é a facilidade de transformar a poupança e o crédito em outras formas de capital, que está ligado diretamente ao consumo que forma o capital financeiro.
Social	É a reciprocidade nas comunidades e entre famílias com base na confiança decorrente dos laços sociais. Enfatiza o tempo e os recursos que são dedicados a ampliação das redes, como um investimento futuro. É uma relação crítica e eletiva entre pessoas físicas, que poderão ser verticais como na relação de autoridade entre patrões e funcionários ou horizontais como associações voluntárias.

Quadro 3 - Os Capitais e sua descrição

Fonte: Adaptado de Ellis (2000).

Segundo Ellis (2000) a característica primordial de famílias rurais nos países em desenvolvimento, consiste na habilidade de se adaptar, isto é, de mudarem suas fontes de sustento em função das mudanças conjunturais que vão enfrentando e assim, gerarem mudanças nas estratégias de sustento atual, nas características da renda familiar e no impacto que as suas atividades têm sobre o meio ambiente. Para o autor, dar ênfase na identificação dos ativos presentes no contexto dessas famílias é uma questão imperativa na formulação de políticas públicas que buscam atender os agricultores familiares.

Até aqui percebe-se que são muitos os elementos que compõem o quadro situacional envolvendo o local, o rural, o turismo rural, o lazer, a agricultura familiar, o desenvolvimento e a sustentabilidade. Assim, não é possível compreender o turismo rural sem levá-los em conta. Contudo, alguns novos elementos reforçam o atual crescimento da demanda de turismo no meio rural, segundo alguns autores isso tem relação com o fenômeno de conscientização e reivindicação ecológica que vivem as sociedades avançadas e altamente urbanizadas, sendo também uma resposta à degradação ambiental em escala mundial e da marginalização daquilo que não é urbano, bem como de repúdio aos pacotes turísticos tradicionais das grandes agências de viagens, além de serem uma alternativa mais econômica pelo fato de serem realizadas em regiões próximas, com oportunidades de frequentá-las fora das

férias anuais (CALSA, CAPELLÀ, VAQUÉ, 1995 apud SILVA, VILARINHO, DALE, 1998).

Na visão de Tulik (2003), a preocupação com o meio ambiente, o bem-estar da comunidade, a preservação da cultura local, além de outras, incluem no conceito questões que não deveriam ser ali especificadas. Um exemplo disso é a expressão Turismo Alternativo apresentado, inicialmente, como uma forma de resistência ao Turismo Convencional, este entendido como aquele principalmente ligado ao turismo litorâneo (praia e sol) internacional e massificado. Mesmo o termo sendo considerado um termo ambíguo, sem garantir de fato uma mudança nos impactos indesejados do Turismo Convencional, o termo “Alternativo” é usado para identificar segmentos como Ecoturismo, Turismo Cultural, de Aventura, Turismo Rural, entre muitos outros.

Tulik (2003) relata que os termos Turismo Alternativos remetem a questões como sustentabilidade, ou seja, turismo em pequena escala, que a princípio gera a expectativa de evitar a degradação ambiental. Na prática, a autora afirma que se verificou em alguns lugares, mesmo áreas naturais protegidas, características de massificação, ou seja, o Turismo Alternativo promete o que não pode cumprir.

Os diversos enfoques com base no turismo considerado ‘alternativo’, gerou cerca de 25 tipos de turismo realizados em áreas naturais (ecoturismo, turismo rural, agroturismo e outros) muito em razão à crescente preocupação global por temas ambientais e do interesse que a sociedade contemporânea vem demonstrando pelo mundo natural. Interesse este, permeado pelo imaginário coletivo de ser um paraíso, visão particularmente própria nos países centrais do capitalismo ou das regiões intensamente urbanizadas nos países periféricos, os avanços técnicos científicos promoveram ambientes altamente artificializados (PIRES, 2000).

Neste sentido, dois elementos devem ser ressaltados: a paisagem e a sua interpretação ambiental. Considerado um recurso turístico por excelência a paisagem é um dos principais elementos na caracterização do turismo no meio rural. Assim, as instalações e equipamentos para o lazer e turismo devem intervir o mínimo possível nesta paisagem e, ao mesmo tempo devem observar o meio físico, biológicos e culturais, reforçando a utilização de elementos que expressem e fortaleçam a identidade local.

A interpretação ambiental procura explicar o significado do recurso ou atrativo turístico ou de lazer, isto é, proporciona o entendimento do ambiente natural e desperta a atenção e o interesse do visitante em relação à natureza e à cultura,

esclarecendo dados, fatos e correlações que não são claros ao simples olhar. Assim, a interpretação assume a responsabilidade de sensibilizar e conscientizar para as questões ambientais, contribuindo para a sustentabilidade, na medida em que as mensagens mudam e fortalecem a percepção do turista (BRASIL, 2010a).

O pensamento ecológico, seja através da vertente preservacionista ou da conservacionista, perpassa as ações e opinião de governantes, empresários, acadêmicos e do público em geral. A vertente adepta ao conservadorismo acredita ser possível o homem e natureza conviverem, dependendo do primeiro saber usar recursos naturais, sem desperdício, objetivando o bem da maioria da população, mantendo a conservação para as gerações futuras. Já os preservacionistas, veem o homem como uma ameaça para a natureza e, portanto, separado dela, para a sua proteção contra o desenvolvimento urbano. A natureza seria reverenciada no sentido de apreciação estética e espiritual da vida selvagem (DIEGUES, 2001).

Quanto a ideia de um mundo natural sem o humano, é considerado uma percepção urbana, isto é, de pessoas que vivem longe do ambiente natural. Habitantes de zonas rurais, grupos indígenas, por exemplos, não consideram a floresta selvagem, pois é a sua casa, afirma Diegues (2001). Assim, o modelo preservacionista recebe críticas dos socioambientalistas de serem inadequadas, principalmente quando aplicadas em países com grande diversidade cultural, como é o caso das populações tradicionais, isto é, camponeses, pescadores, ribeirinhos, povos da floresta. Neste contexto, os autores da crítica, afirmam que a crise ambiental, está profundamente associada à crise do modelo de desenvolvimento dos países desenvolvidos.

Os conflitos entre as diferentes visões ambientais não podem ser simplificados no debate entre o natural e o antrópico, pois ao considerar os conflitos ambientais deve-se reconhecer os diferentes aspectos e relações possíveis entre a sociedade e a natureza. Da mesma forma existem duas possibilidades de entendimento do termo Turismo Rural, na primeira ele é concebido de forma estrita, em que requer considerar o lugar, estrutura econômica, imagem e interação entre turistas e anfitriões, ou seja, especificidades da vida rural, seu habitat, sua economia e sua cultura. Na segunda, o Turismo Rural é percebido no sentido amplo, ou seja, engloba o conjunto de atividades desenvolvidas no espaço rural, mesmo reconhecendo que nem tudo que é desenvolvido nesta área é própria do rural. Segundo Tulik (2003) a expressão Turismo Rural está estritamente relacionada ao

ambiente rural e existem diferentes tipos de turismo que podem ocorrer tanto no espaço urbano como rural: turismo religioso, cultural, de negócios, de eventos e até mesmo de aventura e ecoturismo. Contudo, para fins deste estudo adota-se a expressão Turismo Rural, ligado às práticas próprias do meio rural, excluindo, práticas e conteúdo que não tenham ligação com a paisagem rural, ao estilo de vida e à cultura local.

As Diretrizes para o turismo em áreas naturais no Paraná, defendem que o mesmo é um segmento do turismo que utiliza o patrimônio natural e cultural, de forma sustentável, com intercâmbio sob diferentes formas entre o homem e a natureza, buscando promover a conservação dos recursos locais (físicos e humanos), otimizando os custos e ganhos ambientais, culturais, econômicos e sociais, orientado por planejamentos participativos (PARANÁ, 1999).

Neste documento, seus elaboradores apresentam um Quadro sintético das modalidades do turismo em áreas naturais (Tabela 1), que de forma muito clara identifica os principais tipos, atividades e subatividades que compõem o lazer e turismo em áreas naturais:

TIPO	ATIVIDADE	SUBATIVIDADE
ECOTURISMO Conjunto de atividades turísticas que utilizam, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalistas através de interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.	Espeleoturismo	
	Hiking	
	Naturismo	
	Observação de fauna e flora	Safari fotográfico
	Trekking	
TURISMO DE AVENTURA É o grupo no qual as pessoas atuam como protagonistas, desenvolvendo atividades participativas de menor ou maior intensidade, necessitando, no segundo caso, de equipamentos e serviços especializados. As atividades compreendem também expedições em busca de lugares isolados de baixa frequência, exigindo trabalho de equipe na maioria das vezes.	Aéreas	Voo livre (asa delta, paraquedas e variações e planador)
		Voo motorizado (asa delta motorizada, girocôptero, ultraleve)
	Montanhismo	Canyoning
		Escalada (técnica, solo, caminhada)
		Rapel
	Náuticas	Boia-Cross
		Canoagem e suas variações
		latismo e suas variações
		Mergulho (autônomo e livre)
		Pesca amadora
		Rafting

		Surf e suas variações
	Terrestres	Caça regulamentada
		Ciclo-turístico
		Veículos motorizados
TURISMO RURAL Conjunto de atividades turísticas realizadas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.	Agroturismo	
	Artesanato	
	Gastronomia rural	
	Lazer e recreação	Caminhadas, cavalgadas, charreteadas, colhe-e-pague, fazenda-hotel, hotel-fazenda, pesque-e-pague, pousada rural e turismo equestre.
TURISMO HISTÓRICO-CULTURAL Conjunto de atividades turísticas que se desenvolve em função do patrimônio histórico-cultural e que permitem a observação da organização social do homem junto ao seu ambiente, retratando seus usos e costumes, tanto atuais como de seus antepassados.	Manifestação populares	Cavallhada, fandango, folia de reis, tropeada, entre outras.
	Visitas a sítios arqueológicos	
	Visitas a sítios históricos	
TURISMO TÉCNICO-CIENTÍFICO Conjunto de atividades que atrai grupos específicos de turistas que buscam o intercâmbio <i>in loco</i> de informações científicas e técnicas.	Espeleologia	
	Pesquisa arqueológicos	
	Visitas técnicas a sítios científicos, reservas de fauna e flora, barragens, fazendas experimentais, etc.	
	Pesquisa e treinamento	

Tabela 1 - Quadro sintético das modalidades do turismo em áreas naturais
Fonte: PARANÁ, (1999).

O turismo rural entendido como uma atividade que agrega valor a produção e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade, demonstra uma preocupação com fatores e questões mais amplas que simplesmente com aspectos econômicos e de mercado.

Os estudos do lazer no Brasil sempre assumiram uma veia crítica das contradições sociais nas quais ele se insere e, assim, de pouca aderência ao mercado; enquanto os estudos de turismo são direcionados para uma formação profissional, dando mais ênfase ao negócio do que a cultura. Não é surpreendente, assim, verificar que em congressos de turismo as palavras-chave sejam gestão, segmentação, fidelização, etc. Já nos congressos de lazer, as palavras-chave são desigualdade social, consumo ostentatório, mudança social, inclusão, exclusão (CAMARGO, 2011).

Analisar as atividades vividas na natureza sob a ótica cultural e do lazer e não do negócio turístico, permite pensar em desenvolvimento local e sustentável, a partir das necessidades e interesses dos autóctones que na sua essência, não são empreendedores turísticos, mas pessoas dispostas a compartilhar seu modo de vida,

patrimônio cultural e natural como forma de aumento da renda e por que não de fruição do lazer em seu interesse associativo.

Para os estudiosos do lazer o turismo é um dos seus interesses ou conteúdo. Dumazedier em *Sociologia Empírica do Lazer* (2004) aponta cinco tipos de atividades de lazer:

- 1) Lazerres Físicos: O esporte até bem pouco tempo atrás apresentava-se como seu principal conteúdo, principalmente os jogos com bola e a pesca. A partir da metade do século XX, caminhadas, ginásticas ou mesmo atividades mais elaboradas como as oferecidas em academias passam a fazer parte do cotidiano tanto masculino como feminino.
- 2) Lazerres artísticos: A viagem e as férias são para Dumazedier como funções do espetáculo: desenrolar das diversas paisagens, visitas a monumentos, museus. Camargo (2003) vê no interesse artístico de lazer, a busca pelo imaginário, do sonho, do encantamento, do belo e do faz de conta. Neste interesse também estão inclusos desde a cultura erudita como a arte, cinema, teatro, literatura e artes plásticas até atividades como decoração e participação em festas, estas muito mais próximo da grande maioria das pessoas.
- 3) Lazerres práticos: No Brasil, são conhecidas como atividades manuais (bricolagem, jardinagem, entre outros) praticadas com finalidades de entretenimento e diversão são característicos destes interesses. Elas estão relacionadas com ao prazer de manipular, explorar e transformar a natureza. Muitas vezes são percebidos como atividades utilitárias, principalmente quando exercidas dentro de casa o que podem de certa forma colocá-las numa linha muito tênue entre lazer ou semilazer até chegar às obrigações familiares. Camargo (2003) defende que o ato de criar com as próprias mãos é repleto de simbolismos. As mãos são para o autor fonte de expressão não apenas gestual, mas de transformação de coisas. Neste mesmo sentido, pode-se incluir aqui, as preocupações de Marcelino (2002) entre “atividade e passividade”, isto é, a distinção entre prática e consumo.
- 4) Lazerres intelectuais: Apesar de tudo na vida ser fonte de conhecimento e informação é, sem dúvida, através da leitura elaborada e crítica que muitas pessoas preferem crescer no conhecimento. Dumazedier dizia que a arte informa por encantamento, já a ciência, informa por desencantamento. Isso nos

faz reconhecer que a leitura do mundo, se faz através da audição, visão e do tato.

- 5) Lazer social: O ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro. Camargo (2003) admite que em todas as atividades de lazer, pode existir um forte conteúdo de sociabilidade, assim, como no dia-a-dia das pessoas, no trabalho, na escola, na igreja, com familiares. Mesmo assim, existe um interesse centrado no contato com as pessoas. Contudo, a vida social no lazer, pode assumir outra feição, segundo o autor, a da busca pela privacidade. Isso talvez possa explicar o fascínio das pessoas pelas atuais redes sociais na internet, sozinhos na sua privacidade e ao mesmo tempo disponível para todos do seu meio social.

Camargo (2003) inclui a estes cinco interesses de lazer o interesse a atividades turísticas de lazer:

- 6) Lazer turístico: são aqueles centrados na mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida. Camargo (2003) considera o turismo a atividade de lazer que mais provoca ansiedade nos indivíduos, principalmente pela possibilidade de conhecer novos lugares, novas formas de vida e, além de tudo, por um curto período alterar a rotina cotidiana. Sobre o turismo como um lazer, para as pessoas, particularmente dos grandes centros urbanos, busca-se entender o que motiva as pessoas a simplesmente perderem horas e horas em monstruosos congestionamentos, a pagarem preços abusivos por hospedagem e alimentação, além da falta de água e luz, pela superlotação de cidades litorâneas que chegam a triplicar sua população nos períodos de festas e férias¹⁹. Marcelino (2002) considera que não existe uma única resposta para esta questão, entretanto um fator se encontra sempre presente como motivador para essa “aventura”: a quebra da rotina, busca por novas paisagens, de novas pessoas, costumes, ou seja, de um estilo de vida diferente.

Percebe-se que quando colocado o turismo como um dos interesses de lazer, ele ao mesmo tempo é capaz de envolver todos os outros (artísticos, físicos, intelectuais, manuais e sociais), sendo o mesmo uma oportunidade privilegiada para a satisfação de todos ou conteúdo de lazer (MARCELINO, 2002). Em todas as áreas

¹⁹ Ver caso de São Francisco do Sul em Santa Catarina: Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2014/01/falta-de-agua-e-luz-expoem-fragilidade-na-estrutura-das-praias-do-litoral-norte-4378900.html>. Acessado em 14/10/2014.

do lazer são possíveis três atitudes: praticar, assistir e estudar. Isto este implícito no esporte, no teatro, cinema, na vida social, na cultura, no conhecimento, entre outros. Camargo (2003) expõe que é difícil encontrar apenas uma destas atitudes. Normalmente observa-se a combinação de duas destas atitudes e mais raramente das três juntas.

Lazer e turismo estabelecem relações muito estreitas e possuem fronteiras quase que imperceptíveis, sem deixar de considerar que entre as duas áreas de estudo o lazer tem um debate mais aprofundado. Enquanto os estudos do lazer buscam reflexões centradas no ser que vive o lazer, o turismo foca-se em questões mais técnicas e econômicas. É neste contexto que se apresenta o próximo tópico, baseado nas discussões turísticas da região *locus* da pesquisa.

2.1.4 O *Locus* da Pesquisa: O Turismo no Sudoeste do Paraná

O Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional 2008-2011 do Governo do Estado do Paraná nomeou a Região Sudoeste do Paraná, como Região Turística Vales do Iguaçu (Figura 1). Esta região está situada no Terceiro Planalto Paranaense, fazendo divisa com a Argentina e com a Região Oeste de Santa Catarina. A região tem uma área de 17.064 Km², sendo constituída por 42 municípios: Ampére, Barracão, Bela Vista da Caroba, Boa Esperança, Bom Jesus do Sul, Bom Sucesso do Sul, Capanema, Chopinzinho, Clevelândia, Coronel Domingos Soares, Coronel Vivida, Cruzeiro do Iguaçu, Dois Vizinhos, Enéas Marques, Flor da Serra do Sul, Francisco Beltrão, Honório Serpa, Itapejara d'Oeste, Manfrinópolis, Mangueirinha, Mariópolis, Marmeleiro, Nova Esperança do Sudoeste, Nova Prata do Iguaçu, Palmas, Pato Branco, Pérola d'Oeste, Pinhal de São Bento, Planalto, Pranchita, Realeza, Renascença, Salgado Filho, Salto do Lontra, Santa Izabel do Oeste, Santo Antônio do Sudoeste, São João, São Jorge d'Oeste, Saudades do Iguaçu, Sulina, Verê e Vitorino (SETU, 2013).

Segundo o Censo de 2010 (IBGE), a região conta com uma população de 587.505 habitantes (Paraná 10.439.601). As duas cidades com maior população são Francisco Beltrão (78.957) e Pato Branco (72.373), elas concentram a maior parte da infraestrutura urbana, além dos equipamentos e serviços de apoio ao turismo (AMSOP, 2013).

As temperaturas na região variam significativamente, podendo chegar aos 40 graus no verão nas regiões mais baixas próximas ao Rio Iguaçu. As áreas mais frias estão nas cidades localizadas principalmente na fronteira com o Estado de Santa Catarina (SETU, 2013), e chegam em temperaturas inferiores a 0 grau. A cidade mais fria do Paraná, Palmas, também detém o ponto habitado mais alto do estado. O distrito de Frederico Teixeira Guimarães de Palmas é a região habitada com maior altitude do Paraná, a 1.333 metros acima do nível do mar, sendo a 21ª do Brasil (GONÇALVES, 2011).

A região é rota de argentinos e paraguaios em épocas de veraneio para as praias paranaenses e catarinenses. A implantação do porto seco da Aduana de Dionísio Cerqueira em Santa Catarina, que faz fronteira com as cidades de Barracão no Paraná e Bernardo de Irigoyen na Província Argentina de Misiones, a região tornou-se rota na movimentação de mercadorias do Mercosul (SETU, 2013).



Figura 1 - Regiões turísticas do Paraná
Fonte: SETU (2013).

A região é colonizada por descendentes de imigrantes principalmente, por italianos e alemães, que migraram da Região Sudeste do Rio Grande do Sul, sendo uma das últimas áreas de ocupação do Paraná, sendo a mesma, entre todas as Mesorregiões do estado, aquela que melhor caracteriza como importante reduto da

agricultura familiar²⁰. Mesmo com todas as transformações sofridas nas suas bases produtivas nos últimos anos, o Sudoeste manteve sua estrutura fundiária com forte predominância da pequena propriedade. Na região 97,4% dos estabelecimentos possuem menos de 100 hectares (PARANÁ, 2013).

Segundo análise do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional 2008-2011, sobre a Região Turística Vales do Iguaçu o turismo na região é incipiente. Alguns dados esclarecem esta afirmação:

- Dos 42 municípios da região, somente 13 possuem órgão oficial de turismo;
- Nestes municípios existem apenas 5 Conselhos Municipais de Turismo ativos;
- Apenas 04 municípios possuem fundos municipais de turismo ativos e destes 02 possuem Plano de Desenvolvimento de Turismo em desenvolvimento e 02 em implementação;
- Seis municípios possuem inventários Turísticos;
- Quatro têm campanhas de conscientização do turismo e um possui Lei de incentivo ao Turismo.
- Até 2008, nenhum município da região sudoeste do Paraná, possuía Pesquisa de Demanda do Turismo.

A princípio percebe-se que a atividade turística ainda não é valorizada pelos municípios da região. Entre as várias reuniões ou oficinas do Programa de Regionalização do Turismo, apenas 20 municípios estiveram presentes em algum momento e apenas 14 destes têm alguma ligação com o programa (SETU, 2013).

Apesar de todos os municípios serem convidados para participar das reuniões da Regionalização, poucos se dedicaram ao processo. A participação tem sido apenas dos municípios mais organizados e com maior potencial. A participação vem se dando por meio de 15 municípios que se encontram em estágio mais avançado no

²⁰ Segundo a Lei Federal Nº 11.326 de 2006, são considerados agricultores familiares, aqueles que atendam aos seguintes requisitos: 1) não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais (inferior a 100 hectares); 2) Utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; 3) tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo e 4) Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

desenvolvimento da atividade turística: Ampére; Barracão; Bom Sucesso do Sul; Capanema; Coronel Vivida; Francisco Beltrão; Mangueirinha; Mariópolis; Palmas; Pato Branco; Renascença; Santo Antônio do Sudoeste; São Jorge D'Oeste; Sulina; Verê (CANDIOTTO, 2011).

Em 2008 foi lançado por parte da iniciativa privada com o apoio da Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná (AMSOP) e da SETUR/PR o Guia Turístico do Sudoeste do Paraná, no qual se faz um convite para um passeio repleto de maravilhas e oportunidades de conhecer os valores culturais e a beleza dos cenários rústicos da região. Das nove (9) formas de lazer apresentadas no guia com seus respectivos locais, seis (6) refere-se ao lazer e ao turismo no meio rural: Turismo Náutico nos alagados do Rio Chopim e Rio Iguaçu; Turismo de Aventura e Ecoturismo em Capanema, Coronel Vivida e Vitorino, especificamente com a prática de rapel, *rafting*, *trekking* e parapente; Turismo Rural principalmente nas fazendas de Palmas; Agroturismo nas vinícolas e parreirais de Ampére e Mariópolis, bem como, nas cantinas e propriedades, que produzem e comercializam diversos produtos alimentícios; Turismo Técnico-científico em pesquisas na reserva de araucárias, aldeias indígenas, usina eólica e hidrelétricas e Turismo Histórico-cultural principalmente em Planalto, Santo Antônio do Sudoeste e Barracão (GUIA TURÍSTICO, 2007).

Entretanto, apesar da existência de alguns atrativos e equipamentos temáticos, a infraestrutura de apoio da maioria deste é incipiente e até bem pouco tempo atrás, nenhum deles tinha despertado o interesse de agentes e operadoras de turismo o que acarreta, segundo o SETU (2013) a inexistência de um roteiro integrado de turismo em nível comercial. Outro fator limitante é o pequeno número de empresas turísticas cadastradas em relação à população, além de não existir na região nenhum aeroporto com voos regulares.

Mesmo assim, destacam-se algumas iniciativas de Turismo Rural. O primeiro roteiro de Turismo Rural criado no Sudoeste aconteceu na cidade de Capanema. A partir da oferta de três balneários, o governo municipal procurou levantar outros atrativos de potencial e montou o Roteiro de Turismo Rural "Doce Iguassu", incorporando produtos de algumas agroindústrias e propriedades orgânicas. Criou-se uma Associação que em 2008 tinha 22 sócios, destes 15 eram proprietários de estabelecimentos do Roteiro. Atualmente, a Associação conta com 12 membros. Para Candiotto (2011), esses dados indicam que a Associação vem perdendo sócios, e

esse processo pode estar ligado à queda do número de visitantes do Roteiro. Após um período de expansão do fluxo turístico, houve uma queda das excursões, e conseqüentemente, do número de visitantes do Roteiro.

Para finalizar, observa-se na literatura acadêmica o tratamento do tema 'lazer' dos moradores do meio rural de forma transversal, ou seja, contextualizando o tema com as relações de gênero, fase da vida, e como o desenvolvimento de atividade pluriativas, como é o caso do turismo rural, pode aumentar o tempo de trabalho e reduzir o tempo de descanso e conseqüentemente de lazer.

É sempre muito interessante, compreender as diversas formas, sentidos e significados que as diferentes pessoas utilizam para fruição e vivência cultural no seu tempo de não-trabalho. Elizara Carolina Marin (1996) estudou as relações entre trabalho e diversão na vida de mulheres colonas residentes na comunidade Vale Vêneto no Rio Grande do Sul. A pesquisadora buscou através de entrevistas e observações tratar das imbricações entre trabalho, diversão, tempo e espaço, feminino e masculino, familiar e comunitário, tradicional e moderno, da constante interação com a natureza e com o sagrado, vividas pelas mulheres, e do significado cultural destas práticas. O lúdico segundo Marin se apresenta de formas diversas na vida das pesquisadas, levando a conclusão por parte da pesquisadora que o estudo não suporta generalizações, pois buscou apontar especificidades. A autora também alerta o quanto o referencial teórico atual a acerca do fenômeno do lazer estar displicente na discussão de outras realidades senão a urbano-industrial.

Mas, de certa forma, a autora assim como muitos outros estudiosos das populações rurais se nega chamar as práticas lúdicas e de diversão dos moradores rurais de lazer. Bem, motivos teóricos, talvez, justificam esse cuidado, contudo, não é possível ignorar que os agricultores familiares promotores do turismo rural, são vendedores de lazer, no seu sentido mais puro e objetivo do sistema capitalista de transformar tudo em mercadoria de consumo. Então seria impróprio academicamente questionar os vendedores de lazer (fenômeno próprio da sociedade moderna) de quais são suas percepções e práticas sobre lazer? Como ignorar o fato que este agricultor se apropriou de um construto moderno como forma de permanecer em sua propriedade e conservar suas raízes? Se as discussões do lazer não podem ser transferidas no mesmo formato que foram construídas no meio urbano para o meio rural, também não se pode ignorar que o rural faz uso deste fenômeno com visando ampliar seu *portfolio* (ELLIS, 2000).

Na presente revisão teórica buscou-se na literatura acadêmica sintetizar e determinar o significado das categorias relacionadas ao tema da pesquisa, como Modernidade, Globalização, Desenvolvimento Local, Agricultura Familiar e Turismo rural. Assim, após a delimitação do tema procurou-se relacioná-los com os debates e estudos do lazer principalmente no Brasil. Certamente, a revisão também contribui na identificação de futuros estudos ligadas a temática do lazer no meio rural.

3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos que fizeram parte da pesquisa, indicando o tipo de abordagem utilizada na investigação do problema e no atendimento dos objetivos do estudo, os processos e critérios de seleção da população e da amostra, os instrumentos e fases da coleta de dados, os procedimentos de organização para análise dos dados e informações coletados e, as limitações e potencialidades da pesquisa.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A abordagem ao problema do estudo foi qualitativa, com caráter descritivo e exploratório. Qualitativa pela busca da compreensão do lazer a partir das percepções dos agricultores familiares que em suas propriedades promovem o turismo rural. Segundo Trivinõs (1987) a abordagem qualitativa tem como foco principal a compreensão, descrição e interpretação dos significados que as pessoas projetam no fenômeno estudado, tendo um enfoque preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas.

Richardson (1985) considera que as pesquisas qualitativas podem ser caracterizadas como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados. Reconhece-se, como adverte o autor, as limitações metodológicas desta forma de pesquisa, pela possível falta de tentativas significativas para colocar as concepções e condutas dos entrevistados em um contexto histórico ou em relação com a estrutura social, o que pode gerar uma postura não crítica das falas dos entrevistados. Contudo, esta abordagem metodológica, também apresenta potencialidades, a exemplo da proximidade entre pesquisador e entrevistados, possibilitando informações detalhadas.

Para atingir os objetivos do trabalho, se fez necessário em um primeiro momento a utilização de uma pesquisa exploratória através da pesquisa de campo. O estudo foi desenvolvido com a finalidade de obter maior compreensão de uma situação concreta desconhecida para o autor: o lazer dos agricultores familiares promotores do turismo rural na região sudoeste do Paraná.

Richardson (1985) salienta que os estudos exploratórios se vinculam quando o propósito da pesquisa é de conhecer um fenômeno do qual não se tem informação sobre ele. Trivinõs afirma ser possível ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema com o estudo exploratório. Para isso, o pesquisador deve partir de uma proposição, “aprofundar seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida planejar uma pesquisa descritiva” (TRIVINÔS, 1987).

Em um segundo momento, também através da pesquisa de campo, utilizou-se da pesquisa descritiva, que objetiva conhecer e apresentar as características sociais, culturais, econômicas e ambientais dos entrevistados, ou seja, a comunidade, seus traços, suas gentes, seus problemas, bem como estabelecer relações entre outras variáveis, como a percepção de lazer por eles apresentadas e suas possibilidades na dinâmica do trabalho da família com o turismo e a agricultura. Segundo Gil (2007) a pesquisa descritiva utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionários e observação sistemática do pesquisador.

No entendimento de Rudio (1978), em uma pesquisa descritiva o pesquisador busca conhecer e interpretar a realidade, contudo, não interfere nela, nem a modifica. Isto é feito descrevendo as características dos entrevistados e estabelecendo relações entre algumas variáveis investigadas, bem como, descobrindo e observando fenômenos e assim, descrevendo, classificando e interpretando (GIL, 2007).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA DA PESQUISA

O universo da pesquisa foi composto pelos agricultores familiares que desenvolvem atividades de turismo rural em suas propriedades do município de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná. O procedimento de amostragem da pesquisa foi do tipo não-probabilístico, pois as famílias agricultoras do estudo foram selecionadas de maneira intencional, por critério de conveniência aos objetivos geral e específicos do trabalho.

As 04 (quatro) famílias agricultoras que compõem o estudo foram selecionadas segundo os seguintes critérios de conveniência:

I - Pertencer a um roteiro turístico: Identificaram-se dois roteiros turísticos no sudoeste do Paraná, o primeiro em Capanema²¹ e o segundo em Francisco Beltrão. A escolha do Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas – RTCM em Francisco Beltrão, ocorreu por 4 (quatro) motivos: 1) O roteiro existe no município desde 2007, fruto do esforço de algumas entidades públicas em conjunto com os agricultores familiares que, de forma incipiente, já recebiam visitantes em suas propriedades; 2) Por terem recebido e procurado capacitação, para atuar na área do turismo e, a partir de então, planejado as ações e eventos coletivamente; 3) Pelos avanços provenientes da capacitação e da existência do roteiro, dando maior visibilidade, publicidade e organização nas atividades oferecidas aos turistas na propriedade; 4) Pelo acesso facilitado em virtude da localização em relação às condições do pesquisador. Após a adoção destes critérios, identificamos as propriedades no quadro 04 abaixo:

Nome	Endereço	Atrativos
Cantina Graciani	Km 04	Vinhos e sucos. Oferece café da manhã e jantares italianos com reserva antecipada.
Cantina Salmória	Comunidade Rio Quibebe – 7 km da cidade	Vinhos, sucos, compotas, colhe e pague, visita ao parreiral e apresentação do processo de produção do vinho.
Chácara Rios	Comunidade de Água Vermelha – 3 km da cidade	Gastronomia, festas juninas, mirante, gruta, passeios de trator.
Colhe e Pague Santa Inês	Comunidade Rio Quibebe – 5 km da cidade	Produtos orgânicos pelo sistema e colhe e pague e galinha caipira.
Recanto da Amizade	Comunidade de Nova Concórdia – 15 km da cidade	Churrasqueiras, campo de futebol, galpão para festa. Aberto nos finais de semana sob encomenda.
Recanto do Dário	Linha São João – 10 km da cidade	Banho no rio 14 e nas suas cachoeiras, área para <i>camping</i> , campo de futebol, trilha ecológica.
Recanto Ouro Verde	Linha São Marcos – 10 km da cidade	Churrasqueiras, campos de futebol e bosque.
Recanto Renascer	Comunidade Água Vermelha – 11 km da cidade.	Trilha ecológica, cancha de bocha, campo de futebol, área para <i>camping</i> , quadra de voleibol na areia.
Recanto Vale Verde	Comunidade de Santa Bárbara – 8 km da cidade	Churrasqueiras, campo de futebol área para <i>camping</i> e pousada rural.

Quadro 4 – Propriedades que compõem o Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas

Fonte: Pesquisa de Campo 2014.

²¹O primeiro roteiro de Turismo Rural criado na Região Sudoeste do Paraná esta na cidade de Capanema. Com a denominação de Roteiro de Turismo **Doce Iguassu**, teve início em 9 de setembro de 2006 quando a administração do Parque Nacional do Iguazu em parceria com o Governo do Estado do Paraná, através do Serviço Social Autônomo Ecoparaná, propuseram o **Programa de Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Entorno do Parque Nacional do Iguazu**, com o objetivo de concretizar as propostas e os anseios da comunidade. . Disponível em Site: www.doceiguassu.com.br. Acessado em 04/05/2014.

II – Ser agricultor familiar: Estudos e pesquisas sobre o lazer dos moradores do rural, geralmente abordam o tema de forma transversal, ou seja, ligados a gênero, infância, velhice, entre outros. Agricultura familiar é entendida, neste estudo, a partir das relações sociais estabelecidas pelos seus membros na gestão, no trabalho e na reprodução social da família. Superando as análises do tema relacionados à área ou valor de produção, para fins deste trabalho, 08 (oito) das 09 (nove) propriedades, foram consideradas como de agricultores familiares. A Chácara Rios foi a única propriedade excluída da pesquisa pela adoção desse critério, pois os proprietários não residem no meio rural e não têm atividades agrícolas na sua rotina de trabalho.

III – Proprietários que o pesquisador conseguiu estabelecer contato e também concordaram e aceitaram participar da pesquisa. Das 08 (oito) identificadas como famílias agricultoras, estabeleceu-se contato e 06 (seis) famílias agricultoras aceitaram fazer a entrevista: A Cantina Salmória e os Recantos: da Amizade, do Dário, Ouro Verde, Renascer e Vale Verde.

IV – A diversidade das atividades turísticas oferecidas pelos integrantes do RTCM:

a) Propriedades em que os produtos agrícolas e seus derivados sejam o principal motivo da visita dos turistas: Das 06 (seis) propriedades apontadas acima, escolheu-se por este critério a Cantina Salmória que comercializa produtos feitos da uva e compartilha com os turistas os conhecimentos de como se cultiva, colhe a uva e produz a partir dela suco e vinho, além de compotas e geleias de pera.

b) Propriedades em que a paisagem e os recursos naturais sejam o principal atrativo para os visitantes: Das 05 (cinco) propriedades restantes todas enquadram-se neste critério os Recantos da Amizade, do Dário, Ouro Verde, Renascer e Vale Verde. Optou-se pelo Recanto Renascer, além de atender ao critério da paisagem e os atrativos naturais são o principal atrativo, sendo um dos recantos que recebe anualmente o maior número de turistas. Os atrativos oferecidos aos turistas são muito interessantes e completos de exploração do ambiente: trilha ecológica, área de camping com cabanas e churrasqueiras, passeio de tra-trem, campo de futebol, cancha de bocha, quadra de voleibol na areia, pesca e banho no Rio Marrecas entre outros. O que chamou atenção é o fato de contar com a participação ativa dos filhos que moram e trabalham fora

da propriedade, nos períodos de maiores movimentos, ele também conta com um funcionário que trabalha e reside na área do Recanto.

c) Propriedades em que a maior parte da família ainda está na propriedade e envolvida com as atividades turísticas: O Recanto do Dário, é o único dos empreendimentos turísticos em que todos os integrantes da família residem na propriedade. Na propriedade existe três residências. Na mais antiga mora a mãe do proprietário, já aposentada e com uma certa idade é a única que não trabalha mais, nem com agricultura nem com o turismo. Na residência maior mora o casal e o filho mais novo. Este se dedica em tempo integral ao turismo e ao aviário, juntamente com os pais. A filha e o genro, trabalham na cidade, mas moram na terceira residência da propriedade, quando estão em casa ajudam e trabalham nas atividades turísticas.

d) Propriedades onde os agricultores não atendem os turistas o ano todo nem em tempo integral em virtude da carga de trabalho, ou das dificuldades em manter as atividades turísticas em decorrência da sazonalidade do atrativo turístico. O Recanto da Amizade foi escolhido por não estar mais disponível em tempo integral para atender os turistas. Moram na propriedade somente o casal (ambos já estão aposentados) que dividem o tempo com as atividades agrícolas e de turismo. Os trabalhos com o turismo, acontecem com eventos pontuais, ou seja, aceitam trabalho conforme suas necessidades e interesses. Contam com a ajuda das filhas e do genro em eventos muito grandes.

Com os critérios apresentados acima, ficaram fora da pesquisa o Recanto Ouro Verde e o Recanto Vale Verde. Os dados conseguidos com a aplicação do roteiro destes dois estabelecimentos, são muito semelhantes aos outros 03 (três) recantos (Amizade, Dário e Renascer) escolhidos como amostra da pesquisa. Gomes (2015) considera a análise e interpretação dentro de uma pesquisa qualitativa não terem como finalidade apresentar números de opiniões ou pessoas, sendo o foco desta perspectiva de pesquisa o conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema investigado. Justifica o autor:

Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costumam ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam

singularidades próprias da biografia de cada interlocutor (GOMES, 2015, p. 79).

Considerando o exposto, as escolhas da amostra da pesquisa se justificam não pela convergência e sim, pela busca das diversidades e singularidades dentro da população da pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa coletou-se dados em 05 (cinco) fases, sendo utilizados vários instrumentos e técnicas: pesquisa documental, entrevista com roteiro semiestruturado, observação direta, entrevistas com formulário de pesquisa e entrevista gravada com base em roteiro semiestruturado.

Na primeira fase realizou-se pesquisa exploratória, para isso, foi utilizado dados de fontes tanto primárias como secundárias²², em *sites* governamentais, como a Secretaria de Turismo do Paraná, Prefeituras Municipais, Jornais e Sites de Notícias, Programas e Projetos de Turismo Rural e finalmente em estudos acadêmicos que trataram do tema turismo rural na região Sudoeste do Paraná. Esta etapa teve como objetivo identificar roteiros em propriedades que promoviam o turismo rural, bem como ações governamentais ou não de incentivo e fomento ao turismo rural.

A segunda fase, teve dois momentos, após identificar os Roteiros Turísticos existentes na Região Sudoeste e definição de qual estudar, seguiram-se as ponderações de Cruz Neto:

Vários são os obstáculos que podem dificultar ou até mesmo inviabilizar essa etapa da pesquisa. [...] Em primeiro lugar, devemos buscar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo. Essa aproximação pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados. [...] Em segundo lugar, destacamos como importante a apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos. Trata-se de estabelecermos uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo (CRUZ NETO, p 54-55, 2001).

²² Para Lakatos e Marconi (2003) o primeiro passo de qualquer pesquisa científica é o levantamento de dados, que pode ser feito de duas maneiras: pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias).

A principal fonte de informação e sobre as propriedades que integram o Roteiro Turístico Caminhos do Marrecas, foi fornecida pela extencionista da EMATER de Francisco Beltrão, identificada na pesquisa exploratória como responsável pela coordenação do processo de capacitação e organização do roteiro. No primeiro contato com os agricultores familiares²³, o uso das informações conseguidas com a EMATER, ajudou significativamente o estabelecimento da atenção e interesse dos entrevistados. Das 08 (oito) propriedades do RTCM identificadas como agricultores familiares, estabeleceu-se contato com somente 06 (seis) das propriedades, como relatado acima. Este momento teve a finalidade de apresentação do pesquisador, dos objetivos do estudo e o convite para participar da pesquisa. O Diário de Campo²⁴ foi o instrumento de registro das observações iniciais de cada propriedade, aspectos acerca do ambiente, dos sujeitos e suas reações colaboraram para as escolhas e análises feitas. Apesar de não ser uma pesquisa participante, a estratégia inicial foi de aceitação do pesquisador pelos entrevistados.

Nos primeiros dias de observação participante, por exemplo, o investigador fica em regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. À medida que as relações se desenvolvem, vai participando mais. Nas fases posteriores da investigação, poderá ser importante ficar novamente de fora, em termos de participação (BOGDAN; BIKLEN, p. 125, 1994)

Após o aceite dos agricultores, o Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR/PR, através da Plataforma Brasil, o qual foi aprovado com o Parecer 985.326 de 12/03/2015²⁵.

Após a aprovação, foi através de telefonemas que se estabeleceu o segundo contato com os agricultores familiares, objetivando agendar o melhor dia e horário para realização da entrevista com o roteiro semiestruturado. Agendado com cada um dos entrevistados, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²⁶ e realizada a primeira entrevista com as 6 (seis) famílias que se dispunham a participar da pesquisa e atendiam aos critérios estabelecidos. Para isso foi utilizado um roteiro

²³Agricultura familiar é entendida neste estudo a partir das relações sociais estabelecidas pelos seus membros na gestão, no trabalho e na reprodução social da família. Superando as análises do tema relacionados a área ou valor de produção.

²⁴ O diário de campo consiste de anotações, comentários e reflexão para o uso do pesquisador no seu dia-a-dia. As observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, as reflexões, experiências pessoais do pesquisador e seus comentários facilitam o ato e hábito de escrever (FALKEMBACH, 1987).

²⁵ Ver: Apêndice 1

²⁶ Ver: Apêndice 2

semiestruturado²⁷ contendo 24 (vinte e quatro) questões relacionadas aos objetivos específicos do trabalho. Neste procedimento, os entrevistados demoraram de 40 a 90 minutos²⁸ para responder as questões de maneira espontânea com anotações das respostas por parte do pesquisador.

A terceira fase constituiu na verificação da diversidade entre as 06 famílias, buscando agrupar as que mais se assemelhavam e que trariam poucas diferenças em suas práticas. Com mais procedimento, além dos critérios, é que se chegou a selecionar as 04 (quatro) famílias agricultoras entrevistadas nesta fase. Após a definição, um novo contato foi feito para agendar uma data para coletar os dados através de entrevista com base no formulário, adaptado de Corona et al (CORONA, 2006)²⁹, nessa fase buscava-se coletar dados referentes às condições sociais, culturais, econômicas e ambientais, relacionados aos entrevistados e a seus estabelecimentos rurais.

Na quarta fase, o pesquisador vivenciou os atrativos da propriedade como turista³⁰, utilizando como recurso de coletas de dados o diário de campo e fotos da propriedade e dos atrativos turísticos³¹. O objetivo nessa fase foi perceber a dinâmica do turismo e do trabalho da família, especialmente quando direcionado com o turismo rural. As fotografias não substituem o olhar atento do pesquisador de campo, contudo, esse registro visual amplia o conhecimento porque proporciona a documentação dos momentos e situações que ajudam a esclarecer o cotidiano vivenciado pelo pesquisador (MINAYO, 2013).

Na quinta fase, uma nova entrevista foi feita com os sujeitos da pesquisa usando como equipamento para coletar os dados um gravador de voz digital. Trivínos (1987) afirma que a gravação é uma forma de contar com todo o material fornecido pelo entrevistado, o que segundo ele, não ocorre seguindo outros meios. Considerando o alerta do autor sobre a possibilidade de inibição do entrevistado não familiarizado com gravações de entrevistas, tentou-se amenizar este fato, deixando esta técnica para o final da pesquisa, quando a relação entre pesquisador e

²⁷ Ver: Apêndice 3

²⁸ Este tempo dependia das respostas dos entrevistados e também do número de familiares disponíveis para participar da entrevista.

²⁹ Ver Apêndice 4

³⁰ Situamos esta etapa da pesquisa dentro das possibilidades de pesquisa participativa descritas por Lakatos e Marconi (2003) como observação na vida real, onde as observações feitas foram registradas no diário de campo conforme foram ocorrendo, espontaneamente, sem uma preparação anterior.

³¹ Ver descrição das propriedades

entrevistado já estava mais espontâneas. As perguntas realizadas nesta fase da pesquisa repetiam algumas já realizadas na aplicação do roteiro e também abordava assuntos e temas observados com a vivência e experiência do entrevistador como turista na propriedade, com a finalidade de identificar o que é lazer na percepção dos entrevistados e como ele se insere no seu cotidiano³².

As transcrições foram realizadas pelo próprio pesquisador (entrevistador) utilizando as mesmas palavras dos entrevistados, mas considerando, para efeito de redação do texto final da pesquisa, as partes das entrevistas que pudessem ser exploradas em relação ao conteúdo que atendessem aos objetivos da pesquisa. Contudo, o texto integral das respostas levantados com os entrevistados, encontram-se no Apêndice 06.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Não há fronteiras nítidas entre a coleta de dados e o início do processo de análise e a interpretação (GOMES, 2015). Mesmo considerando válida a afirmação do autor, pois tanto a análise quanto a interpretação ocorrem ao longo de todo o processo, neste tópico, serão apresentadas as etapas de como foi realizado o procedimento de análise de dados e informações coletadas na pesquisa de campo.

Os dados do formulário foram tabulados com *software* Excel 2013 e Word 2013, e apresentados na forma de gráficos e tabelas e, posteriormente, interpretados a luz da revisão teórica. A sistematização e análise foram elaboradas buscando a compreensão das percepções sociais de lazer dos entrevistados e sua relação com categorias que compõem a dinâmica do trabalho da família agricultura, como: tempo, espaço, distribuição de tarefas, trabalho, lazer e a relação trabalho e lazer.

Tendo a preocupação com o processo de compreender e estudar como o lazer se manifesta nas atividades desenvolvidas, nos procedimentos e nas relações e inter-relações cotidianas de trabalho e lazer dos agricultores familiares promotores do turismo, a definição das categorias analíticas esteve aberta até o final da análise, pois essa pode ser modificada à luz de novas categorias (LAVILLE; DIONNE, 1999). Tais categorias analíticas foram identificadas através das respostas dadas para as

³² Ver Apêndice 5

perguntas do roteiro da 1ª e 3ª fases, bem como, nas anotações de falas no diário de campo.

Após a identificação das categorias analíticas, foi realizada a análise de conteúdo. O primeiro procedimento para a análise foi a uma leitura flutuante, com objetivo de estabelecer contato com a totalidade, depois o material foi decomposto para ser novamente recomposto, sendo os mesmos reagrupados de acordo com os objetivos operacionais da pesquisa.

As fotos têm na análise dos dados a finalidade de identificar aspectos relevantes que compõem a paisagem e também a descrição dos atrativos naturais e artificiais que foram observados *in loco* pelo pesquisado. As imagens falam por si, e podem também instigar novas percepções e análises que fugiram ou não foram contempladas pelo pesquisador.

4 O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO TURISMO RURAL EM FRANCISCO BELTRÃO

Para atender os objetivos de compreender o lazer a partir das percepções e práticas dos agricultores familiares que compartilham seu modo de vida com os adeptos do turismo no meio rural, a apresentação e discussão dos resultados foram organizadas de acordo com os objetivos específicos que nortearam a pesquisa.

Assim, os dados e informações serão apresentados e discutidos na seguinte ordem: primeiro será feita a contextualização da região Sudoeste do Paraná e da cidade de Francisco Beltrão, contendo a descrição dos estabelecimentos agrícolas escolhidos para o estudo serão apresentados levando em conta seus atrativos naturais e culturais; em seguida serão tratados os dados obtidos com as entrevistas de campo (formulário, roteiro semiestruturado e entrevista gravada) buscando compreender como as atividades turísticas e agrícolas se fundem na dinâmica familiar e como o lazer das famílias acontece nesta relação com o turismo rural, portanto com o trabalho e o modo de vida da agricultura familiar.

4.1 A REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ, O MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO E O ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS DO MARRECAS

A população do Sudoeste do Paraná é composta principalmente por descendentes de imigrantes italianos, poloneses e alemães, vindos em sua grande maioria de cidades gaúchas (42,9%), paranaenses³³ (31,4%) e catarinenses (24,8%). A migração mais intensa se deu nos primeiros anos da metade do século XX, decorrentes da criação, por parte, de Getúlio Vargas da Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO em 1943, com o objetivo de promover a ocupação do Sudoeste do Paraná com a vinda de milhares de famílias de pequenos agricultores (WACHOWICZ, 1987).

³³ Os migrantes em sua grande maioria são do oeste catarinense (Chapecó, Concórdia, Joaçaba, Caçador, Videira, entre outros) e da região sudeste do Rio Grande do Sul (Irai, Tenente Portela, Três Passos, Palmeira da Missões, Erechim, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Soledade, entre outros) (WACHOWICZ, 1987).

Os migrantes recebiam da CANGO em forma de doação a casa que o colono³⁴ ajudava a construir, assistência médica, sementes e ferramentas para plantar, mas, não recebiam a escritura da terra, já que não tinham domínio sobre ela. A população cresceu de 476 famílias em 1947 para impressionantes 2.725 em 1956. Até então, mesmo sem cobrar nada pelas terras, não havia relato de conflitos na região. Paralelamente a atuação da CANGO, que tinha sua sede na cidade de Francisco Beltrão, surgiam empresas que viam nas terras da região a chance de realizarem especulações imobiliárias com grandes lucros, entre elas, a Clevelândia Industrial e Territorial Ltda – CITLA, ligada ao PSD, que exercia o Governo nas esferas Federal e Estadual na época (STECA; FLORES, 2002).

Segundo Steca e Flores (2002), a CITLA tinha realizado muitos gastos no seu plano para implantação da indústria de celulose na região, o que foi se tornando inviável em decorrência da exploração clandestina da madeira, feita por posseiros e serrarias, o que teria comprometido as reservas de pinheiros. Com o projeto celulose posto de lado, era preciso recuperar o capital investido, assim, a CITLA decidiu pôr as terras à venda para os colonos, através de duas grandes imobiliárias, a Comercial (Região de Verê e Dois Vizinhos) e a Apucarana (Região da fronteira com a Argentina). A ação destas duas companhias levou ao conflito de terras no Sudoeste conhecido como a Revolta dos Posseiros.

A CITLA (Clevelândia, Industrial e Territorial Ltda) se estabeleceu na região, na década de 1950, com base no “direito” sobre as terras que teriam sido da Brazil Railway, que incorporava as terras da CANGO e propriedades particulares, até a divisa com a Argentina. Essa companhia, tinha como objetivo vender os lotes de terra para os colonos que vinham ocupando rapidamente a região Sudoeste. Porém, ela não era reconhecida pelos colonos como legítima proprietária, porque consideravam injusto o pagamento das terras que ou seriam gratuitas pela política da CANGO ou já teriam sido “pagas” aos caboclos (CORONA, p. 72, 1999).

A Revolta dos Posseiros abrangeu quase todo o Sudoeste, contudo foi em Francisco Beltrão, então sede das companhias CITLA e Comercial que o conflito teve seu ponto culminante. Milhares de posseiros tomaram conta da cidade e expulsaram as companhias e seus funcionários. (STECA; FLORES, 2002). O Problema de litígio

³⁴ Uma colônia de terra equivale a 10 alqueires. Normalmente, é a medida de referência usada na região Sul. É por isso que os camponeses do Sul do país se auto denominam “colonos” (GOMES, 1986, nota 108, p. 55 apud STECA; FLORES, 2002).

de terras somente foi solucionado na década de 1960 com a criação do Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná – GETSOP em 1962, para continuar o trabalho iniciado pela CANGO. Segundo Lazier (s/d apud CORONA, 1999) a GETSOP até 1972 expediu 35.856 títulos sendo 30.221 rurais e 5.653 urbanos.

Grandes transformações ocorreram na Região Sudoeste no que se refere ao modo de utilização do solo desde a chegada dos colonos. Vindos de uma tradição constituída pela cultura europeia e experiências nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os colonos passaram por momentos de prosperidade (entre as décadas de 1950 a 1970), seguido por momentos de declínio (a partir da década de 1970) principalmente pela dependência de técnicas tradicionais para recompor a fertilidade do solo, usado constantemente por necessidades imediatas (ocupação das áreas e pressões do mercado por produtos agrícolas), sem oportunizar a regeneração do solo para receber novas culturas (ABRAMOVAY, 1981).

Diante desta situação Corona (1999) considera que ao agricultor restava duas possibilidades: comprar mais terras e assim oportunizar a rotação das terras, mantendo a lógica de poupar trabalho, ou ver cair a produtividade e a renda. Com as limitações ao acesso de terras, seja pelas frágeis condições financeiras dos agricultores, seja pela ocupação intensiva da região, não houve solução satisfatória a necessária recomposição da fertilidade do solo.

Assim, a agricultura familiar no Sudoeste do Paraná sofreu um processo de desgaste e a busca de alternativas modificou as condições de produção e manejo do solo. Como resultado, uma grande parcela empobreceu e muitos foram expulsos do campo. De 1970 a 1996 a população rural no Sudoeste do Paraná caiu de 81,7% para 47%. Uma parcela dos agricultores familiares aderiu às soluções presentes no pacote tecnológico, ou seja, o uso de insumos industrializados e a motomecanização vindos de fora do país e outra se manteve no campo combinando elementos da tradição com os da modernização, em constante busca de alternativas para sua permanência no rural.

Pode-se afirmar que a Região Sudoeste (Figura 2), a qual foi uma das últimas áreas de ocupação do Paraná, é entre todas as Mesorregiões do Estado, aquela em que a forte presença da agricultura familiar repercute na dinâmica econômica e social da região até os dias atuais. Mesmo com todas as transformações sofridas nas suas bases produtivas nos últimos anos, o Sudoeste manteve sua estrutura fundiária com forte predominância da pequena propriedade de base familiar.

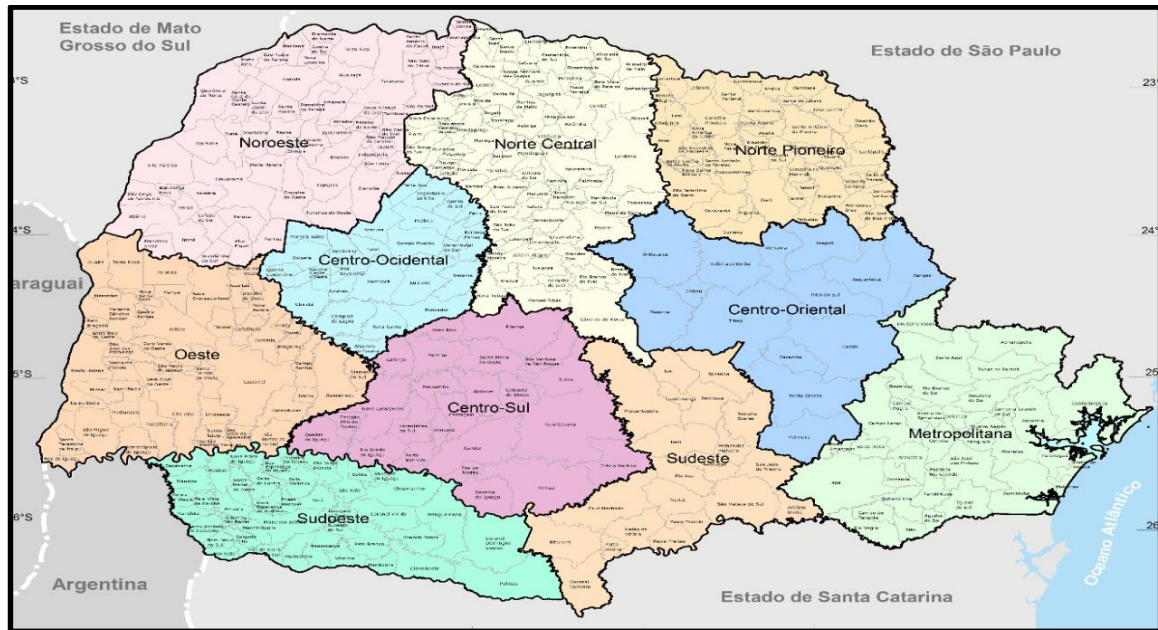


Figura 2 - Mapa das regiões do Paraná
Fonte: IPARDES 2015

Francisco Beltrão (Figura 3) tem uma população de 78.957 (IBGE, 2010), distribuída numa área territorial de 735,111 quilômetros quadrados. A densidade demográfica é de 115,39 habitantes por Km² (IPARDES, 2013), com grau de urbanização de 85.44%, a segunda maior da região (IBGE, 2010). Comparado com a média da região o número é bastante elevado, pois em 2010 a Região Sudoeste tinha uma taxa de urbanização de 55,65% (AMSOP, 2015).



Figura 3–Francisco Beltrão e Região Sudoeste do Paraná
Fonte: IPARDES 2015.

O elevado grau de urbanização pode ser uma explicação aceitável para a procura dos recantos e dos atrativos do Turismo Rural na cidade. Durante as observações na pesquisa de campo, constatou-se que na sua grande maioria os turistas são da própria cidade. Na pesquisa exploratória quando foram entrevistadas as famílias de 6 (seis) propriedades (ver gráfico 1), os mesmos informaram receberem anualmente cerca de 19.300 turistas³⁵, este número impressiona quando se considera a existência, em Francisco Beltrão de outras propriedades no meio rural que exploram comercialmente seus recursos naturais e culturais, mas que não integram o RTCM.

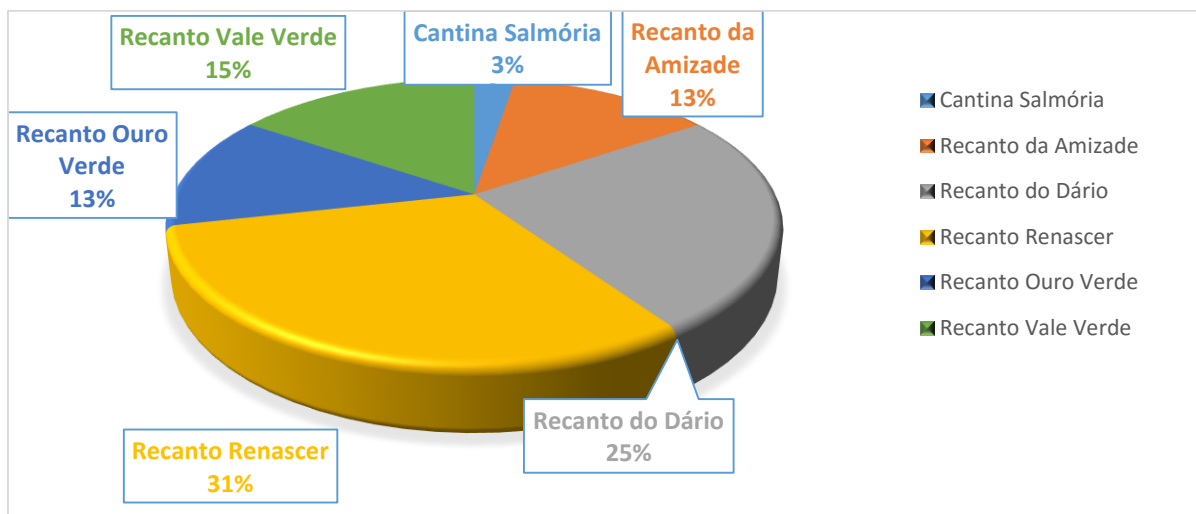


Gráfico 1 - Número de turistas recebidos anualmente (2014)
 Fonte: Pesquisa de Campo 2014

Os trabalhos desenvolvidos com Turismo Rural de Francisco Beltrão pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER tiveram início no ano de 2000. A princípio, segundo o Entrevistado 5 (Técnica da EMATER responsável pelo Turismo Rural) eles buscaram identificar as propriedades rurais com potencial para desenvolver atividades turísticas, iniciando o trabalho com as pessoas antes das propriedades como excursão em outros estados, cursos e principalmente a importância do associativismo, “visto que alguns desenvolvem a mesma atividade e inicialmente havia o sentimento de concorrência e precisavam entender que se vende o turismo como um todo” (ENTREVISTADO 5). Assim, segundo a Técnica do Instituto, a capacitação foi intensa. As propriedades foram sendo trabalhadas posteriormente,

³⁵Distribuição por propriedade dos 19.300 turistas anuais: Cantina Salmória: 500; Recanto da Amizade: 2.500; Recanto do Dário: 4.800; Recanto Renascer: 6.000; Recanto Ouro Verde: 2.500 e Recanto Vale Verde: 3.000 turistas anuais.

em “janeiro de 2007 as famílias já estavam maduras para lançar o roteiro e inauguramos o roteiro Caminhos do Marrecas com 10 famílias integradas” (ENTREVISTADO 5).

Aqui parece pertinente a contribuição de Ellis (2000), pois o que o Entrevistado 5 considera ‘maduro’, após um processo de capacitação pode-se entender por acesso aos ativos, aos capitais humano, social e também financeiro.

Os proprietários promotores de turismo rural, entrevistados, reconhecem a ação de órgãos públicos e políticas públicas que impactaram sobre as atividades desenvolvidas por eles. Em todos os casos, consideram positivas as ações a que eles tiveram acesso ou foram beneficiados. Entretanto, os entrevistados pontuam que a participação e envolvimento dos órgãos públicos não ocorreram antes deles iniciarem as atividades turísticas na propriedade. Cronologicamente pode-se verificar que as atividades se ‘formalizaram’ a partir da intervenção da EMATER que iniciou sua ação no ano 2000 em duas propriedades. Segundo Galvão (2009) o Recanto Renascer surgiu em 2002, a Cantina Salmória em 2005, porém, deve-se considerar o relato dos entrevistados: “Depois, lá no ano de 2000, que daí veio os parceiros, então que é a EMATER e a Prefeitura. O maior de todos a EMATER que iniciou, daí a EMATER puxou o poder municipal aí, o poder público” (FAMÍLIA 3).

Foi assim, as pessoas que chegaram e começaram cobrar da gente, porque o local era bom e eles queriam vim, né, aí a EMATER, já depois do ano 2000, aqui já começou a incentivar. Ela apareceu depois de um tempo na verdade, assim, que a gente tava indo meio por conta, aí depois que a gente se reuniu, que ela começou a acompanhar (FAMÍLIA 2).

Eu já produzia parreira e aí o pessoal vinha visita e procuravam comprar uva, então a gente começou a surgir esta ideia através do pessoal da EMATER, Prefeitura e uns amigos que foram se juntando e surgiu a ideia de se criar o Caminho dos Marrecas que hoje já está com vários anos de atividade e nós tamo aí, engatinhando ainda, devagarzinho nós vamos indo (FAMÍLIA 1).

O entrevistado da Família 4 relatou que tudo começou com a dificuldade de viver da agricultura. Segundo ele muitos de seus vizinhos e parentes venderam ou alugaram suas propriedades e foram embora trabalhar com outras atividades; ele lembra que a comunidade de Água Vermelha, já teve o dobro de agricultores que tem hoje. “Sempre olhei para a área e achava que ela tinha potencial. Já tinha na época o Recanto do Dário como um exemplo. A Cresol tinha contratado alguns técnicos para ajudar os sócios. Eles visitaram minha propriedade e ficaram admirados com o local e deram a sugestão de trabalhar com o turismo” (FAMÍLIA 4). Nesse caso, foi

importante a participação da ONG voltada ao crédito para fomento das atividades da agricultura familiar, da qual a família é associada até hoje.

Quanto às políticas eles recebem assistência técnica do Instituto EMATER de forma contínua e conforme a necessidade e disponibilidade de profissionais também contam, de forma pontual, de entidades como a Prefeitura Municipal, SENAR e UNIOESTE. Alguns acessam a Linha Pronaf Turismo e o Estado possui um programa chamado Rede TRAF: Turismo Rural na Agricultura Familiar com ações conjuntas com Paraná Turismo na linha de capacitação. Cada família teve seu desenvolvimento de acordo com seu perfil, provando a teoria que acredito: o turismo é feito por pessoas antes dos produtos (ENTREVISTADO 5).

A EMATER é a única entidade que foi citada por todos os entrevistados. Ela é reconhecida por eles como a pioneira no incentivo e na organização das ações que eles já realizavam, que culminou com o lançamento do RTCM. Eles atribuem a EMATER a responsabilidade por ter promovido os cursos de capacitação, a organização de viagens para outros roteiros turísticos rurais (Piratuba, Joinville, Curitiba e Salto Caxias) e principalmente o incentivo constante aos integrantes do roteiro.

A CRESOL é citada pelos entrevistados das Famílias 2, 3 e 4 pela liberação de crédito que permitiu aos mesmos investimentos específicos no turismo rural. As três famílias investiram os recursos conseguidos junto a CRESOL na ampliação e construção de instalações para receber os turistas: área coberta em que são servidas as refeições, banheiros e cozinha, além de outras melhorias no ambiente. A Família 3 citou o programa Mais Alimentos como fonte da linha de crédito.

Outros órgãos também são lembrados, o SENAR é citado pela Família 3 pela oferta de cursos de recepção ao turista, paisagismo e oratória. O Entrevistado 1 apontou que além das ações da EMATER e da Prefeitura de Francisco Beltrão, também buscou mais informações por conta própria, frequentando cursos organizados pelo EPAGRI e realizando viagens para conhecer propriedades que ofereciam atividades turísticas semelhantes as suas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A Prefeitura de Francisco Beltrão teve um papel importante para três das famílias entrevistadas³⁶ na identificação dos estabelecimentos com placas indicativas

³⁶ Um dos entrevistados não citou a Prefeitura Municipal em nenhum dos instrumentos utilizados para a pesquisa (roteiro, formulário, entrevista gravada).

nas estradas e rodovias que dão acesso às propriedades que integram o RTCM, pois possibilitam aos turistas chegarem aos locais, sem dificuldades (Fotografia 1).



Fotografia 1 – Placas indicativa do Turismo Rural em Francisco Beltrão
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015.

Nas fotos acima, percebe-se, nas placas indicativas distribuídas estrategicamente na PR 483 (Avenida Duque de Caxias no perímetro urbano da cidade, entre os dois trevos de acesso à cidade) e PR 475 (Rodovia Ricieri Cella que liga Francisco Beltrão a cidade de Verê), a localização das propriedades que promovem o turismo rural na cidade de Francisco Beltrão e compõem o RTCM.

Na PR 483 encontram-se os acessos para a Cantina Salmória (Rio Quibebe), o Recanto Renascer (Água Vermelha) e o Recanto do Dário (Linha São João) e na PR 475 o acesso ao Recanto da Amizade. Das rodovias aos pontos turísticos são poucas as possibilidades do turista se perder. Em todos os momentos em que nas estradas vicinais possa ocorrer dúvida, há uma placa indicando a direção a ser seguida. Por mais óbvio que isso possa parecer, estas ações de identificação e localização fornecidas ao turista, garantem a ele segurança e conforto, por minimizar as dúvidas, ou a sensação de estar perdido. Segundo os membros das Famílias entrevistadas a confecção e colocação das placas foi a principal ação da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão de apoio ao RTCM.

Além das placas indicativas, a administração pública de Francisco Beltrão e a EMATER também padronizaram as placas identificativas dos estabelecimentos agrícolas que compõem o RTCM. Ao chegar aos locais em que ocorrem as atividades turísticas, as placas indicativas como podem ser observadas na fotografia 2, elas

estão posicionadas sempre do lado do portão ou no portal que dá acesso às propriedades.



Fotografia 2 – Identificação das propriedades que compõem o RTCM

Fonte: Resultado da pesquisa 2015.

Nos recantos pesquisados observou-se que constam placas que visam instruir os turistas quanto ao equilíbrio homem e o meio ambiente (Fotografia 3), contendo informações sobre principalmente os cuidados com a produção e destino do lixo que pode ser gerado pelos turistas enquanto estiverem fazendo usos dos campings e dos rios.



Fotografia 3 – Placa de conscientização ambiental ao turista

Fonte: Resultado da pesquisa 2015.

A Família 4 afirmou ter recebido ajuda da Prefeitura na organização do ambiente. A presença da Prefeitura também pode ser constatada nos instrumentos de divulgação do roteiro, como panfletos e folder (Figuras 4, 5, 6 e 7), além do site da Prefeitura, dedicando uma página ao Turismo Rural. Do ponto de vista do Entrevistado 5, isso demorou para acontecer: “Financeiramente o apoio inicial foi muito pouco, os gestores municipais não acreditavam na proposta” (ENTREVISTADO 5).

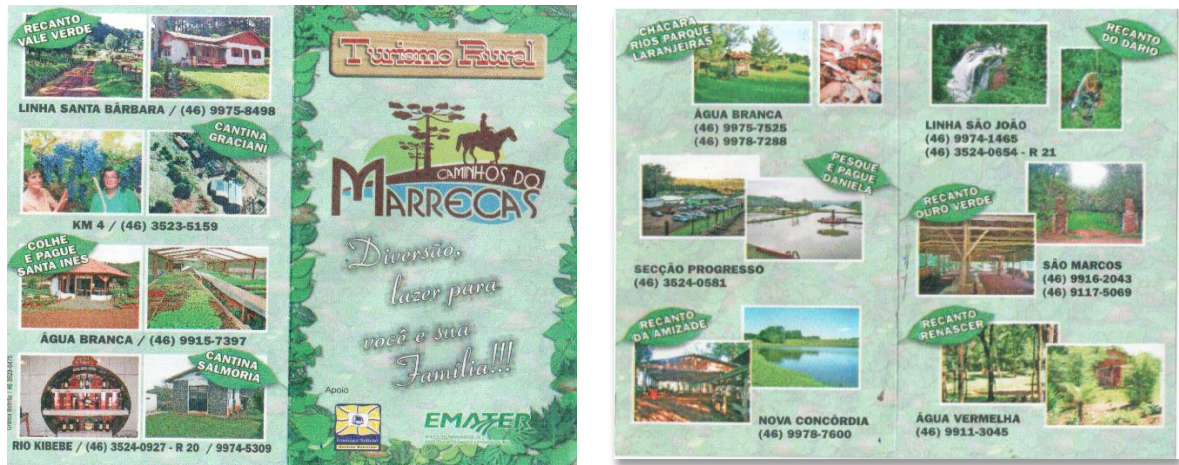


Figura 4 – Panfleto de divulgação do RTCM
Fonte: Resultado da pesquisa 2015.



Figura 5 - Panfleto de divulgação do RTCM – Lado 1
Fonte: Resultado da Pesquisa 2014



Figura 6 – Panfleto de divulgação do RTCM – Lado 2
Fonte: Resultado da Pesquisa 2014



Figura 7 – Panfleto de divulgação do RTCM
Fonte: Resultado da Pesquisa 2014

Os órgãos públicos agem de forma pragmática no sentido de fomentar e incentivar somente o que possa gerar renda e desenvolvimento econômico, esquecendo, ou negligenciando todo o potencial destes empreendimentos turísticos rurais “como importantes ferramentas de desenvolvimento de valores relacionados ao meio ambiente, à cultura rural e à convivência social” (KLEIN; SOUZA, 2014, p. 118), como deveria ser o agir de todos os setores de uma sociedade comprometida com o coletivo.



Fotografia 4 – Paisagem no Caminhos do Marrecas
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

A busca por atrativos naturais e por belas paisagens, pode ser entendida ao mesmo tempo como um desejo contemporâneo de ‘retorno a natureza’, como fruto do atual contexto de globalização da economia. Isto é, a busca do cidadão pelo rural, pode ser um sinal de preocupação em superar a dicotomia homem natureza, o que inclui a proteção ambiental, como pode ser o fortalecimento de práticas de consumo do lazer com mercantilização da natureza (SERRANO, 2005).

Contudo, não se pode deixar de considerar as possibilidades e contradições encontradas no turismo rural realizadas em Francisco Beltrão. Mais que aspectos econômicos e de conscientização ambiental, a atividade tem demonstrado potencialidades de valorização da cultura local e de se caracterizar como uma opção de turismo e lazer para classes sociais que não têm acesso ao turismo comercial, ao mesmo tempo que é pouco explorado, pela capacidade de servir como uma via privilegiada de educação ambiental e para e pelo lazer.

4.2 OS ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS E CULTURAIS OFERECIDOS PELAS PROPRIEDADES PESQUISADAS

4.2.1 A Cantina Salmória

Situada na comunidade de Rio Quibebe a Cantina Salmória está a 7 (sete) quilômetros da cidade de Francisco Beltrão. Devido à sazonalidade da uva, os proprietários declaram ter nos meses de janeiro e fevereiro o maior movimento de turista, principalmente com as atividades de colhe-pague e de degustação das diferentes espécies de uva no parreiral. Já a venda dos derivados da uva, como sucos e o vinho, dura mais alguns meses ou até acabar a produção, contudo sem o mesmo número de turistas.

As atividades turísticas realizadas na propriedade estão imbricadas com a produção agrícola, o que agrega valor aos produtos, derivado do trabalho cotidiano dos membros da família, a exemplo, da produção artesanal de geleias e compotas, as quais completam o portfólio de atividades turísticas promovidos pela família. Observa-se que a história de vida da família, seu patrimônio cultural e natural faz parte dos atrativos que compõem as atividades turísticas.

O proprietário sempre plantou uva e produziu vinho, a princípio, segundo ele para consumo, somente o excedente era vendido para amigos e conhecidos. Lidar com a uva e com o vinho é um prazer para ele, sempre fez com muito cuidado e carinho, assim, logo começaram a aparecer compradores pela repercussão positiva do que ele produzia.

Eu já produzia parreira e ai o pessoal vinha visita e procuravam comprar uva, então a gente começou a surgir esta ideia através do pessoal da EMATER, Prefeitura e uns amigos que foram se juntando e surgiu a ideia de se criar o Caminho dos Marrecas que hoje já está com vários anos de atividade e nós tamo ai, engatinhando ainda, devagarzinho nós vamos indo (PROPRIETÁRIO CANTINA SALMÓRIA, 2015).

As atividades turísticas da Cantina Salmória iniciaram juntamente com o lançamento do RTCM em 2007, antes disso, o proprietário procurou se aperfeiçoar, frequentando cursos e palestras organizados pela EMATER, EPAGRI e Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. Por iniciativa própria também visitou diversas propriedades no Rio Grande do Sul e Santa Catarina que assim como ele, recebem turistas em virtude do vinho e da uva.



Fotografia 5 – Decoração e produtos em exposição
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

Na propriedade são oferecidos vários produtos aos turistas (Fotografia 5), que vão desde frutas *in natura* aos seus derivados. Ao turista é possibilitado visitar o parreiral e fazer a colheita daquilo que deseja comprar, além da degustação dos diferentes tipos de uvas cultivados e vendidos na propriedade (Fotografias 8 e 9). Segundo o proprietário, no parreiral tem três tipos de uvas: a casca dura (*goethe*), a bordô e a niágara. Quase toda a produção de uva é para o vinho, o que não vai é comercializado *in natura*. Recentemente o proprietário e sua esposa começaram com a experiência de plantio da uva Itália.

Um dos atrativos mais interessantes do turismo nesse caso é acompanhar a apresentação do proprietário sobre o processo de produção do vinho. Segundo ele a colheita é toda feita manualmente, com uma tesoura própria para isso, os cachos são retirados do parreiral e colocados em caixas de plástico. As caixas são levadas para a cantina, local em que o vinho é produzido. O primeiro passo é passar as uvas por uma desengaçadeira, neste processo as uvas são esmagadas e os cabos são separados do mosto (mistura de casca, polpa e sementes) e o suco inicia o processo de fermentação quando as leveduras da casta entram em contato com o açúcar da polpa.

A descrição acima pode ser observada na fotografia 6, onde o processo é demonstrado pelo casal de proprietários da Cantina Salmória para os turistas, porém, o casal conta com trabalhadores sazonais que os auxiliam neste processo, mas que não participam das atividades turísticas. Estas são feitas exclusivamente pelos proprietários.



Fotografia 6 – Parreiral de uva e processo de produção do vinho
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

Depois disso, para fazer o vinho tinto, o mosto vai para um tanque de maceração. É neste momento que o vinho adquire a coloração desejada (Fotografia 7). Para produzir o vinho branco a casca da uva é retirada deste processo. Durante o processo de fermentação existe a liberação de gás carbônico além da produção do álcool, quanto mais doce a uva, maior será o teor alcoólico. Em algumas safras é necessária a adição de açúcar às uvas, pois questões ambientais com a quantidade de sol e chuva interferem na quantidade de açúcar na uva. Para se atingir uma coloração desejada ao vinho se faz necessário um trabalho chamado remontagem, que é trazer para cima o líquido que está embaixo do mosto.

Depois de 4 dias, este processo é interrompido com objetivo de separar definitivamente o mosto do líquido, assim, é aberto o registro na parte de baixo do tanque para liberar o suco. Geralmente o mosto que sobra é reaproveitado (prensado), dando origem a um vinho de menor qualidade. Durante o processo de fermentação natural é comum o uso de leveduras visando dinamizar a fermentação. Durante este processo o tanque chega a atingir 30° graus, e pode levar cerca de 10 dias. Depois o vinho é filtrado com o objetivo de reter resíduos do mosto e, enfim, é engarrafado. Depois de engarrafado o vinho é deixado no escuro no subsolo da Cantina, a temperatura máxima não passa dos 22° graus e não fica abaixo dos 12° graus. Este processo é chamado de armazenagem e maturação.



Fotografia 7 – Agricultor explicando o processo de produção do vinho
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

Cerca de 80% da renda do casal é proveniente da uva e do vinho, eles também têm gado leiteiro, contudo é muito mais para consumo do que para venda. Além da uva e de seus derivados, eles produzem de forma e quantidade artesanal doces de pêsego, pera e figo. A renda monetária é composta, também, pela aposentadoria do casal, ele como agricultor e sua esposa como professora municipal de Francisco Beltrão, além da produção de gado leiteiro.



Fotografia 8 – Vista do parreiral da Cantina Salmória
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

O proprietário considera as atividades com a manutenção do parreiral bastante trabalhosas, mas aponta o processo de transformação da uva em vinho uma

atividade extremamente prazerosa, quase um lazer, e que por ser brincalhão e tratar muito bem aos turistas, a grande maioria acaba voltando.



Fotografia 9 – Turista colhendo uva em visita ao parreiral
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

4.2.2 O Recanto da Amizade

O Recanto da Amizade está localizado na Comunidade de Nova Concórdia, a 15 quilômetros de Francisco Beltrão. Dos estabelecimentos que compõem o roteiro atualmente é o mais distante da cidade. O turista para poder usufruir do local devendo agendar a sua visita, ou participar das festas promovidas pelo recanto. Eles não atendem turistas sem contato e reserva prévia.

O turismo desenvolvido no recanto tem como base a gastronomia típica dos imigrantes italianos, associada aos hábitos alimentares dos agricultores familiares e em aspectos religiosos, bem como, às condições naturais favoráveis. Assim, pode-se afirmar que o turismo nesse caso está ligado ao patrimônio cultural (religioso e gastronômico) e natural. Segundo a família eles recebem encomendas de refeições como o leitão no tacho, cuca, requeijão, churrasco, macarronadas, entre outros, durante a estadia do turista na propriedade.

No início, os proprietários contam que eles usavam o lugar em que está o recanto para reunir a família e amigos para realização de festas e refeições de domingo. Com o tempo eles foram melhorando o local, construíram churrasqueiras e mesas para refeições, até decidirem construir alguns equipamentos para o lazer.

Surgiu através de uma cacha de bocha que nós fizemos pra família e pros vizinhos, né. Ai começou a chegar umas pessoas ali e ai começamos a nos empolgar com esse fato, e como você vê o lugar também e agradável ne, daí

começamos a procurar outras pessoas pra fazer uma parceria e surgiu o turismo rural junto (PROPRIETÁRIO DO RECANTO DA AMIZADE).

Segundo o casal de proprietários, antes de receberem algum suporte em termos de capacitação e apoio institucional, eles começaram timidamente explorando o local, “indo por conta”, inicialmente vendendo bebidas e mais tarde abrindo o local para realização de eventos esportivos (no campo de futebol), espaço para as pessoas acamparem, e também a utilização do lago para pescar.



Fotografia 10 – Festa de Nossa Senhora Aparecida organizada pela Família
Fonte: Fotos da Família 2014.

As escolhas dos proprietários sobre a forma de trabalhar com o turismo rural na propriedade vêm da experiência que, segundo eles nem sempre foi tranquila. Destacam dificuldades em relação ao comportamento de alguns turistas, principalmente, dos que vinham acampar na propriedade, o que já teria gerado muito incômodo e preocupações por parte dos membros da família. Hoje está melhor, pois tem horário definido, regras claras do que pode e o que não pode ser feito e limitação do número de pessoas, o que fica bem claro desde o momento da contratação do local pelo turista.



Fotografia 11 – Almoço organizado pela Família no Recanto da Amizade
Fonte: Fotos da Família 2014

No decorrer dos 25 anos de funcionamento do local, se constatou que a propriedade já ofereceu bastante atividades aos turistas, entretanto hoje os atrativos são menores do que já foi em anos anteriores. Além da paisagem do recanto e de um campo de futebol, os turistas que frequentam o local podem escolher se desejam eles mesmos prepararem suas refeições, ou podem solicitar isso para o casal. Atualmente a principal atração são as festas e a gastronomia, ocasiões em que os proprietários vendem bebidas, carne, pastel, cuca, requeijão e outros alimentos que podem ser encomendados com antecedência.



Fotografia 12–Turistas almoçando e cozinheiras preparando os alimentos
Fonte: Fotos da Família 2014

Mesmo abrindo a propriedade somente diante de contratação antecipada, os proprietários dizem que recebem turistas o ano todo, mais a procura é maior nos períodos das férias escolares de dezembro e janeiro, pois as turmas dos colégios fazem suas festas de confraternização no Recanto, porque ao trabalhar somente com reservas, acaba proporcionando a eles a privacidade que desejam neste tipo de festa. Diante desta situação, o pesquisador não conseguiu visitar a propriedade em um evento realizado pelos proprietários.

A família diz que anualmente promovem a Festa de Nossa Senhora Aparecida, na qual, em 2014, chegaram a receber mais de 1.000 visitantes (Fotografias 10, 11 e 12). Mesmo assim, segundo os proprietários são eles que vendem os convites para as pessoas participarem da festa, dificilmente alguém consegue ingressos sem conversar com a família antes.

4.2.3 O Recanto do Dário

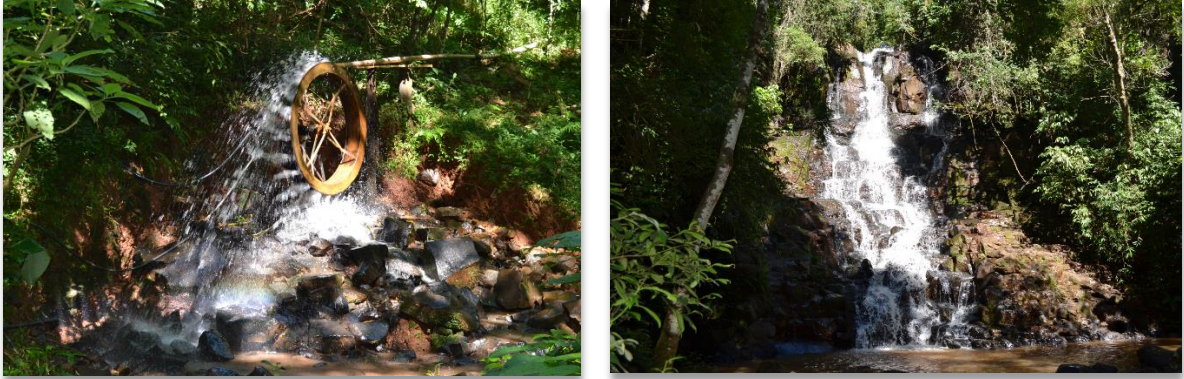
A propriedade fica na comunidade São João, a 10 quilômetros da cidade de Francisco Beltrão. O recanto é considerado um dos mais antigos em funcionamento no município. As primeiras atividades desenvolvidas pela família com o turismo rural datam do final da década de 1990. A exemplo da família proprietária do Recanto da Amizade, eles começaram com a “cara e a coragem”, fazendo um pequeno cercado de madeira para vender bebidas aos turistas. No dia 1º de outubro de 1998 eles abriram pela primeira vez a propriedade para os turistas cobrando a entrada na propriedade. Segundo a esposa do proprietário eles arrecadaram neste dia R\$ 3,00. As primeiras iniciativas foram feitas sem nenhuma capacitação e sem nenhum recurso financeiro de fora. As melhorias feitas para receber os primeiros turistas foram feitas com o trabalho da família.



Fotografia 13 – Paisagens do Recanto do Dário
Fonte: Fotos da Família 2014.

Segundo os membros da família a iniciativa de trabalhar com o turismo rural surgiu por incentivo e indicação de amigos, que acompanhavam as reclamações deles quando da invasão de sua propriedade por moradores da região e da cidade que buscavam as cachoeiras presentes na propriedade para banhar-se e admirar sua beleza (Fotografias 13 e 14). A proprietária relatou que os invasores acabavam maltratando os animais que a família criava soltos nesta área, pois segundo sua percepção, os cidadãos tinham medo dos animais e tentavam espantar o gado atirando pedras e paus para eles deixarem o local. Assim, amigos e conhecidos começaram a falar que eles não deveriam expulsar os invasores, mas cobrar deles pelo uso do local.

Esta ideia surgiu impulsionada pelos problemas que surgiram na propriedade, por causa da invasão das pessoas para tomar banho no rio. Ai amigos nos ajudaram com a ideia de transformar o problema numa renda. E ai veio a ideia de então de trocar a boiada pelos humanos. Pelo caso a gente ocupava aquele espaço com o gado. Ai retiramos o gado e começamos a construir lá uma churrasqueira umas mesas e aquele barzinho no sistema das tabuinhas cercado e tal e fomo peitando. Devagarinho fomo indo. E acabou dando certo. Então na verdade foram os amigos que nos ajudaram a trocar o problema por uma solução que dura até hoje (ESPOSA DO PROPRIETÁRIO).



Fotografia 14 – Paisagens do Recanto do Dário
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015

Os primeiros anos, como relata a entrevistada foram bastante trabalhosos e desgastantes, primeiro porque eles não tinham nenhuma experiência de como trabalhar com o turismo, e segundo porque a família tinha (ainda tem) uma pequena propriedade cercada pelo Rio 14, com muitas áreas de preservação. Quando tiraram os animais para receber os turistas acabaram reduzindo as possibilidades de produção para o consumo e venda. Otimizando as condições que tinham, acabaram combinando o turismo com um aviário, o qual foi durante muito tempo a principal fonte de renda da família.



Fotografia 15 – Turistas nas águas do Rio 14 no Recanto do Dário
Fonte: Resultado da Pesquisa, 2015.

A família recebe turistas durante o ano todo, o recanto nunca fecha, ficando aberto de segunda a segunda das 8h às 22h (Fotografia 15). Nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, a família aponta que recebem em média 400 pessoas por final de semana, se o clima estiver favorável. Nesses meses sempre tem alguém acampado no recanto, ou seja, diariamente eles têm turistas na propriedade nos meses mais quentes.



Fotografia 16 – Acesso a Wi-Fi no camping
Fonte: Fotos da Família, 2014.

Segundo a família, ao passar dos anos houve uma redução na capacidade de acomodar confortavelmente os turistas pelo excesso de automóveis (Fotografia 16 e 17). Alguns anos atrás as famílias que frequentavam o recanto, vinham para o local todos em um único carro, hoje é comum uma família de cinco pessoas entrarem na propriedade com até três automóveis. Para os proprietários, este número exagerado de carros vem reduzindo a capacidade do recanto de receber turistas.



Fotografia 17 – Carros estacionados no camping
Fonte: Fotos da Família, 2014.

Nos demais meses do ano, findado o período de clima quente, eles recebem turistas e os acomodam em um grande galpão destinado a essa finalidade, com banheiros masculino e feminino, dois quartos, churrasqueira, cozinha com fogão,

geladeira, *freezer*, mesas e cadeiras, capaz de acomodar um bom número de turistas. O local geralmente é reservado no inverno para promoção de jantares, reuniões e festas.



Fotografia 18 – Turistas no camping
Fonte: Resultado da Pesquisa, 2015.

Mesmo nos meses de inverno, eles conseguem manter a média de 100 turistas por mês, segundo os controles realizados pela esposa do entrevistado. O local também chama atenção pela excelente estrutura do *camping*, com diversos banheiros, quiosques e uma lanchonete em que se comercializam diversos produtos, como bebidas, salgados, doces e lanches (Fotografias 18 e 19).



Fotografia 19 – Espaço para refeições e venda de bebidas e lanches
Fonte: Fotos da Família, 2014.

Os proprietários mantem uma página do Recanto no *Facebook*. A rede social é usada com a finalidade de divulgar os eventos e promoções realizados no local,

além de ser um canal de comunicação entre os turistas e os proprietários. Nas instalações da lanchonete é possível os turistas terem acesso à internet por Wi-Fi, comodidades que agradam os turistas atualmente (Fotografias 16 e 20).



Fotografia 20 – Utilização das redes sociais para contato e divulgação de eventos
Fonte: Resultado da Pesquisa, 2015.

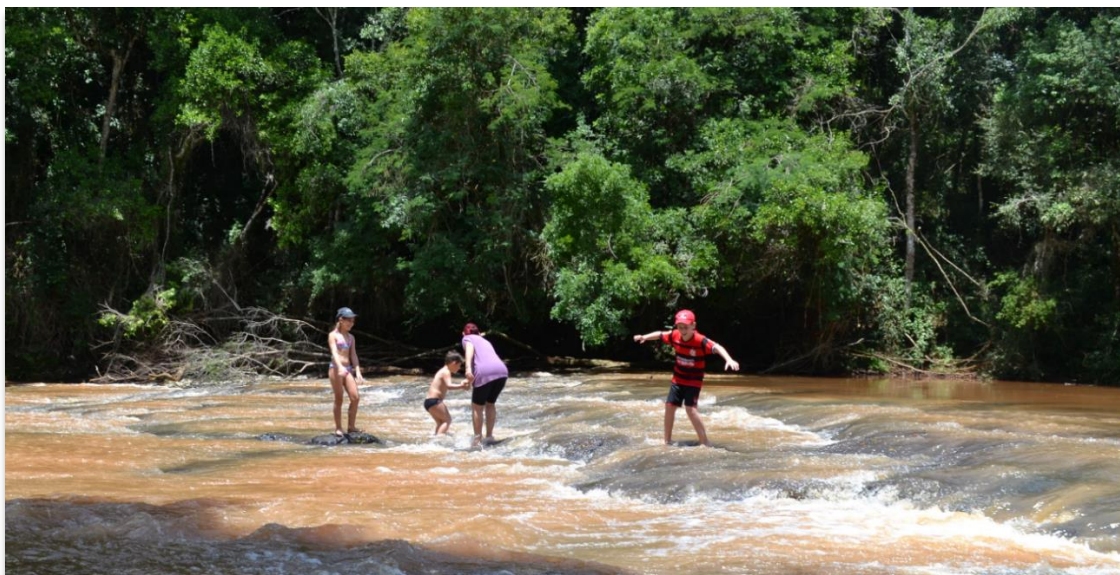
Entre os principais atrativos oferecidos pelo Recanto do Dário, estão as possibilidades de os turistas banharem-se no Rio 14 e nas suas cachoeiras e quedas d'água, desfrutar da área para *camping* com ótima infraestrutura (água, luz, banheiros), usufruir do Campo de futebol e da trilha ecológica (Fotografias 21 e 22).



Fotografia 21 – Paisagens do camping do Recanto do Dário
Fonte: Resultado da Pesquisa, 2015.

Nos dias de maior movimento, se observa a presença de seguranças dentro do recanto. Eles trabalham com uma viatura e uniformizados. Ficam circulando pela área do *camping*, oferecendo segurança às famílias que se sentem mais tranquilas diante das possibilidades de furtos ou confusões. Os proprietários também oferecem uma boa estrutura em termos de atendimento aos turistas em caso de emergência,

como exemplo, socorro aos veículos dos turistas ficarem sem bateria, e material de primeiros socorros em caso de necessidade.



Fotografia 22 – Turistas nas águas do Rio 14
Fonte: Resultado da Pesquisa 2015.

4.2.4 Recanto Renascer

O proprietário sempre residiu no local, dos três recantos é o mais recente, pois iniciou suas atividades em 2002. A propriedade fica na comunidade de Água Vermelha, a cerca de 13 (treze) quilômetros da cidade. Dentre os atrativos da propriedade estão uma casa para aluguel, lanchonete para venda de diversos produtos e locação de mesas de sinuca, cancha de bocha, campo de futebol, quadra de voleibol de areia, trilha ecológica, área para *camping* com churrasqueiras, quiosques com mesas e banheiros (Fotografia 23).



Fotografia 23 – Paisagem do camping do Recanto Renascer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Segundo o proprietário, a área sempre foi vista por ele com grande potencial para receber turistas. Já existia na época o Recanto do Dário como um exemplo de que era possível fazer do local um atrativo turístico com base em um balneário e da beleza da paisagem. O Recanto Renascer fica nas margens do Rio Marrecas (Fotografia 24).



Fotografia 24 – Vista do Rio Marrecas e Trilha Ecológica no Recanto Renascer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Nos meses de verão, o Recanto começa a receber turistas desde a sexta-feira à noite e vai se intensificando até o domingo, que é o dia de maior número de turistas. Nesses períodos têm turistas 24 horas por dia, e a família recebe e atende em tempo integral.



Fotografia 25 – Turista pescando e quadra de voleibol de areia
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Segundo o proprietário, no período de férias é comum as pessoas ficarem de 7 a 8 dias acampadas na propriedade. A época do ano que em que o recanto recebe o maior número de turistas concentra-se nos meses de dezembro e janeiro. Ele acredita

serem os recantos uma forma de lazer para todas as classes sociais, mas, principalmente para aquelas que não têm possibilidade de viajarem de férias rumo às praias e balneários em grandes centros turísticos ou de dispor parte da renda mensal com a compra de títulos e pagamento de mensalidades junto aos clubes que oferecem lazer nas cidades (Fotografias 25, 26 e 27).



Fotografia 26 – Campo de futebol do Recanto Renascer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.



Fotografia 27 – Cancha de bocha do Recanto Renascer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.



Fotografia 28 – Vista do camping e do Rio Marrecas no Recanto Renascer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Como as fotografias acima mostram, o recanto oferece aos turistas uma excelente infraestrutura e atrativos interessantes em termos de práticas esportivas, jogos e brincadeiras. Pela localização nas margens do Rio Marrecas, possibilita diversas atividades, de locais muito rasos e de acesso para todas as idades a outros mais profundos para mergulhos e prática da pesca.

4.3 ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS DAS PROPRIEDADES FAMILIARES

As quatro famílias entrevistadas declararam ser de ascendência italiana e católicos praticantes. No dia em que o pesquisador fez o primeiro contato com a Família 3, eles pediram desculpas por não poder dar a devida atenção, pois estavam se preparando para o casamento da filha que seria realizado na Capela da Comunidade, local, segundo a esposa do proprietário, em que eles casaram, batizaram os filhos e fizeram a catequese e a crisma. A narração foi feita com orgulho e emoção. Mesmo assim, naquele dia havia uma quantidade relativamente grande de turistas na propriedade, característica inerente das unidades familiares agrícolas que aderiram ao turismo rural, o que demandava ficar disponível para atender os turistas. Essa imbricação entre atividades familiares e turísticas acabam sendo frequentes nos casos estudados.

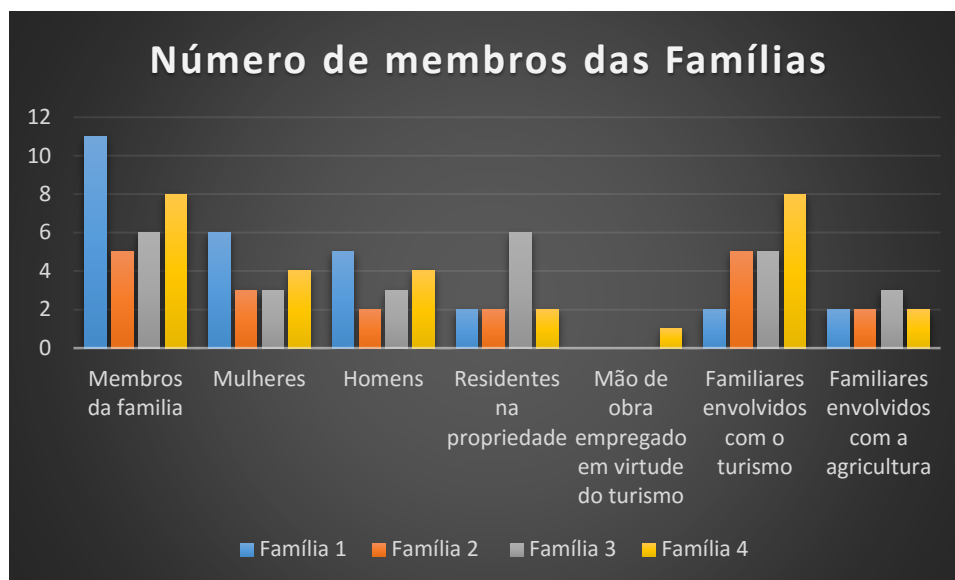


Gráfico 2 – Número de membros das famílias entrevistadas
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Como se pode observar no Gráfico 2, em três das quatro famílias entrevistadas residem na propriedade somente o casal. Na unidade de produção da Família 3 moram todos os membros da família: a mãe do proprietário aposentada mora sozinha na residência original; o casal e o filho mais novo residem na segunda residência da propriedade e a filha e o genro na terceira³⁷. Esta família confirma a afirmação de Veiga (2002) ao considerar um equívoco imaginar que o espaço rural está reduzido à dimensão agropastoril. A família encontra-se inserida na produção agrícola com um aviário, realiza em suas terras o turismo rural, produz energia elétrica em uma pequena usina, suficiente para todas as necessidades da unidade e ainda comercializa com alguns vizinhos, a filha e o genro são trabalhadores urbanos que residem na propriedade e também colaboram com as atividades ali realizadas.

As Famílias 2 e 4 sempre que possível nos finais de semana e feriados, os filhos, filhas, genros e noras, que residem na cidade de Francisco Beltrão auxiliam nas atividades turística. A Família 1, apesar de possuir o maior número de familiares (11 no total) é a única em que somente o casal reside e trabalha na propriedade com a agricultura e o turismo rural. A Família 3 apresenta claramente a definição da sucessão da unidade de produção pelos filhos. Todas as demais são uma incógnita, os casais não sabem como acontecerá a sucessão. Para a Família 1, quatro dos cinco filhos estão com a vida encaminhada e não vão assumir as atividades na propriedade.

³⁷ As residências foram apresentadas de acordo com a cronologia em que foram construídas.

Segundo o proprietário, o filho que não completou a Educação Básica, poderia assumir o local, mas segundo o agricultor, ele trabalha de forma assalariada em uma cidade vizinha “vive pulando de emprego em emprego, ele podia assumir isso aqui, mas não quer nada com nada”. Todos os demais filhos/filhas do casal possuem formação universitária ou estão concluindo.

A Família 2, tem duas filhas que possuem escolaridade superior e são pós-graduadas³⁸, uma é casada e ambas residem na cidade. Durante muito tempo a filha mais nova sempre falou que iria dar continuidade ao trabalho dos pais, mas, segundo o casal, ela atualmente não se mostra mais interessada em regressar para a propriedade. Na Família 4 todos os filhos/filhas têm curso superior ou estão cursando. Dois são casados e dois são solteiros, nenhum deles reside na propriedade e não demonstram interesse em serem agricultores, contudo, segundo o proprietário, eles podem dar continuidade com as atividades turísticas.

Sobre a escolaridade dos entrevistados percebe-se que, nenhum dos genitores que continua na gestão da propriedade, avançou nos estudos. Nas quatro famílias entrevistadas nenhum deles possui escolaridade superior ao Ensino Médio.

A escolaridade parece ser um fator definidor dos futuros agricultores familiares, segundo eles mesmos. Na Família 1 o filho, ao qual o proprietário indicou como opção de sucessor, não completou o Ensino Fundamental. Situação idêntica aconteceu com a Família 3, o filho quando assumiu que iria dar prosseguimento às atividades dos pais, não deu continuidade aos estudos, após concluir o Ensino Médio. Nas Famílias 1, 2 e 4 percebe-se que o casal, mesmo aposentado, continua com a gestão da propriedade. A demora em transferir as atividades agrícolas e turísticas para os filhos pode ser um dos motivos do desinteresse dos mesmos pela sucessão da unidade familiar. Alguns estudos mostram que os filhos que temporariamente deixaram a propriedade podem retornar, contudo em sua maioria, normalmente as saídas são definitivas (CAZELLA; BÚRIGO; ROVER, 2014).

Todas as Famílias entrevistadas contratam mão de obra para atividades ligadas à agricultura e ou ao turismo, entretanto, somente a Família 4 possui um trabalhador (e família) contratado em tempo integral para o turismo residindo na propriedade. Coelho (2000) alerta para as características do trabalho com o lazer em uma sociedade globalizada, o autor se refere ao emprego temporário e ocasional à

³⁸ Uma das filhas do casal é Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

noite e nos finais de semana. A contratação de mão de obra para o desenvolvimento das atividades turísticas apresenta algumas destas características, porém, a contratação de mão de obra, em períodos de maior trabalho é também uma característica das atividades agrícolas.

A análise das horas trabalhadas no turismo e na agricultura deve ser relativizadas em decorrência da sazonalidade das atividades turísticas, como também o fato de três das quatro famílias possuírem renda mensal como aposentados e dos filhos dos mesmos apresentarem certa autonomia de renda. Todos os entrevistados mantêm relação com as atividades agrícolas, mesmo a Família 4 que apesar de não mais trabalhar com a agricultura de forma comercial, ao arrendar o espaço para terceiros, mantêm hábitos de produção típicos da agricultura familiar para autoconsumo.

A propriedade da Família 4 é a que possui a maior área e também o estabelecimento com maior número de membros da família envolvidos nas atividades turísticas. Filhos, filhas, genros e noras, apesar de não residirem no estabelecimento, trabalham nas atividades turísticas desenvolvidas na propriedade, principalmente nos finais de semana dos meses de maior movimento de turistas.

Os Quadros 5, 6, 7 e 8 apresentados abaixo têm a finalidade de mostrar a composição das famílias agricultoras, suas peculiaridades em relação a faixa etária, sexo, nível de instrução, local de residência e o envolvimento dos mesmos nas atividades agrícolas e turísticas realizadas na propriedade. Como ressalta Marcellino (2002) as vivências dos conteúdos culturais do lazer sofrem influências de elementos que restringem quantitativamente, assim como qualitativamente o acesso a produção cultural. A utilização de equipamentos específicos de lazer, por exemplo, tem relação direta com a idade e nível de instrução. O fator econômico e as questões de gênero também vão implicar significativamente nas possibilidades de tempo para a vivência do lazer. Os dados apresentados no quadro servem como elementos constituintes nas diversas análises realizadas nas próximas páginas.

Parentesco	Idade	Escolaridade	Residência	Ocupação	Horas de Trabalho			
					Agricultura		Turismo	
					Dia	Se m	Dia	Sem
Responsável	69	Ensino Médio Completo	na propriedade	Agricultor aposentado	4	28	2	14
Cônjuge	70	Ensino Médio Completo	na propriedade	Professora aposentada	6	42	2	14
Filha	45	Ens. Sup. completo	Pato Branco - PR	Empresário	-	-	-	-
Filho	43	Ens. Sup. completo	São Leopoldo - RS	Técnico Operador	-	-	-	-
Filha	40	Ens. Sup. completo	Pato Branco - PR	Cabelereira	-	-	-	-
Filho	35	Ens. Fund. Incompleto	Marmeleiro - PR	Motorista	-	-	-	-
Filha	32	Ens. Sup. Incompleto	Itália	Estudante	-	-	-	-

Observação: Como nenhum dos filhos e filhas tem relação com atividades agrícola e turísticas não se relacionou genros e noras.

Quadro 5 – Membros que compõem a Família 1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Parentesco	Idade	Escolaridade	Residência	Ocupação	Horas de Trabalho			
					Agricultura		Turismo	
					Dia	Se m	Dia	Sem
Responsável	60	Ens. Fund. Completo	na propriedade	Agricultor aposentado	5	35	2	14
Cônjuge	51	Ens. Fund. Completo	na propriedade	Agricultora aposentada	6	42	1	7
Filha	29	Pós Graduado	no município	Policia Militar	-	-	-	15
Filha	27	Pós Graduado	no município	ASSESOAR	-	-	-	15
Genro	29	Ens. Sup. completo	no município	COPEL	-	-	-	15

Observação: as filhas e o genro auxiliam principalmente nos eventos grandes nos finais de semana

Quadro 6 – Membros que compõem a Família 2

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Parentesco	Idade	Escolaridade	Residência	Ocupação	Horas de Trabalho			
					Agricultura		Turismo	
					Dia	Sem	Dia	Sem
Mãe do Responsa.	77	Sem Escolaridade	na propriedade	Agricultora Aposentada	-	-	-	-
Responsável	56	Ens. Fund. Completo	na propriedade	Agricultor	8	56	4	28
Cônjuge	49	Ens. Médio Incompleto	na propriedade	Agricultora	8	56	4	28
Filha	32	Ens. Sup. completo	na propriedade	Terapeuta	-	-	-	15
Genro	29	Ens. Médio Completo	na propriedade	Técnico Segurança no Trabalho	-	-	3	21
Filho	25	Ens. Médio Completo	na propriedade	Agricultor	4	28	6	42

Observação: a filha trabalha com o turismo rural nos finais de semana e o genro auxilia diariamente na manutenção da área de lazer.

Quadro 7 – Membros que compõem a Família 3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Parentesco	Idade	Escolaridade	Residência	Ocupação	Horas de Trabalho			
					Agricultura		Turismo	
					Dia	Sem	Dia	Sem
Responsável	60	Ens. Fund. Completo	na propriedade	Agricultor aposentado	2	14	6	42
Cônjuge	59	Ens. Fund. Completo	na propriedade	Agricultora aposentada	2	14	2	14
Filho	37	Ens. Sup. completo	no município	Policia Militar	-	-	-	10
Filha	36	Ens. Sup. completo	no município	Pedagoga	-	-	-	10
Filho	28	Ens. Sup. completo	no município	Policia Militar	-	-	-	10
Filho	25	Ens. Sup. Incompleto	no município	Policia Militar	-	-	-	10
Genro/Nora	37	Ens. Sup. completo	no município	Vendedor	-	-	-	10
Genro/Nora	27	Ens. Médio Completo	no município	Comerciária	-	-	-	10

Observação: Os filhos, filha, genro e nora auxiliam nas atividades turísticas durante alta temporada geralmente no domingo.

Quadro 8 – Membros que compõem a Família 3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

No que se refere aos dados econômicos (Tabela 2), observa-se que entre as estratégias para obtenção de renda monetária utilizada pelos agricultores familiares no contexto da produção de base agrícola, estão a produção de alguns alimentos de ciclos curtos, como é o caso do leite e aves, que os permite perceberem uma renda mensal ou muito próxima disso. O turismo rural oportunizou aos agricultores familiares terem durante um bom período do ano, acesso a uma renda semanal.

Segundo o depoimento dos entrevistados a renda proveniente das atividades turísticas interferiu significativamente na vida da família. A Família 4 afirmou que se não fosse a renda do turismo não teria ficado no meio rural. Mattei (2006) em estudos realizados junto a empreendimentos de Turismo Rural na agricultura familiar em Santa Catarina, destacou a importância do turismo rural no auxílio na permanência dos membros da família na unidade de produção, fato que pode ser confirmado com o depoimento da Família 3:

Eu acho, primeiro de tudo que minha filha voltou. Segundo o financeiro. O financeiro melhorou muito e manteve a família unida. Se não fosse o turismo acho que nós não estaríamos mais aqui e se estivesse estaríamos numa situação bem penosa (FAMÍLIA 3).

Elementos da renda monetária bruta total anual dos entrevistados (2014)							
Entrevistado	Agricultura	Pecuária	Derivados	Aposentadorias	Turismo	Outros	Total
Família 1	40.000,00 43%	15.000,00 16%	2.000,00 2%	28.920,00 31%	8.000,00 8%	0,0 0%	93.920,00 100%
Família 2	18.000,00 27%	0,0 0%	12.000,00 18%	18.824,00 28%	12.000,00 18%	6.000,00 9%	66.824,00 100%
Família 3	35.000,00 21%	0,0 0%	2.000,00 1%	18.824,00 11%	45.000,00 26%	70.000,00 41%	170.824,00 100%
Família 4	30.000,00 24%	0,0 0%	5.000,00 4%	18.824,00 15%	70.000,00 57%	0,0 0%	123.824,00 100%

Tabela 2 – Elementos da renda monetária bruta anual dos entrevistados (2014)
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Os números apresentados na Tabela 2 são aproximados, de acordo com a fala dos entrevistados. Em números, eles relatam os valores recebidos com a agricultura, pecuária, derivados e turismo. Os valores de ‘aposentadorias’ foram calculados considerando valores pagos aos aposentados (agricultores familiares e professores). Os valores de ‘outros’, foram baseados em salários médios pagos aos

profissionais, conforme o exposto no Quadro 7 que apresenta a composição da família, local de residência e atividades desenvolvidas. Além destes valores, no 'outros' constaram rendas de outras procedências, como é o exemplo dos valores recebidos anualmente, pela venda do excedente de energia elétrica para vizinhos, produzida por uma usina na propriedade da Família 3.

Considerando os membros residentes nas propriedades, a renda monetária com salários (outros) da Família 3 é maior entre as famílias pesquisadas decorrentes do número de moradores na propriedade. A diversificação da renda é uma estratégia utilizada neste caso para manter a família unida na propriedade. A renda monetária obtida com o turismo nas Famílias 3 e 4, comparada com as demais rendas de todos os membros que residem na propriedade, é significativa, pois no caso da Família 3 representa em torno de 26% da renda total e na Família 4, 56,5%. No caso da Família 1, a renda com o turismo representa 8,5 da renda total e na Família 2, 18%. Assim, é perceptível que a renda do turismo é relevante em termos tanto como principal fonte de renda como de complementariedade. Se a renda turística for comparada somente com a renda da agricultura (agrícola, pecuária e derivados), isto é, retirando as aposentadorias e outros rendimentos, os valores oriundos do turismo se tornam a maior fonte de renda monetária nas Famílias 3 e 4.

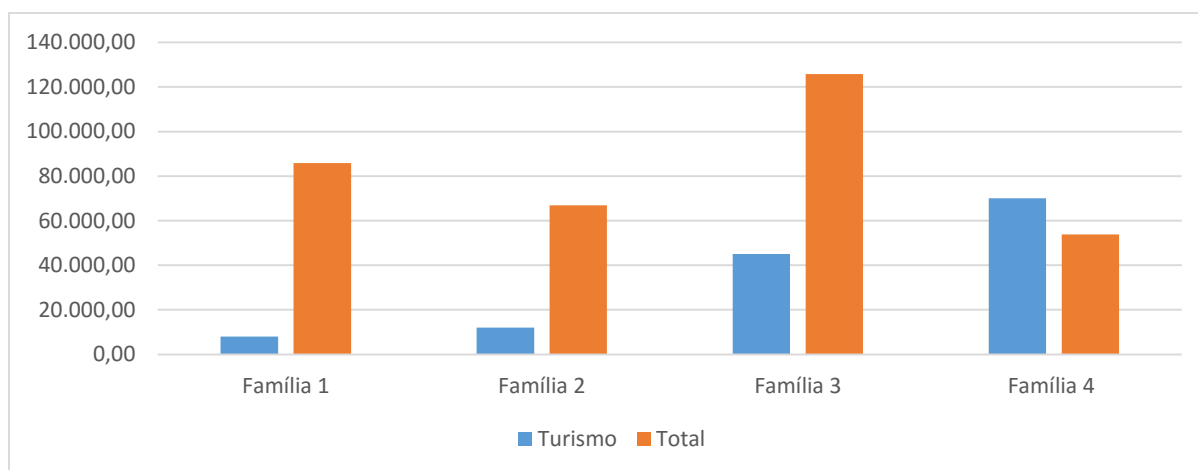


Gráfico 3 – Relação entre renda monetária obtida com o turismo e demais rendas das Famílias
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

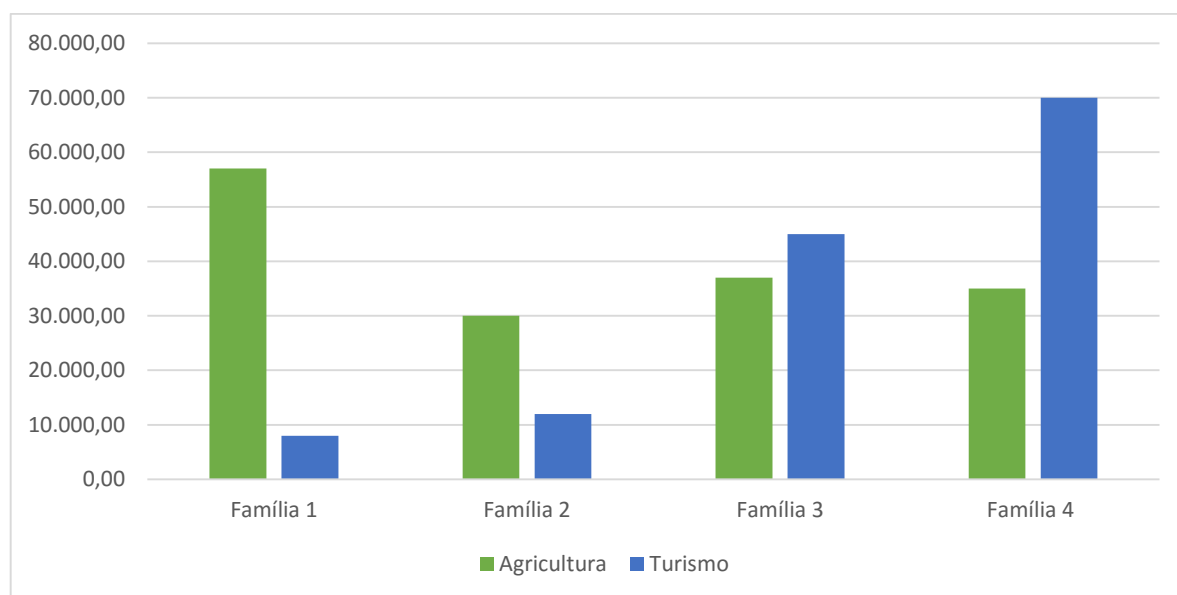


Gráfico 4 – Relação entre a renda obtida com agricultura e a renda do turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Outros elementos importantes impactam na composição da renda dos agricultores familiares, mas que nem sempre são considerados, com é o caso da produção para o autoconsumo. Apesar de reconhecer a importância do cálculo monetário da produção para o autoconsumo, isso não foi feito para o presente estudo, no entanto, essa produção é importante para todas as famílias e consta no Quadro 9 abaixo³⁹

Produtos/Derivados	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Frutas	Uva, pera, laranja, banana, vergamota e figo.	Laranja, banana, vergamota, cereja, uva.	Laranja, lima, vergamota, romã e limão.	Laranja, lima, vergamota, banana e limão.
Derivados Frutas	Compotas, geleias, suco e vinho.	Suco congelado	Natural, geleias e sucos	Natural e sucos
Carne Bovina	150 kg	100 kg	400 kg	2.500 kg
Carne Frango	120 kg	50 kg	300 kg	150 kg
Carne Suíno	100 kg	400 kg	300 kg	2.000 kg
Derivados Suíno	Banha	Salame e banha	--	Salame, banha e torresmo.
Leite	600 litros	900 litros	--	1.000 litros
Derivados leite	Queijo, doces	Queijo, puina, ricota, doce de leite, requeijão e nata.		Queijo, doce e nata.

³⁹Os dados da Família 4 em relação ao consumo de carne bovina, carne suína e leite, demonstram que os filhos que não residem na propriedade também são atendidos com a produção para autoconsumo.

Ovos e derivados	Pães, bolos e doces	Cuca, pudim e fortaia		Macarrão, doces e salgados
Verduras	Alface, almeirão e couve.	Alface, radici, cebolinha.	Alface, repolho e chicória	Alface, almeirão
Legumes	Cenoura, tomate, mandioca, abobrinha, abobará e batata.	Amendoim, cenoura, abobrinha, batatinha, mandioca e tomate.	Vagem, pepino, abobrinha, tomate, chuchu e beterraba.	Pepino, abobrinha, tomate e chuchu.
Outros	Bolacha	Pão, cuca, grostoli e macarrão.	Pão, cuca e bolacha	Pão, bolo e bolachas

Quadro 9 – Produtos e derivados produzidos para autoconsumo

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

As condições de vida e de acesso a bens materiais e equipamentos domésticos das famílias entrevistadas são decorrentes da melhoria da renda e cada vez mais se assemelham a hábitos de consumo, quanto a estes itens, dos moradores do espaço urbano. Segundo Wanderley (1998), essas semelhanças seriam frutos das modificações do rural causadas pelas novas relações decorrentes da globalização e também do processo de diversificação do espaço rural caracterizado pela valorização do rural e do entendimento de complementaridade com o urbano e não mais de antagonismo.

Independentemente dos números, no depoimento dos entrevistados, eles consideram ter melhorado muito as condições materiais, financeiras e ambientais em decorrência das atividades turísticas. Santos e Almeida (2006) em sua pesquisa indicaram que 48% dos proprietários que exploram a atividade turística percebem os resultados como bons e satisfatórios, e 12% dos entrevistados como ótimo.

Cabe considerar que há peculiaridades das famílias entrevistadas, entre elas, o fato de não terem mais filhos dependentes financeiramente e todas já possuem rendas provenientes de aposentadorias. Assim, considera-se que os Quadros 10 e 11, auxiliam na compreensão da situação econômica e social dos sujeitos da pesquisa neste atual momento da vida deles.

Itens	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Condições da moradia	Alvenaria	Madeira	Alvenaria	Alvenaria
Ano de construção	2004	2004	2010	2012
Tamanho da Casa	135	100	160	110
Estado atual	Bom	Bom	Bom	Bom
Possui forro?	Sim	Sim	Sim	Sim
Banheiro interno?	Sim	Sim	Sim	Sim
Tipo de esgoto	Fossa negra	Fossa negra	Fossa negra	Fossa negra
Água	Vertente	Vertente	Vertente	Vertente
Telefone	Fixo/Celular	Celular	Fixo/Celular	Celular
Luz elétrica	Sim	Sim	Própria	Sim
Destino lixo orgânico	Adubo	Adubo	Adubo	Adubo
Destino lixo não orgânico	Coleta Pública	Coleta Pública	Coleta Pública	Coleta Pública

Quadro 10 – Condições dos domicílios das Famílias

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

As condições materiais e o conforto que as moradias proporcionam (Quadro 11), não são hoje os únicos motivos que mantêm os proprietários em suas unidades familiares, ou seja, o desenvolvimento econômico deve garantir segundo Sachs (2009) a satisfação de necessidades que integrem outros aspectos da vida, como os sociais, ambientais e econômicos.

Equipamentos	TV	Geladeira	Fogão a gás	Chuveiro elétrico	Freezer	Rádio	Parabólica	Computador	Máquina de lavar	Tanquinho	Veículo próprio	Moto
Família 1	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	0
Família 2	1	2	1	1	2	2	1	0	1	1	1	0
Família 3	2	2	2	2	2	1	0	1	1	1	3	2
Família 4	2	2	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0

Quadro 11 – Acesso a equipamentos doméstico e meios de transporte.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Pelas boas condições de vida, as famílias nunca precisaram nem se enquadravam em critérios para acesso às políticas sociais, como é o caso de programas como o Bolsa Família ou/e receber cesta básica, por exemplo. Quando

necessitam de transporte eles geralmente utilizam veículo próprio, ou suam transporte coletivo público é utilizado por alguns ocasionalmente.

A participação nas atividades religiosas nas comunidades em que as famílias residem é uma unanimidade entre os entrevistados. Todos se declararam católicos praticantes e ativos nas reuniões, missas e encontros religiosos de suas respectivas capelas.

O envolvimento das esposas nos Clubes de Mães e dos Proprietários em Associação de Agricultores são pontos relevantes também na vida dos entrevistados, e todos estão, ora mais ativos, ora não, integrados a essas associações e entidades. Com exceção de um dos entrevistados, todos os outros integram a Cooperativa CRESOL.

Somente duas famílias estão filiadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Eles possuem uma Associação dos Promotores de Turismo Rural, todos fazem parte e a presidência é exercida por um membro da Família 4. Para a Entrevistada 5, no princípio os agricultores promotores do turismo rural tenham um sentimento de concorrência entre eles, esta situação mudou após as capacitações e cursos que apontavam para a importância do associativismo entre eles.

As mudanças na área e no ambiente da propriedade foram construídas com base na percepção dos entrevistados, tomando como referência os acontecimentos dentro do estabelecimento familiar. A questão era colocada para que o entrevistado dimensionasse (1 para diminuição, 2 para ficou na mesma e 3 para se aumentou) as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos em cada tema proposto.

Em todas as propriedades segundo os membros das famílias entrevistadas, a área de mato aumentou, segundo três deles (Famílias 2, 3 e 4) em decorrências das atividades turísticas. Com isso também aumentou o número de animais e pássaros silvestres. Percebe-se que as áreas de *camping* dos recantos são cercadas por uma faixa de mata, evitando um contraste da paisagem agrícola (pastos e lavoura) com a área do turismo.

No que se refere às perguntas relacionadas as águas dos rios, nascentes e córregos houve uma certa preocupação, pois quase todos alertam para a diminuição do volume e qualidade das águas. Todos percebem um aumento da renda das famílias nos últimos 10 anos e também o aumento da necessidade de contratação de mão de

obra, tanto para as atividades agrícolas como para as atividades turísticas na propriedade. O aumento do uso de novas tecnologias também é apontado por todos, assim como de insumos orgânicos.

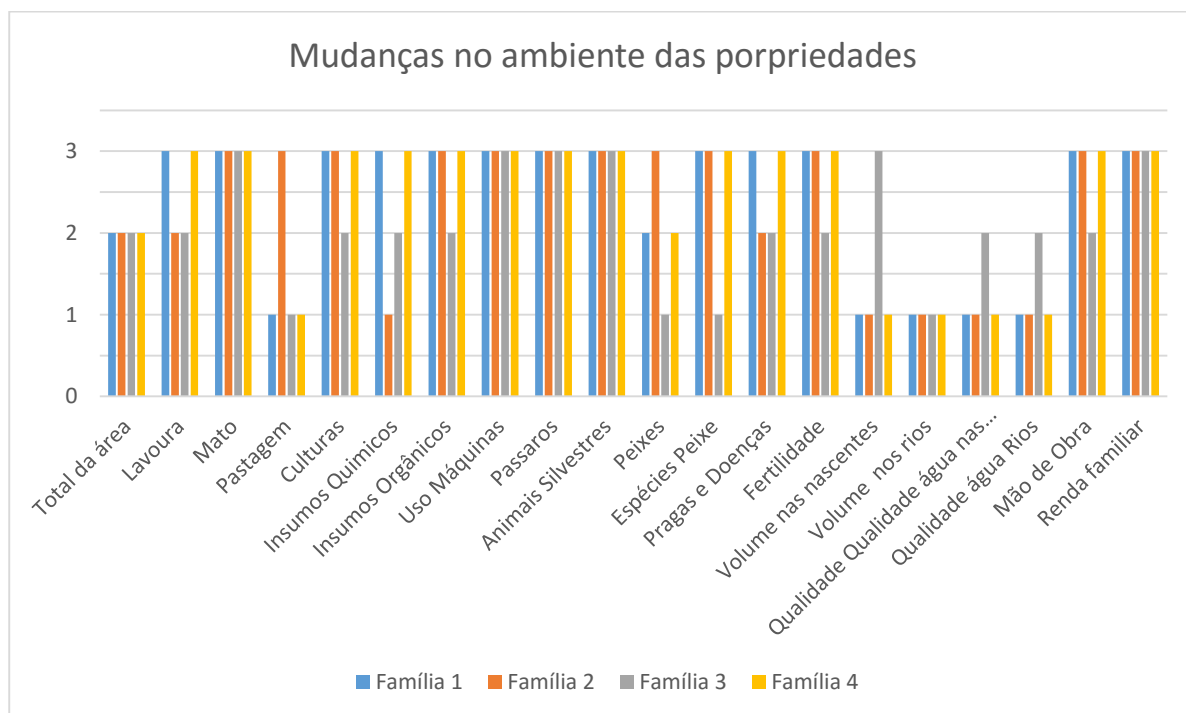


Gráfico 5 – Mudanças ocorridas no ambiente das propriedades
Fonte: Resultados da Pesquisa, 2015.

Em duas propriedades se percebe áreas sem uso. Na propriedade da Família 1 o entrevistado relata não fazer usos de 2 hectares em consequência da área ter muitos morros. Na propriedade da Família 2 o agricultor não faz uso de 11,7 hectares com finalidades econômicas, o casal tem suas necessidades aparentemente atendidas com a renda que obtém atualmente e demonstram estarem desacelerando com a carga de trabalho tanto com o turismo quanto com as atividades agrícolas. A decisão de não utilizar a área também tem um caráter de preservação das terras.

Uma das razões para o crescimento de equipamentos industrializados nas atividades agrícolas e da contratação de mão de obra tem a ver com o dinamismo da agricultura familiar na busca constante de se adaptar às pressões a que estão submetidos pelos avanços tecnológicos e as mudanças nas famílias rurais, que cada vez estão menores pela saída de seus filhos da propriedade, além é claro do desenvolvimento das atividades turísticas o que contribui significativamente para o aumento da renda dos agricultores.

As mudanças ocorridas no ambiente do espaço rural pesquisado permitem constatar que existem laços econômicos, sociais e ambientais que ligam estes agricultores ao que acontece ao redor do mundo. Ao responder as questões sobre as mudanças ambientais ocorridas em suas propriedades nos últimos 10 anos, três entrevistados afirmaram que a diversidade de espécies de peixes no rio aumentou, um deles (Família 2) considerou ser uma consequência da criação de peixes exóticos em açudes, como é o caso da tilápia e o bagre africano (África), o *catfish* (EUA) e o peixe rei da Argentina, que migram para os rios. Essa precisão de informações e conhecimentos técnicos, bem como, o acesso à internet, televisão, viagens (nacional e internacional), confirmam o estreitamento das relações entre o conhecimento tradicional e moderno, rural e o urbano, o local e o global.

Quanto ao uso da área das propriedades, conforme mostra a Tabela 3, para as atividades agrícolas e de turismo, se constatou como os agricultores conseguem se adaptar em decorrência de suas condições materiais.

Sobre o uso da área pelos entrevistados – em hectares													
Entrevistados	Lavoura Temporária	Lavoura Permanente	Horta e Pomar doméstico	Mata Nativa	Mata Plantada	Lagos	Rios e sangas	Pastagem	Construções	Pousio	Lazer - Turismo	Sem Uso	Total
Família 1	1	1	0,6	0	0	0	0	2,66	0,04	0	1	2	8,3
Família 2	2	2	0,01	0,5	0	0	0,15	1,5	0,06	0,5	0,5	11,7	19
Família 3	0	1	0	1,5	0	0	0	0	0,1	0	2,5	0	5,1
Família 4	12	6	0,5	6	0	0,5	0,1	0	0,06	0	2,5	0	27,66

Tabela 3 – Sobre o uso da área das propriedades em hectares
 Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

No caso da Família 3 em decorrência do tamanho da propriedade inicialmente tentou sobreviver somente com aviário, pois como lembra os proprietários:

Assim de agricultura, o nosso terreno é minúsculo. Daí pra você tirar renda e manter a família num padrão legal de viver, o aviário não é suficiente e da terra nós não temos para tirar, né, nosso espaço é todo cercado de água, daí tem que deixar a mata, daí não tem como, tirar a sobrevivência assim, como uma renda maior neste espaço pequeno (FAMÍLIA 3).



Fotografia 29 – Vista aérea da propriedade da Família 3
Fonte: Google Maps Foto de Satélite⁴⁰

As alternativas e caminhos trilhados pela Família 3 mostram que a diversificação foi uma estratégia importante, incluindo cuidados ambientais voltados para o turismo rural, o que alimenta as ideias do surgimento de uma nova ruralidade, novas dinâmicas sociais se construíram com o rompimento da dicotomia entre o mundo rural e o mundo urbano, passando a valorizar a pluralidade de funções, colaborando com o equilíbrio do meio ambiente, sua proteção e o desenvolvimento rural sustentável. (ZANONI, 2004).

4.4 AS ATIVIDADES TURÍSTICAS NA DINÂMICA DO TRABALHO DAS FAMÍLIAS

A inserção do turismo rural na dinâmica de vida dos agricultores familiares corrobora com o entendimento de Tamanini e Ferreti (2006) ao afirmarem que o desenvolvimento rural deixou de estar alicerçado nas atividades agrícolas tradicionais e que as reflexões caminham, segundo os autores, por algumas trilhas conceituais e narrativas absorvidas das complexidades do processo da agricultura e sua interface com a multifuncionalidade e pluriatividade.

⁴⁰Recorte fotográfico retirado do Google Maps, Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Recanto+do+Dario/@-26.0907433,-53.1185743,64m/data=!3m1!1e3!4m6!1m3!3m2!1s0x94f0723b6454ce1f:0xae3b53e29577a172!2sRecanto+do+Dario!3m1!1s0x94f0723b6454ce1f:0xae3b53e29577a172!6m1!1e1>. Acessado em 15/04/2015.

A história de como foi iniciado as atividades turísticas nas propriedades que compõem o RTCM possui elementos muito similares. Com exceção da Família 4, todas as demais recebiam visitantes em virtude do patrimônio natural ou cultural antes das ações dos órgãos públicos. As Famílias 2 e 3, já estavam realizando turismo rural de forma espontânea e incipiente. A Família 1 era constantemente procurada por pessoas interessadas em seus produtos e a Família 4 teve a iniciativa de buscar orientação visando garantir a reprodução familiar, diante das dificuldades enfrentadas com a agricultura. Como lembram Tamanini e Ferreti(2006) e Tulik (2003),é em consequência do enfraquecimento da rentabilidade da propriedade e acreditando que sua propriedade possui potencial para o turismo que as três famílias entrevistadas, tiveram na demanda por parte dos cidadãos, o elemento incentivador para iniciarem a exploração das atividades turísticas em suas propriedades.

Em alguns casos (Famílias 1 e 2), os espaços e as atividades que hoje são desenvolvidas por eles no turismo rural, eram de alguma forma relacionados ao seu modo de vida. Na Família 1, o proprietário declarou que o que é feito hoje como atrativo para os turistas, sempre foi feito por ele, muito mais pelo prazer do que pelos ganhos financeiros. Os membros da Família 2 utilizavam os locais e equipamentos que hoje atraem os turistas na sua propriedade como possibilidade de lazer da família e de amigos.

As atividades turísticas desenvolvidas pela Família 3 são reconhecidas pelas demais famílias entrevistadas como o empreendimento de turismo rural mais antigo dos que fazem parte do RTCM. A Família 4 buscou no turismo uma alternativa de melhorar a renda e assim conseguir ficar na propriedade, pois segundo o proprietário viver da agricultura estava muito difícil e ele precisava fazer alguma coisa, tinha uma família grande e o que ele vinha fazendo até então mal dava para pagar as contas.

As narrativas de como as famílias iniciaram suas atividades ligadas ao turismo rural, reforçam as análises de Abramovay (1992) ao considerar a capacidade dos agricultores familiares de se adaptarem as novas exigências sociais e econômicas da sociedade, mas como afirmam Lamarche 1998 e Wanderley (1998) sem apresentar uma ruptura total com formas de produção e modo de vida anterior, e sim, reforçando uma tradição camponesa que fortalece sua capacidade de adaptação às novas exigências da sociedade.

O turismo rural é, portanto, uma das estratégias que aparece fortemente ligadas à promoção do desenvolvimento rural, sendo considerada por muitos estudiosos da área uma excelente possibilidade de criação de empregos e de renda complementar à agricultura familiar e assim, contribui para a construção da melhoria da qualidade de vida dos mesmos (PORTUGUEZ et al, 2006).

Ao mesmo tempo que é possível observar a melhoria da renda familiar dos promotores do Turismo Rural, é necessário considerar também o crescimento e desenvolvimento pessoal dos agricultores, ou seja, a importância da cultura como elemento de união das pessoas e do conhecimento como motor da liberdade⁴¹, segundo seus próprios depoimentos: “O financeiro melhorou bastante, a amizade, o conhecimento e também a melhoria do ambiente” (FAMÍLIA 4). Depoimentos como este corroboram com definições defendidas por Minayo et al. (2000, p.10), para qual qualidade de vida é “uma noção eminentemente humana que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social, ambiental e à própria estética existencial”.

O ponto mais positivo, um dos pontos é a amizade que a gente consegue com as pessoas e o público que aparece e em ai, e a questão financeira também sempre agrega algum recuso em cima disso (FAMÍLIA 1).

A renda familiar que aumentou, a amizade, assim, conhecimento que a gente teve, os cursos que eu sei fazer, assim, por causa do turismo, foi muito bom para mim, cresci muito (FAMÍLIA 2).

[...] a gente aprendeu muito, cresceu muito, assim, na desenvoltura, desde no ficar à vontade para conversar com as pessoas, tudo isso ajudou muito, para mim ajudou muito, né, então eu considero tudo o que aconteceu muito bom, desde os negativos, pois eles nos fizeram crescer, né, então eu considero (FAMÍLIA 3).

Além do aumento da renda, as relações interpessoais promovidas em decorrência da promoção do Turismo Rural nas propriedades entrevistadas, são citadas por todos como pontos positivos. Estas relações são muito valorizadas pelos entrevistados, pois permitem aos mesmo, estabelecer elos e ligações para além dos círculos familiares e da comunidade em que estão inseridos. Os limites que a divisão

⁴¹ Quando perguntaram ao filósofo francês Olivier Reboul (1925-1992) o que deve ser ensinado nas escolas, ele respondeu citando o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903): "Tudo que une e tudo que liberta". O que une são as raízes. O que liberta é o mundo. O que une são as culturas a que pertencemos. O que liberta são as ciências e as outras culturas. O que une são as tradições. O que liberta é o conhecimento sobre outras realidades (NÓVOA, 2012).

do trabalho na agricultura impunha nas relações sociais e familiares, agora com o turismo rural parecem ser mais flexíveis, menos imperativas e sim, mais criativas e formativas.

Em duas famílias entrevistadas, as mulheres assumiram o papel central na operacionalização do turismo rural. Foram elas que foram capacitadas e que respondem pelas atividades do turismo na propriedade. Na Família 2, por exemplo, todas as entrevistas foram realizadas com o casal, quando a pergunta era relacionada ao turismo propriamente dito, foi a esposa que a respondeu. Na Família 3 o esposo não participou das entrevistas, somente a esposa e os dois filhos. Acompanhando outras entrevistas feitas por meios de comunicação, televisão⁴² e jornal⁴³, se constatou que é a esposa que fala sobre as atividades turísticas na propriedade.

Outro aspecto a considerar são as aprendizagens e capacitações ocorridas visando a implementação do turismo, assim como apontado por Ellis (2000) sobre a importância dos ativos, neste caso do capital humano e social. Ou seja, mais que recursos financeiros, o acesso a outros ativos e capitais geram mais autonomia e liberdade.

Os interesses intelectuais e sociais podem ser atendidos e vividos durante o trabalho, ou na preparação para o trabalho. Apesar de Dumazedier (2004) apresentar nas pesquisas sobre os interesses presentes no trabalho, que a grande maioria dos trabalhadores considera seu trabalho interessante (79%), estes mesmos, não apontam o trabalho como sua principal fonte de interesse, quando o trabalho é colocado no conjunto das atividades cotidianas (23%). Estes números aumentam, dependendo da posição do entrevistado, por exemplo, se chefes e executivos (31%).

As relações sociais vividas pelos agricultores familiares em decorrência das atividades turísticas são extremamente valorizadas por eles no trabalho e também no lazer. Quando questionados sobre o que eles entendem como lazer e o que fazem no seu tempo livre, todas as respostas convergem para os interesses sociais de lazer. O

⁴² Ver reportagem da RPC TV Programa Caminhos do Campos exibido em 15/02/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/ferias-verao/2015/noticia/2015/02/agricultores-investem-em-turismo-rural-em-francisco-beltrao-no-pr.html>. Acessado em: 20/02/2015.

⁴³ Ver Jornal de Beltrão de 17 dezembro de 2013. Ano XXV, NÚMERO 5.228. Matéria: Lions promove dia de diversão para alunos – Recanto da Amizade. Disponível em: <http://issuu.com/orangotoe/docs/170-8eb9c1d0-a851-4220-8f6f-2f621dbddb91>. Acessado em 22/05/2015.

interesse deve ser entendido aqui como o “conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida” (DUMAZEDIER, 1980, p. 110).

No quadro 12, aspectos culturais e sociais estão explícitos nas declarações dos entrevistados de como eles ocupam o tempo livre. Cultura, segundo Giddens (2005), refere-se à preocupação dos mesmos com os aspectos da sociedade humana que são antes aprendidos do que herdados, por permitirem aos membros de uma sociedade através do compartilhamento, cooperação e comunicação. A cultura, para o autor, é compreendida por aspectos como crenças, ideias e valores (intangíveis) e também aspectos com símbolos, objetos e tecnologias (tangíveis). A socialização é o processo pelo qual um membro de uma sociedade aprende o modo de vida de sua sociedade.

Entrevistado	Como vive o seu tempo livre
Família 1	Reunião com os amigos no final de semana.
Família 2	Família, vizinhos e festas na comunidade.
Família 3	Confraternizações que acontecem com os membros da comunidade, geralmente feitas após reuniões religiosas em que eles participam. Os filhos e o genro, frequentam cinemas, shows, lanchonetes, ginásios poliesportivos e campos de futebol.
Família 4	Visita amigos e vizinhos, futebol, dança, estas coisas.

Quadro 12 – Práticas de lazer das Famílias entrevistadas

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Ante o exposto, observa-se que as vivências no tempo livre são antes de tudo, práticas sociais usuais na comunidade, ou seja, realizadas na interação ou presença com o outro, independentemente do equipamento de lazer em que a vivência é fruída. Na Família 3, a única entre as entrevistadas, a ter todos os integrantes da família morando na propriedade, os filhos são os únicos que buscam o lazer em equipamentos considerados específicos para o lazer, como cinema, quadras e campos para prática esportiva, entre outros. Para os demais entrevistados, inclusive os pais da Família 3, são as visitas, o uso das instalações da comunidade, e as visitas a vizinhança que ocupam o tempo livre. Deste modo, não são os equipamentos de lazer em si, mas as possibilidades de convivência e associativas que elas promovem.

Na fruição do lazer, pode-se perceber que em uma mesma vivência vários interesses estão presentes, isto é, apesar da classificação, a prática do lazer dificilmente acontece isoladamente. O futebol jogado ou assistido, quando praticado na comunidade em que reside o agricultor familiar, está permeado pelos demais interesses de lazer segundo a classificação de Dumazedier (1980).

Contudo se utilizada outras classificações ou tipologias, a exemplo das de Roger Caillois (1990), os jogos dos homens seriam: *Agon*: representa a competição e a ambição de triunfar pelo mérito em uma competição regulamentada; *Ilinx*: a busca da vertigem; *Mimicry*: caracterizado pelo gosto da imitação de uma personalidade; *Alea*: onde se renuncia a vontade em benefício a passividade de espera do destino, ou seja, da sorte. Essas características, se observado um jogo de futebol, poderiam estar reunidas, contudo a valorização é desigual do universo masculino em detrimento do feminino.

Rosa (2004) lembra que a partir da articulação de três elementos centrais - lazer, festa e cultura - é possível desenvolver o entendimento do que permeia a dinâmica cultural da sociedade, com base nas relações sociais em que estão inseridos. Assim, a festa deve ser entendida como uma realidade cultural, que acontece e articula-se os interesses culturais e de lazer. Desta forma, a festa é muito mais que um evento de manifestação de crenças, costumes, valores e entretenimento, pois a cultura é um processo de constante articulação e recriação, em um espaço socialmente determinado.

As festas, realizadas nas comunidades rurais, ainda precisam de estudos e pesquisas que possam apontar sua verdadeira importância para os seus membros. Contudo, pode-se afirmar que a festa nos casos estudados é um tempo e espaço de vivência lúdica e semelhante às festas urbanas, o lazer não-conformista, criativo e crítico (MARCELLINO, 2002) podem ser uma possibilidade tanto no plano da produção como no do consumo.

O tempo liberado pelo trabalho profissional deu origem a um duplo modelo de utilização do tempo livre, isto é, se por um lado este tempo foi preenchido por obrigações familiares e sociais, por outro, boa parte das obrigações de ontem, se convertem em lazer, como por exemplo as reuniões familiares e a participação em associações. Tal fato, deve-se a uma nova necessidade social do indivíduo: “necessidade de usufruir de um tempo, cujas atividades, anteriormente, eram em parte impostas, pela empresa, pelas instituições familiares ou pelas atividades sociais, espirituais e sócio políticas” (DUMAZEDIER, 1980, p.166-167).

Dumazedier (1980) negava a tese de que com o aumento do nível econômico, ocorreria posteriormente um aumento na qualidade do lazer. Seus argumentos, no

entanto, eram baseados em observações dos grandes espaços urbanos, que ao crescer impulsionados pela lógica e dinâmica do trabalho⁴⁴, esqueceu ou não deu importância aos espaços e equipamentos para o lazer. Outro ponto relevante apontado por ele, se refere à tradição no pensamento católico de confundir lazer com ócio. Como a ociosidade é considerada a mãe de todos os vícios, lazer se tornaria objeto de desconfiança, assim, como se deveria reprimir com muita energia o desenvolvimento dos negócios e dos lucros (DUMAZEDIER, 1980).

As duas colaborações de Dumazedier acima, ajudam a entender as escolhas de alguns entrevistados, os encontros religiosos e as confraternizações realizadas nestes espaços, mostram a manutenção de hábitos da tradição, mesmo com o aumento da renda destas famílias e da importância de colocar utilidade, mesmo que espiritual as práticas de lazer vividas pela família.

O desenvolvimento de atividades de lazer no turismo rural acarreta novas funções para o espaço rural e seus moradores, mesmo considerando que a adoção desta estratégia é uma escolha pessoal dos agricultores familiares e que mesmas contribuem para a preservação do ambiente e da manutenção do modo de vida, não se pode deixar de considerar a possibilidades de imposições ou intervenções exógenas⁴⁵ que conduzem os agricultores familiares muitas vezes a se posicionarem e se adaptarem a novas situações, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de forças sociais.

Na Família 1 quando indagado ao proprietário como são divididas as tarefas entre os membros da família, ele relatou que possui alguns empregados temporários, em decorrência da sazonalidade da demanda de trabalho com a agricultura. Em relação às atividades turísticas ele declarou que divide com a esposa as tarefas de produção dos derivados agrícolas que são vendidos aos turistas e no atendimento dos mesmos, porém, atualmente, estas tarefas estão mais concentradas na esposa em

⁴⁴ Paul Lefargue em o Direito à Preguiça faz uma violenta crítica aos trabalhadores que valorizam demasiadamente o trabalho, e por isso se tornam embrutecidos, incapazes de ter outros interesses, ou seja, a única coisa que sabem fazer é trabalhar. Ele cita Jeová, como um exemplo da preguiça ideal: depois de seis dias de trabalho, ele descansa para a eternidade (DUMAZEDIER, 1980).

⁴⁵ A representação rural não só como um espaço de produção, mas também como um espaço de biodiversidade, de lazer e serviços tem acarretado novas funções para este espaço (SILVA 1998 apud FROEHLICH, 2000).

decorrência de problemas de saúde⁴⁶ por que passa o proprietário. “Enquanto ela conseguir tocar o trabalho, a gente fica aqui” (FAMÍLIA 1).

Sobre o relacionamento dos membros da família com os turistas, as respostas dos entrevistados falam de dificuldades, aprendizagem e amizade:

É um relacionamento antes de tudo de mais nada um relacionamento de amizade. O pessoal chega ai já conhece os esquemas, já vão para baixo do parreiral, também por conta as vezes, já conhecem e sabem como funciona e como é que é, então nosso relacionamento é simplesmente de amizade (FAMÍLIA 1).

Na Família 2 é o casal que organiza e mantém o local para receber turistas. A esposa cuida da alimentação e divulgação dos eventos e o marido da limpeza do local. Durante os eventos muito grandes as duas filhas e o genro ajudam: A filha mais velha ajuda na cozinha e no caixa, o genro na venda de carne e no caixa e, a filha mais nova com a decoração do pavilhão, bingo e locução do evento.

No início todos faziam de tudo, principalmente no atendimento ao público, hoje a família já se organiza com a divisão de responsabilidades o que segundo a esposa da Família 3 tem muito a ver com a personalidade deles. A mãe e a filha atendem e têm um relacionamento mais direto com o público, o filho e o pai cuidam da alimentação e da segurança respectivamente. A família emprega outras pessoas para trabalhar com as atividades turísticas no final de semana.

Olha, no início era mais desgastante um pouco porque a gente não tinha assim muita sabedoria no caso, mas daí quando entrou a parceria da EMATER lá em 2002 a gente foi conseguindo, assim, como eu vou dizer, me fugiu a palavra agora. Os cursos pra gente aprender e conseguir trabalhar melhor. E na questão do relacionamento com a família, até hoje é um pouco complicado ainda, o meu esposo tem mais dificuldade, ele foge muito, é aquilo, ele faz a praça da boa vizinhança, nesse ponto ele sai muito bem, em visitar o turista lá onde ele tá e conversar, vê se tá tudo certo, se falta alguma coisa que precisa. Mas no atender na chegada não é a praça dele, então aqui a gente ainda tem um pouco de problema com a família pelo seguinte, eu fico muito presa neste sentido, porque daí eu, consigo fazer com facilidade este trabalho e o meu filho e o marido não. Então me prende muito o meu lado por causa disto, então dificulta um pouquinho ali, mas não é algo que não de para continuar trabalhando por causa disto (FAMÍLIA 3).

⁴⁶ O Entrevistado 1 declarou estar com diabetes e se sente bastante debilitado para o trabalho. No dia em que fui à propriedade como turista, ele me acompanhou no parreiral onde o visitante colhe as uvas que quer comprar e também faz degustação. Este trabalho geralmente é feito por sua esposa. Senti que ele tinha muita dificuldade para andar, e ficava muito ofegante, com esforços pequenos. Eu e minha família resolvemos interromper o passeio para que ele pudesse se recompor.

Como já tinha ficado claro e apresentado anteriormente a esposa da Família 3 não só responde pelas atividades turísticas na propriedade como, de certa forma crítica a distribuição do trabalho em relação ao atendimento dos turistas. A falta de experiência também é um dos fatores apontados pela esposa da Família 2:

Foi assim, no começo foi bastante transtorno, mesmo pela falta de experiência da gente e pelo nível dos turistas que vinha. No começo não foi muito bom, mas agora tá bem melhor, que a gente conseguiu conversando e mudando a gente conseguiu classificar que agora tá vindo só pessoal de família, gente boa, sabe a gente conseguiu, tá bem bom agora (FAMÍLIA 2).

Para a Família 4 o relacionamento com os turistas é muito bom, pois oportunizou conhecer muitas pessoas e fazer novas amizades. O proprietário faz a administração e atendimento do público. A esposa cuida da alimentação. Os filhos e filhas, quando podem, fazem a segurança, atendimento ao público e cuidam da portaria. Eles têm um funcionário que faz a manutenção e limpeza e, o mesmo reside na propriedade com a sua família.

A penosidade do trabalho com a agricultura é uma unanimidade na fala de todos os entrevistados, entretanto eles fazem algumas reflexões entre os dois trabalhos:

Eu acho que com o turista exige um pouco mais, por causa que ele te prende o tempo todo, né, a lavoura você faz teu tempo de trabalho como você quer, e com o turista é quando o turista chega, entendeu, então eu acho que assim, fica um pouquinho mais trabalhoso neste sentido. Às vezes você está almoçando por exemplo, chega um turista você tem que parar de almoçar para atender, neste sentido assim eu acho que o turismo exige mais (FAMÍLIA 3).

Mas, ao pedir a comparação em termos de penosidade e cansaço físico para a Família 3 “daí eu acho que o agrícola é mais penoso, bem mais penoso”. A Família 1 considera menos estressante e mais alegres as atividades turísticas e para a Família 2 as atividades agrícolas são trabalhosas e penosas, as turísticas mais prazerosas, alegres e também estressantes, pois assim como é bom encontrar pessoas também geram-se transtornos. Todos os entrevistados da Família 3 concordam que o turismo exige mais trabalho, pois requer atenção diariamente, principalmente no que se refere ao espaço limpo e organizado para receber os visitantes. Contudo, eles reconhecem que as atividades agrícolas são mais penosas do que as atividades turísticas. Pois as atividades turísticas exercidas pelas famílias, são segundo eles mais prazerosas e

alegres, e muito menos estressantes que as atividades agrícolas, principalmente para mãe e filha.

A Família 4 diz que a agricultara dá mais trabalho, menos dinheiro e também é mais cansativo, já o turismo para ele é mais prazeroso pois tem as amizades e também é divertido ver e conversar com as pessoas.

As vivências e experiências relacionadas com o turismo e com os turistas trazem segundos alguns entrevistados, um alto nível de estresse, mas, por motivos diferentes. Por exemplo, para a Família 1 tudo que está relacionado com o turismo é melhor do que com as atividades agrícolas, mas, a Família 2 relata assim suas experiências com os turistas:

Sim, tem horas que estressa. E eu me estresso um pouco antes que eu tenho medo de faltar alguma coisa na hora de servir, né, então eu me preocupo, sempre prefiro sobrar um pouco, porque fora não vai, né, do que faltar (ESPOSO FAMÍLIA 2).

Sim, assim, na hora da gente organiza, de quando vou fazer um almoço, é tantas pessoas, aí eu fico pensando, o quanto eu ponho? Sabe, estressa porque a gente não sabe a quantia certa, sabe. E você pensa será que vai dar tudo certo? Será que não vai acontecer algum problema? Durante o evento o trabalho, é bastante trabalho, né, e a gente quer atender bem todo mundo e acaba se estressando de tão bem que a gente quer fazer (ESPOSA FAMÍLIA 2).

Para a Família 3: “como tem turista que traz o estresse, mas tem bem mais que não traz, porque a gente vive num mundo de mal-humorados e de bem-humorados, e a gente tem mais bem-humorados”.

A relação entre penosidade e estresse na agricultura familiar pode ser entendida com o olhar de Wanderley (1998) ao afirmar que com os avanços técnicos e tecnológicos e consequente modernização do trabalho, as atividades agrícolas tornaram-se menos penoso sob a ótica do esforço físico, contudo, as preocupações decorrentes das novas relações com o urbano, que se tornaram mais intensas, acarretaram a existência de preocupações mentais, “por impactos de fatores sobre os quais o produtor não tem controle – o endividamento, por exemplo – seja pela dificuldade de se ausentar do estabelecimento, tirar férias, em razão da própria natureza do trabalho agrícola” (WANDERLEY, 1998, P. 29).

O tempo, ou a falta dele, é para todos os entrevistados o principal ponto negativo decorrente da implantação do turismo nas unidades familiares. A falta de tempo é percebida por eles como perda da liberdade para desenvolver outras atividades, principalmente nos finais de semana. A situação é mais perceptível nas famílias em que somente os casais estão na propriedade, como é o caso das Famílias 1, 2 e 4. Esse último tem possibilidades de mais liberdade em relação com as outras duas famílias, por ter um funcionário em tempo integral na propriedade: “precisa ficar a disposição do turista o tempo todo, ocupa mais o tempo da gente, no início foi difícil acostuma mais hoje é tranquilo (FAMÍLIA, 4).

A falta de tempo e liberdade para a Família 3 não foi uma novidade nas vidas deles em decorrência das atividades turísticas, a família possui aviário há mais de três décadas, assim, os mesmos já tinham compromisso em tempo integral na propriedade durante o período em que as aves estavam alojadas, hoje, eles se queixam dos finais de semana, que não têm, e da impossibilidade da família sair para passear ou ir há algum compromisso todos juntos.

Um pouquinho assim na questão da prisão vamos dizer né, eu acho que dá para dizer como negativo só, porque daí você não tem como sair, porque a família é pequena, se um sair, daí desfalca. Domingo passado uma prova de que faltou gente para trabalhar, porque os nossos meninos, não os da família, aqueles que nos ajudam, tinham um outro compromisso daí já ficou meio que desfalcada a equipe de trabalho (FAMÍLIA 3).

Antes da implantação do turismo, as famílias entrevistadas consideram que tinham mais autonomia, eles conseguiam deixar o sábado e o domingo com menos trabalho, o que permitia visitar amigos e familiares, irem às festas nas comunidades e assistir e jogar futebol. Atualmente os casais relatam que se organizam com os demais membros da família (Famílias 2, 3 e 4) quando precisam sair em um final de semana por exemplo. Esta não é a situação da Família 1 porque, segundo eles, depende da época pois janeiro e fevereiro são meses da colheita da uva, eles simplesmente não têm tempo livre, mas, passados estes meses, eles conseguem até fechar a propriedade para viajar. Eles já foram para a Itália, local em que uma das filhas mora e estuda e, também, já viajaram para Cuba.

No passado, antes da gente começa a trabalhar, vamos dizer assim, aqui era o ponto de encontro, sempre foi, o ponto de encontro pelo fato do espaço que agrada todo mundo. Então a gente recebia muito, né, hoje já não acontece

mais isto, né, a gente continua recebendo as pessoas, a família continua vindo, mas assim, elas já vêm sabendo que não vão desfrutar da nossa companhia. E que elas vão ter que nos ajudar a trabalhar, por exemplo, a família hoje é nossos cozinheiros, né, geralmente no domingo a gente almoça porque as pessoas da família vêm e fazem. Mudou isso, a família continua vindo, mas não para desfrutar da nossa presença mais (FAMÍLIA, 3).

Afirmam que “Ah, era bem mais favorável, ha ha. A gente conseguia sair mais” (FAMÍLIA, 2). Para o entrevistado da família 4: “encontrava mais tempo para sair, fazer visitas a amigos e parentes; eu gosto de futebol e ia assistir e jogar; também ia para as festas aqui e nas comunidades vizinhas; depois que colocamos o turismo, não tinha tempo para mais nada disso; é muito trabalho. Hoje já tem mais disponibilidade. As coisas já estão organizadas” (FAMÍLIA 4).

Os apelos à preservação do meio ambiente ao lado da pluralidade de práticas encontrados hoje no rural, entre elas a representação do rural não só como um espaço de produção, mas também como um espaço de biodiversidade, de lazer e serviços tem acarretado novas funções para os agricultores familiares. Ao adotar uma forma mais sustentável de relacionar a agricultura com o meio ambiente é possível acarretar mais trabalho, sem que com isso ocorra receber mais valor pelo trabalho. Assim, muito da penosidade do trabalho na agricultura está relacionada com a qualidade de vida da família e a forma como o trabalho é desenvolvido na sua relação com o meio ambiente. Uma das alternativas para a produção de alimentos segundo Andrioli (2008) é a integração a outras atividades econômicas, como, por exemplo o turismo.

A região em que estão localizadas as propriedades estudadas também apresentam um relevo acidentado o que dificulta a utilização de equipamentos exigindo um esforço de trabalho maior dos agricultores.

Silva (2001) lembra que a maior parte dos trabalhos não-agrícolas, geralmente propiciam renda monetária maior que os trabalhos agrícolas e não são tão penosas. Contudo segundo o autor, estas atividades não-agrícolas são trabalhos precários e de baixa qualificação (basicamente serviços pessoais) e isso não se deve à modernização das atividades agrícolas, nem da prestação de serviços voltados ao lazer e sim à alta concentração de renda existente no Brasil.

O trabalho com as atividades turísticas motiva e envolve toda a família, basta perceber como os filhos, genros e noras retornam para a propriedade para trabalhar

com elas, muitos deles com qualificação profissional e níveis altos de escolaridade, este é um fator que merece mais aprofundamentos e estudos.

4.5 O LAZER DOS PROMOTORES DO TURISMO RURAL

Os entrevistados são agricultores familiares que empreenderam esforços para oferecerem através das atividades turísticas em suas propriedades, espaço e tempo para o lazer do turista. A oferta está baseada na fruição de horas agradáveis com amigos e familiares junto às belezas naturais, banhos e brincadeiras nas águas dos rios nos períodos mais quentes do ano, prática de atividades esportivas ao ar livre e acesso a gastronomia e cultura dos agricultores familiares. Contudo, a questão que norteia esta pesquisa é a de como eles entendem o lazer, a partir das práticas de lazer proporcionadas aos outros pelo turismo rural que promovem. Assim, a questão central é: o que eles entendem por lazer e qual a relação das suas práticas com as que eles oferecem?

Para a Família 1, lazer é sinônimo de tempo livre, horas vagas, tempo em que se faz coisas agradáveis, como jogar baralho com os amigos, pescar e viajar. Hoje o casal tem como lazer ir a festas promovidas na comunidade local e nas vizinhas, durante o final de semana. Durante a semana eles ficam em casa, assistindo televisão, ouvindo rádio e lendo.

O casal da Família 2 narra que suas práticas de lazer se revelam em uma clara separação de gênero. Para o esposo lazer é praticar esportes, cantar, andar a cavalo. Para a esposa lazer é estar com a família, vizinhos e ir a festas da comunidade.

Nós procuramos sair um pouco, não passear longe porque não podemos, sair assim no vizinho, visitar os vizinhos, na igreja e na casa das filhas, em alguma festa assim que sobra, nas comunidades vizinhas nos sempre vamos. Trocamos de parceiros porque eles vem aqui também e eu jogo bolas aos finais de semana (ESPOSO FAMÍLIA, 2).

Marcellino (2002) considera o sexo um dos aspectos que inibem e dificultam a vivência do lazer, ou seja, ser homem se constitui um privilégio em relação a mulher. Elas são desfavorecidas, segundo o autor, quando comparadas aos homens, principalmente pelas obrigações familiares decorrentes do casamento em uma

sociedade que apesar de todos os avanços, continua machista. As práticas de lazer apontadas pelos dois mostram esta diferença. As indicadas pela esposa estão ligadas à família e às relações sociais, às do esposo, demonstrando uma liberdade e individualidade não presentes nas práticas de lazer da esposa.

As práticas de lazer dos membros da Família 3 são mais complexas e diversificadas, primeiro por ter um número maior de membros residentes na propriedade; segundo pelas diversidades de fatores presentes no grupo familiar que impactam sobre as práticas de lazer. Marcellino (2002, p. 23) considera o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, entre outros, fatores que “restringem quantitativa e, sobretudo, qualitativamente o acesso a produção cultural”.

A filha da Família 3 considera como lazer viajar, ficar com os amigos e familiares. O filho, a exemplo das diferenças apresentadas entre o homem e a mulher da Família 2, concebe que lazer é tocar violão, jogar futebol, passear de moto e jogar *videogame*. As diferenças se acentuam quando comparadas as atividades de lazer do casal. Para os pais, lazer é o que eles vivenciam com os membros da comunidade, geralmente em atividades feitas após as reuniões religiosas em que eles participam.

Eu acredito que lazer para mim é ocupar o tempo livre ou roubar um tempo para ele ser livre, para você se desocupar um pouco do trabalho, pode ser uma roda de chimarrão, pode ser um passeio ao ar livre, numa casa de amigo, numa casa de parente, para mim já é um lazer por causa que a gente ocupa a maioria do tempo, até uma missa eu considero para mim um lazer, porque eu saio muito pouco (ESPOSA DA FAMÍLIA 3).

As poucas pesquisas sobre o lazer mostram que no meio urbano, no tempo de lazer diário (aquele tempo que sobra diariamente entre o trabalho e as obrigações familiares, antes das pessoas se recolherem para dormirem) a casa é o equipamento não-específico mais utilizado neste tempo. Marcellino (2002) considera que este hábito, cria um ‘público cativo’ para a televisão, que segundo o autor vinha sendo imposta a todo o país e assim contribuindo para o desaparecimento de manifestações culturais autênticas, como as festas religiosas e folclóricas. Os relatos dos agricultores familiares confirmam esta tendência também no meio rural, a televisão é um hábito diário de todos e o lar é o principal equipamento não específico de lazer dos mesmos (Quadro 13). No entanto, aspectos importantes dos hábitos da agricultura familiar estão presentes, principalmente aqueles voltados às festas e encontros religiosos, a

relação com a vizinhança e familiares, entre outros, que mostram como afirma Wanderley (1998), uma combinação de elementos novos com os tradicionais.

ATIVIDADES	No Mês		Na semana		Diariamente
	1 vez	2 ou +	1 a 3	4 ou +	7 vezes
Praticar Esportes – Exercícios		F3	F2 e F4		
Assistir/estudar Esportes			F1, F2, F3 e F4		
Ler, estudar, aprender coisas novas	F1		F2 e F4	F3	
Estar com a família, amigos			F1, F2 e F4	F3	
Ver televisão					F1, F2, F3 e F4
Ouvir música					F1, F2, F3 e F4
Pintar, tocar instrumentos, cantar...		F1 e F2	F3 e F4		
Viajar, passear...	F1 e F4				
Jardinagem, tricô, artesanato	F3		F4		

LEGENDA: F1: Família 1 – F2: Família 2 – F3: Família 3 – F4: Família 4.

Quadro 13 – Vivências de lazer dos membros das Famílias entrevistadas

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Sobre entendimentos do que é lazer, as falas dos entrevistados se aproximam de suas práticas de lazer, contudo, percebe-se uma necessidade por parte de alguns entrevistados de olhar o lazer como sempre fazer-alguma-coisa: “Eu entendo que lazer para mim e para minha família como um todo é um lazer de certa forma até saudável e com saúde. Porque quando temo lazer você se sente bem” (FAMÍLIA 2). “Lazer para mim é distração, descontração, uma maneira da gente se divertir, preencher o tempo ocioso com atividade extras, assim de uma maneira mais esportiva” (FAMÍLIA 1). “Fazer coisas que você gosta, divertidas, alegres” (FAMÍLIA, 4).

Camargo (2003) defende que não fazer absolutamente nada, entregar-se ao devaneio são ‘ações’ muito significativas e que podem ser lazer. Marcellino (2002) contribui para o debate quando reflete sobre atividade e passividade concordando com o pensamento de que não existe em si mesma, uma atividade passiva ou ativa e que esta distinção é dependente da atitude que o indivíduo assume. Outro autor que corrobora com a descaracterização da ‘ação prática’ como única forma de vivência de lazer é o filósofo gaúcho Silvino Santin (1996) ao afirmar que não se pode dizer que

há uma atividade lúdica, pois não são as atividades, mas os valores vividos e realizados por aquele que brinca que torna ação lúdica ou não.

Das práticas apontadas pelos entrevistados, os filhos do casal da Família 3 reconhecem que tiveram oportunidade de aprendizado formal de algumas de suas atuais práticas de lazer. O filho frequentou escolinhas de futebol e para aprender a tocar violão, frequentou um curso para isso e a filha fez aulas de canto. Os outros entrevistados (casais proprietários) declaram que todas as suas práticas de lazer que necessitaram aprendizagem foram passadas por parentes e amigos.

Entrevistado	Cinema, teatro, etc.	Campo Futebol	Eventos Esportivos	Eventos Artísticos	Festas outras Comunidades	Visitas amigos e familiares	Cidade como Lazer	Férias
Família 1	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Raro	Nunca
Família 2	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Nunca
Família 3	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Raro
Família 4	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Raro	Sim

Quadro 14 – Acesso a equipamentos e políticas públicas de lazer
Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

O acesso aos equipamentos e políticas públicas de lazer, ficou evidente na entrevista com o roteiro semiestruturado, e nem tanto com o formulário de pesquisa (Quadro 14). O uso de equipamentos específicos de lazer como é o caso do cinema, teatro e biblioteca, é uma opção de lazer somente para os filhos da Família 3. Campo de futebol na cidade, é um equipamento de lazer utilizado pelas Famílias 3 e 4, que ou jogam futebol/futsal ou assistem jogos de futebol/futsal dos times da cidade quando disputam campeonatos. Os eventos esportivos e artísticos apontados pelos entrevistados como uma opção de lazer, referem-se em sua grande maioria a eventos realizados nas comunidades (local e vizinhas).

A vida social, esportiva e artística das comunidades é uma prática de lazer habitual entre todos os entrevistados. A utilização de equipamentos de lazer na cidade, como se percebeu nas respostas anteriores, é ocasional e pontual para alguns entrevistados, principalmente os filhos das famílias entrevistadas. Tirar férias possui um entendimento ambíguo para os entrevistados. Com exceção dos filhos da Família 3, os casais quando perguntados se viajavam, eles confirmavam que sim, como é o

caso do casal que já foi para a Itália e para Cuba, porém, quando se pergunta se já tiraram férias eles dizem: 'nunca'.

São raros os estudos que tratam o tema férias dos moradores da zona rural. A Universidade Federal de Santa Catarina aborda o tema, sem maior profundidade no Estudo socioeconômico a partir da disciplina Vivência em Agricultura Familiar no município de Irineópolis em Santa Catarina, 7% das famílias afirmam tirar férias todos os anos, 29% ocasionalmente e 55% nunca o fizeram (CAZELLA; BÚRIGO; ROVER, 2014). Os estudos realizados na França na década de 1960 por Dumazedier (2004) indicavam um crescimento do lazer desigual entre as populações urbanas e rurais segundo o sociólogo. Segundo ele, em média nas grandes cidades francesas 65% da população gozavam de férias, no campo esse número caía para 19%. Uma das razões para isso, segundo alguns estudiosos, é que o trabalho no campo nunca termina. Além da carga de trabalho, pode-se inferir que tirar férias, implica possuir membros da família, ou pessoas de confiança que possam dar continuidade aos trabalhos no período em que os agricultores se afastam da propriedade.

As práticas de lazer dos agricultores familiares promotores de turismo rural em Francisco Beltrão, principalmente dos mais velhos (casais) tem relação direta com seu modo de vida, de seus costumes e hábitos de produção, da alimentação, da religiosidade. A vida diária, apesar das influências e pressões do processo modernizador, e do ritmo mecânico do relógio, não rompeu em definitivo a relação tempo e local. Vivem envoltos com o ritmo da natureza, das estações dos anos, das épocas de plantio de colheita, das sazonalidades de mais trabalho de menos trabalho. Foram construindo o que Corona (1999) defendeu como a construção de uma racionalidade de resistência, não de apego a tradição, mas sim de uma lógica adaptativa e inovadora, assim descritas pela autora:

A lógica adaptativa possibilita assimilar as demandas da sociedade englobante e manter o formato organizacional familiar em que pesam aspectos do patrimônio sociocultural; a lógica inovadora explicita o estabelecimento de 'novas' estratégias econômicas para garantir a reprodução biológica e social da família (CORONA, 1999, p. 143).

Manter seu modo de vida e o modelo original que lhe deu forma são os elementos de reação da organização familiar às imposições da racionalidade capitalista e suas consequências. Com isso, os elementos da tradição se fundem com

elementos modernos e desse processo que reúne elementos diferentes surge o que Corona (1999) chamou de síntese de racionalidades.

A frequência e intensidades das relações entre o rural e urbano, amplia o universo dos agricultores. Junto com as novas tecnologias e relações econômicas, a lógica capitalista criou novas necessidades e novas possibilidades de interação social, entre elas, o lazer e o turismo no espaço rural. Agricultores familiares passam a oferecer turismo e lazer em suas propriedades mostrando como se apropriaram e são capazes de se adaptar as demandas, contudo resta saber se isso pode ameaçar ou descaracterizar o modo de vida e formato organizacional de base familiar e agrícola.

Seguindo, ainda a linha de raciocínio de Corona (1999), o que aproxima os agricultores pluriativos estudados por ela, dos demais agricultores familiares, é a capacidade de se adaptar ou de estabelecer estratégias frente as mudanças do ambiente para manter um modo de vida alicerçado na tradição que se revela na ligação com a terra como espaço de trabalho, de vida e de lazer, aos conhecimentos familiares, à religiosidade, às relações com a comunidade em que ele está inserido e apego com a família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi construída de modo que permitisse compreender o lazer a partir das percepções e práticas dos agricultores familiares que compartilham seu modo de vida com os adeptos do turismo no meio rural do município de Francisco Beltrão na região Sudoeste do Paraná. A princípio procurou-se entender como as transformações ambientais, econômicas, culturais e sociais pelas quais passaram os agricultores familiares nas últimas décadas estariam ligadas à adoção das atividades turísticas como forma de resistência dos agricultores para garantirem a reprodução familiar. O turismo é concebido como um dos interesses de lazer, o que torna os agricultores familiares promotores de lazer. Nos parágrafos abaixo serão apresentadas algumas conclusões sobre como o turismo (lazer como trabalho) e as práticas de lazer se inserem na dinâmica de trabalho e modo de vida dos agricultores familiares.

Constatou-se que a implantação das atividades turísticas nas propriedades pesquisadas deriva de ações dos agricultores familiares que vão além das eminentemente econômicas, há correlações com outros fatores que constituem a gênese do turismo rural nas propriedades estudadas. Os relatos e histórias de vida dos entrevistados demonstram que tais ações foram produzidas com base em fatores culturais, econômicos, naturais e políticos.

As práticas corporais de trabalho e lazer dos agricultores familiares pesquisados, ou seja, a cultura corporal, entendida como elemento componente da identidade cultural dos mesmos, têm relevância preponderante no surgimento das atividades turísticas.

A observação das atividades de lazer oferecidas aos turistas, não se distanciam das práticas historicamente vividas e fruídas por eles: banhos no rio, churrascos ao ar livre, futebol, bocha, passeios na natureza, produção de derivados da produção agrícola e pecuária, entre outros. Ao contrário do turismo no meio rural ou do turismo mais focado nos interesses do turista, em que se oferecem as atividades citadas acima com outras totalmente distantes da cultura rural (turismo no meio rural), como arvorismo, tirolesa, flutuação, mergulho com cilindro, *stand up*, *rafting*, entre outros.

Os recursos naturais constituem a base da oferta turística nas propriedades das Famílias pesquisadas, o uso da propriedade como opção de lazer ocorreu de

forma espontânea antes da exploração turística do roteiro. Assim, constatou-se que os recursos naturais são o principal motivo dos deslocamentos dos turistas até as propriedades, com finalidade de recreação e lazer. Porém, os recursos naturais e no rural, podem ser considerados elementos primários da oferta turística, pois estão presentes em todas as atividades deste segmento, mas não são atrativos turísticos em si. Observou-se na pesquisa que como afirma Tulik (1993), os recursos naturais só podem ser considerados como turísticos quando são explorados para tal e recebem condições favoráveis para que isso aconteça.

As condições econômicas e estruturais para que o turismo rural ocorresse em Francisco Beltrão, passou por decisões políticas no âmbito da Secretaria Municipal de Agricultura e, principalmente, da EMATER (estadual) visando fomentar e incentivar as ações, até então isoladas dos agricultores familiares. É a partir da capacitação e organização dos mesmos em um roteiro turístico, que os proprietários passaram a se sentir mais confiantes para investir em seus empreendimentos turísticos, acessando linhas de créditos junto a entidades financeiras (Bancos e Cresol) para tornar-se, de fato, um empreendimento turístico.

O turismo rural oferecido pelos agricultores familiares no município de Francisco Beltrão apresenta a característica da sazonalidade das atividades semelhante ao segmento em âmbito nacional, mas diverge em relação à época do ano que ocorre, o que mostra as muitas possibilidades do setor e as dificuldades da realização de generalizações. No caso estudado, percebeu-se tratar predominantemente do turismo de final de semana e no verão, ao contrário do turismo rural no Brasil que concentra seu maior público no inverno. Turismo rural que pode ser caracterizado pelo lazer de proximidade ou excursionista, atendendo principalmente as classes sociais que não têm acesso a equipamentos de lazer urbanos (clubes, etc) que ofereçam os mesmos atrativos.

Em suas propriedades as famílias agricultoras estudadas promotoras do turismo rural estudadas tiveram que atender aspectos formais requeridos pelo RTCM, visando adequar-se a lógica comercial de venda de serviços sendo compelidas a atuarem de acordo com as exigências do mercado turístico e atender a normas técnicas, investindo tempo e recursos financeiros em ações como cursos de oratória para receber os turistas, paisagismo para tornar o ambiente mais agradável, normas

de higiene para produção de alimentos e refeições e demais investimentos feitos na infraestrutura objetivando receber bem os turistas.

Entre as diversas mudanças decorrentes deste processo identificou-se que há atribuições e papéis referentes ao trabalho entre os integrantes da família que permitem identificar diferenças entre os que moram e os que não moram na propriedade, entre os mais velhos e os mais jovens e; entre homens e mulheres.

- a) O mais perceptível foi sobre o papel da mulher nas propriedades em que o turismo não é a principal fonte de renda da família, pois nestes, é a esposa que fala e assume a maioria das responsabilidades sobre o turismo; já nas propriedades em que o turismo é a principal fonte de renda da família, é o homem que responde sobre as atividades e fala sobre as atividades turísticas.
- b) A união da família para a promoção das atividades turísticas é fundamental. Mesmo nas propriedades em que residem somente os pais, o retorno dos filhos para ajudar nas atividades turísticas foi estratégico para garantir a continuidade das atividades. Os familiares que não residem na propriedade assumem tarefas ligadas ao primeiro contato com os turistas, recepção, explicação de normas de funcionamento, cobrança das taxas de entrada entre outros. No caso de promoções são eles que falam com o público, organizam atividades como bingos, brincadeiras, entre outras. O casal divide as tarefas dentro da lógica e hábitos de vida dos mesmos, as mulheres cuidam da preparação e produção dos alimentos e os homens assam a carne, visitam os turistas para saber o que eles estão precisando, levam lenha, carvão e gelo para os turistas. Os pais aparentam preferir atividades em que sintam-se mais seguros, isto é, realizando atividades que não lhe são estranhas, ficando o contato mais 'comercial' com os turistas com os demais membros da família.
- c) Nas famílias em que somente o casal vive na propriedade e os filhos não dependem da renda que os pais conseguem com a agricultura e turismo, observou-se um ritmo menor de trabalho do casalem relação às atividades agrícolas, mantendo um ritmo de trabalho menor, o suficiente para o sustento do casal, sem ter a preocupação de atingir patamares além do

necessário para manter sua qualidade de vida, inclusive com a contratação de mão de obra para atender o turismo em tempo integral.

- d) A elevada carga de trabalho gerada pelas atividades turísticas durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro (recantos), época em que os proprietários têm turistas 24 horas por dia em todos os dias da semana hospedados em suas propriedades, muito em decorrência das férias escolares e principalmente por se tratar de uma opção de lazer acessível às classes sociais que não têm acesso a clubes urbanos e a viagens para o litoral (sol e praia), nem sempre representa ganhos significativos para os agricultores que promovem o turismo rural em relação à diversidade de atividades (internas e externas) desenvolvidas pelos membros das famílias, contudo, a dedicação e o entusiasmo com que as atividades turísticas são realizadas por parte de todos entrevistados, mostram que o turismo rural mais do que ganhos financeiros, representam ganhos sociais e afetivos.

Nas pesquisas e estudos sobre a importância dos empreendimentos turísticos no meio rural levado a cabo por agricultores familiares, muitos constataram que nem todos apresentaram um nível de rentabilidade capaz de interferir de forma significativa na dinâmica da renda familiar. Com isso, concorda-se com os autores que alertam que o turismo rural na agricultura familiar talvez tenha menos importância na esfera econômica direta (emprego e renda) e maior na esfera sociocultural, isto é, na valorização da cultura e hábitos, da trajetória das famílias, das condições dos recursos naturais, o que acabam sendo fatores importantes para a coesão social das comunidades de agricultores familiares e para o desenvolvimento local.

O lazer como objeto de estudo inserido em um mundo em mudança se revela como uma categoria em constante construção. Aceitar este argumento, implica perceber que definições e conceitos sobre lazer devem ser datados e situados no tempo e no espaço. O entendimento de que o lazer como se conhece 'hoje', gestado em uma sociedade que produz em massa e também necessita de consumo em massa, é um fenômeno tipicamente moderno e urbano, ignorando as transformações que ocorrem no mundo, no trabalho, nas novas relações entre o urbano e o rural, e como estas transformações e inter-relações podem ao mesmo tempo provocar alterações (ser estruturante) e também sofrerem alterações (serem estruturadas).

O modo como as mudanças no trabalho está afetando a vida das pessoas e das famílias, não se restringe à vida nas cidades. As declarações anunciando a 'morte das carreiras' e o surgimento do trabalhador de portfólio apresentando condições de migrar de forma rápida de um trabalho para outro impactaram também nos agricultores. A multifuncionalidade/pluriatividade parece ser uma resposta dos agricultores aos desafios e incertezas do ambiente em que está inserido, em que pesam as demandas ambientais e sociais. Nesse contexto, o lazer e suas formas de fruição se transformam, se alteram e assumem novos sentidos e significados.

As práticas de lazer dos agricultores familiares entrevistados apresentam traços que demonstram o apego ao seu modo de vida, ou seja, às práticas coletivas carregadas de inter-relações espontâneas entre as pessoas em suas comunidades. Entretanto, assim como a grande maioria da população, eles também são um público cativo das práticas de lazer impostas pela cultura de massa. A televisão e o rádio são práticas diárias de lazer dos agricultores familiares. Nesse sentido é oportuno lembrar a importância de cada vez mais ser necessário considerar o lazer como objeto de educação – e educação para o lazer. Isso poderia potencializar as diferentes formas de se entender e atuar no campo do lazer, superando dicotomias entre local e global, entre rural e urbano, sem que isso anule as especificidades de cada contexto. Em outras palavras, para a vivência das atividades de lazer em qualquer contexto é imperativo levar em conta o seu duplo aspecto educativo, ou seja, o lazer é uma via privilegiada de educação, aprende-se com as práticas de lazer, elas contribuem para a compreensão da realidade e para que isso ocorra, também é necessária educação para o lazer: oferecer estímulos, oportunizar a iniciação aos conteúdos culturais de lazer.

O acesso a equipamentos específicos de lazer urbanos, não acontece por barreiras econômicas, mas pela forte ligação ao modo de vida dos agricultores e das relações afetivas sociais com a comunidade local, vizinhos e parentes. Os interesses sociais e associativos norteiam e movimentam as escolhas de lazer dos sujeitos pesquisados, isto em si não é uma novidade para os estudos do lazer, bem como as possibilidades de inter-relacionamentos presentes em praticamente todas as atividades de lazer. O que é muito forte e presente nos discursos dos agricultores sobre suas práticas de lazer é a valorização da família e das amizades presentes no

espaço de sua comunidade. As práticas de lazer estão ligadas ao contexto espacial e social em que a vida acontece. Os vendedores de lazer não têm como hábito se afastarem de sua comunidade para buscar lazer, quando o fazem é para retribuir a visita de outros agricultores a sua comunidade, ou seja, lazer está ligado às relações de afinidades e amizades, sem levar em consideração o tempo, espaço e os equipamentos para que isso ocorra.

O lazer dos agricultores familiares tem uma relação intrínseca com o modo de vida dos mesmos, isso não implica ignorar ou negar as influências culturais e de consumo vindas da sociedade globalizada em que eles estão imersos. Porém, eles apresentam aspectos de suas tradições, hábitos e costumes e, ao estabelecerem as atividades de turismo, fortalecem a construção de uma racionalidade de resistência defendidas por Corona (1999), em que está presente ao mesmo tempo uma lógica adaptativa ao assimilar as demandas externas e inovadora quando estabelecem respostas que possibilitem a reprodução biológica e social da família.

O presente trabalho demonstrou como as atividades não agrícolas podem fortalecer a agricultura familiar e contribuir para a manutenção destes agricultores no espaço rural, considerando os aspectos econômicos, culturais, naturais e sociais. Apontou também questões que devem ser analisadas com mais profundidade em estudos futuros:

- a) O abandono das atividades agrícolas produtivas quando o turismo passa a ser a principal renda da propriedade;
- b) O papel e a importância dos equipamentos, recursos naturais e culturais presentes no rural como opção de lazer para classes sociais sem acesso aos equipamentos de lazer urbanos ou ainda ao turismo litorâneo no verão.
- c) A educação e formação para o lazer dos moradores (não só) do rural necessitam de maior atenção das disciplinas acadêmicas que tem como objeto de estudo a cultura em especial a corporal e suas práticas, como ação contra hegemônica da homogeneização das práticas de lazer importadas pela cultura de massas.

Para finalizar, vale lembrar como o otimismo com os avanços tecnológicos chegou a suscitar a esperança da geração de mais tempo de lazer, algo distante nos tempos atuais e, talvez ainda utópico a guiar tempos futuros. Os trabalhadores em

geral precisam e ou buscam cada vez mais trabalho, com intuito de obter mais renda, para satisfazer necessidades de consumo, sobrevivência e de vida.

A dicotomia tempo de trabalho e tempo de lazer é relativizada no mundo rural, pois tradicionalmente tal divisão não era rígida quanto é em geral no mundo do trabalho urbano. Com as relações estreitadas entre os agricultores familiares oferecendo atividades de lazer em suas propriedades (turismo) e os turistas urbanos, eles criaram para si um tempo mais rígido de trabalho, o que não era comum antes com as atividades agrícolas. Em outras palavras, se no trabalho agrícola a divisão trabalho e lazer não era tão nítida, com o turismo rural ela é muito clara, contudo, os agricultores familiares nas suas narrativas continuam, ou procuram manter aspectos culturais, ligados ao modo como agem em relação ao trabalho, seja ele agrícola ou turístico, buscando dar sentidos e significados que se alicerçam em seus modos de vida e suas tradições, aproximando tempo e espaço nas suas atividades de lazer e na manutenção, mesmo que parcial, do modo em que vivem.

Se nos estudos do lazer, trabalho não pode ser lazer, pois esse se trata de tempo disponível fora do trabalho e se considerar que estes estudos dizem que somente a 'atitude' em relação ao lazer daria muita subjetividade ao seu entendimento, como chamar as atividades lúdicas e prazerosas dos agricultores familiares que se fundem com o trabalho turístico e que essas não são orientadas pela lógica do relógio e do calendário fixo? Nos casos estudados não há separação do lazer com o seu modo de vida.

A modernidade em seu processo de homogeneização separou o tempo do espaço, isto é, alterou de forma significativa os modos de vida tradicionais, marcados pelos contatos face a face. O trabalho se fragmentou e se separou das outras esferas da vida. As ideias e o modo de produção da vida na modernidade construíram a noção de que trabalho é vida, se é assim, por que não reaprender as 'artes de viver' como lembrou Melo (2010) perdidas com a modernidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil?** Novos estudos. - CEBRAP, São Paulo, n. 87, Julho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 nov. 2012.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas : Editora HICITEC, 1992.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa: o Sudoeste do Paraná**. 1981, 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1981.

ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP : EDUSC, 2000.

AMSOP. Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná. **Banco de Dados do Sudoeste do Paraná**. Disponível em <http://www.amsop.com.br/home.php>. Acessado em: 21 Jul de 2013.

ANDRIOLI, Antônio I. **Agricultura familiar e sustentabilidade ambiental**. Revista Espaço Acadêmico, nº 89, outubro de 2008.

AZEVEDO, Elaine de. **Qualidade de vida na perspectiva da agricultura familiar orgânica**. IV Encontro Nacional da ANPPAS. Brasília : 2008. Disponível em; <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT14-254-65-20080424182727.pdf>. Acessado em 19/08/2014.

BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. **Qualidade de Vida e ambiente: uma temática em construção**. In: BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas (org.). A temática ambiental e a pluralidade do Ciclo de Seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP, NEPAM, p. 401- 423, 1998.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo : Movimento, 1991.

BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto, Portugal : Porto Editora, 1994.

BONNANO, A. A Globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar. In: CAVALCANTI, J.S.B. (org) **Globalização, trabalho e meio ambiente**. Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife, Ed. da UFPE, 1999.

BRASIL. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. 2 ed. Brasília : Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CALDAS, Eduardo de Lima; MARTINS, Rafael D’Almeida. Visões do desenvolvimento local: uma análise comparada de experiências brasileiras. In: LEITE JÚNIOR, Plínio Pimentel. **O valor social do turismo**. São Paulo : Roca, 2007.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo : Moderna, 1998.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo : Brasiliense, 2003.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Posfácio: o lazer na sociedade brasileira. In: PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo : Editora Senac, 2011.

CANDIOTTO, Luciano Z. P. **O Roteiro de Turismo Rural “Doce Iguassu”, município de Capanema – Paraná – Brasil**: gênese e desenvolvimento. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, Costa Rica, pp. 1-16, II Semestre 2011. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/07.pdf>. Acesso em: 20 jul de 2013.

CAZELLA, Ademir A; BONNAL, Philippe; MALUF, Ranato S. (Orgs.) **Agricultura familiar**: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro : Mauad X, 2009.

CAZELLA, Ademir Antônio. BÚRIGO, Fábio Luiz. ROVER, Oscar José (Coord.). **Estudo socioeconômico a partir da disciplina Vivência em Agricultura Familiar no município de Irineópolis (SC)** Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Agrárias – Florianópolis : CCA/UFSC, 2014.

COELHO, Teixeira. Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer. In: WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo : SESC/WLRA, 2000.

COELHO, Teixeira. Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer. In: WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo : SESC/WLRA, 2000.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa. **A Reprodução social da agricultura familiar na Região Metropolitana de Curitiba em suas múltiplas inter-relações**. 2006. 316 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa. **A resistência inovadora**: a pluriatividade no sudoeste paranaense.1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) **Setor de**

Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis : Vozes, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo : Editora Hucitec, 2001.

DOWBOR, Ladislau. Globalização e tendências institucionais. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo-Edgar A (Orgs.). **Desafios da globalização**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

DUARTE, Bernardo Augusto Ferreira. **O lazer levado a sério**. Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais outubro. v. 73 — n. 4 — ano XXVII, nov/dez, 2009.

DUARTE, Bernardo Ferreira; RIBEIRO, Fernando José Armando. **Mandado de injunção e direito ao lazer: o renascimento de uma garantia constitucional e o alvejar de um direito fundamental**, 2008. Disponível em: http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/1_2008/Discentes/Mandado%20de%20injuncao%20e%20direito%20ao%20lazer.pdf. Acessado em Dez, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo : Perspectiva, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo : Perspectiva, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer: planejamento de lazer no Brasil**. São Paulo : SESC, 1980.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. 2 ed. Guaíba : Editora Agropecuária, 1999.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? in: LANDER, *Edgardo (org)*. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina : 2005.

FALEIROS, Maria Isabel Leme. **Repensando o lazer**. São Paulo : Perspectiva, 1980.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo : um instrumento de reflexão. In: **Contexto e educação**. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 p. 19-24 jul./set, 1987.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A educação física na crise da modernidade**. Ijuí : Editora Unijuí, 2001.

FROELICH, José Marcos. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o “desenvolvimento”.

In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP : EDUSC, 2000.

FUCKS, Patrícia Marasca; SOUZA, Marcelino de. Turismo no espaço rural e preservação do patrimônio, da paisagem e da cultura. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, MARCELLINO (orgs). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri, SP : Manole, 2010.

GARCIA JR, Afrânio Raúl; HEREDIA, Beatriz Alasia. Campesinato, Família e Diversificação de explorações agrícolas no Brasil. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Azevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre : Artmed, 2005.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo : Editora Unesp, 1991.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: concepções In: GOMES, Chistianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa (79-108). In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis : Vozes, 2015.

GONÇALVES, Anderson. Os pontos habitados mais altos do Paraná. **Gazeta do Povo Online**. Curitiba, 16 dez. 2011. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/retratosparana/curiosidades/conteudo.phtml?id=1203762&tit=Os-pontos-habitados-mais-altos-do-Parana>. Acessado em: 17 de jul. 2013.

GUIA TURÍSTICO. **Sudoeste do Paraná 2008**. Jornalista Responsável Deise Silva. Cascavel : 2007.

Hall Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17 ed. São Paulo : Edições Loyola, 1992.

HEUSER, Donato Marcelo D.; PATRÍCIO, Zuleica Maria. Agroturismo no contexto de núcleos familiares receptores de Santa Rosa de Lima (SC): repercussões na qualidade de vida e caminhos para a sustentabilidade. in PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al (orgs). **Turismo no espaço rural: enfoques e perspectiva**. São Paulo : Roca, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2002.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 4 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1995.

IDESTUR. **Panorama Empresarial de Turismo Rural 2010**. Guia PETR: Panorama Empresarial de Turismo Rural 2010. Coordenação Geral IDESTUR - Andreia Roque. São Paulo, 2010.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras regionais** : Mesorregião Geográfica Sudoeste Paranaense/ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba : IPARDES : BRDE, 2004.

IPARDES. **Grau de urbanização, taxa de crescimento geométrico populacional e participação da população dos municípios no total do estado** – Paraná, 2013. Disponível em: http://www.ipardes.pr.gov.br/anuario_2013/index.html. Acessado em 11/05/2015.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural, conceitos e aplicações ao caso brasileiro**. Porto Alegre : UFRGS, 2008

KLEIN, Angela Luciane. SOUZA, Marcelino de. O turismo rural pedagógico e a função educativa das propriedades rurais:duas experiências no sul do Brasil. In: CRISTÓVÃO, Artur et al. **Turismo rural em tempos de novas ruralidades**. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2014.

KUNSLER, Alexandre et al. **Ordenamento legal e direito social ao esporte e lazer**: no rastro do sistema nacional. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – Bahia – Brasil, set, 2009.

KURZ, Robert. A ditadura do tempo abstrato. In: WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo : SESC/WLRA, 2000.

LANE, Bernard. Jost Krippendorf pioneiro do turismo sustentável. In KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3 ed. São Paulo : Aleph, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo : Atlas, 2003.

LAMARCHE, Hugues. Por uma teoria da agricultura familiar. In: LAMARCHE, Hugues (Coord.) **Agricultura Familiar**: comparação internacional - do mito a realidade. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1998.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: Territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis : Vozes, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre : Sulina, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3 ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

MARCASSA, Luciana. Lazer – educação. In: GOMES, Christiane Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte : Autentica, 2004.

MARCASSA, Luciana; MASCARENHAS, Fernando. Lazer. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí, RS : Unijuí, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 3 ed. Campinas, SP : Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, SP : Papyrus, 2013.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 8 ed. Campinas, SP : Papyrus, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo : Atlas, 2010.

MARIN, Elizara Carolina. **O lúdico na vida**: colonas de Vale Vêneto. 1996, 155f. Dissertação (Mestrado em Educação Física/Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 1996.

MARTIGNONI, Luciano. **Lazer no assentamento rural Oito de Junho**: análise a partir da multifuncionalidade da agricultura. 2013, 128f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Pato Branco, PR, 2013

MATTEI, Lauro. Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al (orgs). **Turismo no espaço rural**: enfoques e perspectivas. São Paulo : Roca, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Contribuições da história para o estudo do lazer. In: MELO, Victor Andrade de (org). **Lazer**: olhares multidisciplinares. Campinas, SP : Alinea, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. **Qualidade de Vida e saúde**: um debate necessário. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Qualidade de vida e saúde como valor existência**. Editorial Revista Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 18 n. 7. Rio de Janeiro Jul , 2013.

MÖLLER, Ronald. **História do esporte e das atividades físicas**. São Paulo : Ibrasa, 2008.

MOREIRA, Roberto José. **Críticas ambientalistas à Revolução Verde**. Estudos Sociedade e Agricultura, p. 39-52, outubro 2000.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e Qualidade de Vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 3. ed. Londrina: Midiograf, 2003.

OMS. The World Health Organization. **Quality of Life Assessment (WHOQOL)**: position paper from the World Health Organization. Social science and medicine. v.41, n.10, 1995, p.403-409.

ORTEGA, Graciela Uribe. Identidade cultural, território e lazer. In: WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo : SESC/WLRA, 2000.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2000.

PARANÁ, Secretaria de Estado do Turismo. **Diretrizes para o Turismo em Áreas Naturais no Paraná**. Curitiba : EMATER – IAP, 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado do Turismo. **Hierarquização das Regiões Turísticas 2012**. Curitiba : Paraná Turismo, 2013. Acessado em 15/12/2013. Disponível em: <http://www.setu.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=172> .

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no vale do Itabapoana**. 1999, 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física Campinas, SP : [s. n.], 1999.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história a contar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Políticas Públicas de lazer**. Campinas, SP : Editora Alínea, 2008.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade**: estudo com jovens belo-horizontinos. 2004, 199 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo : Editora Senac, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al. **Turismo no espaço rural**: enfoques e perspectivas. São Paulo : Roca, 2006.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço**: lazer e outros temas. São Paulo : Roca, 2001.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo : Editora Senac, 2011.

REIS, Douglas Sathler dos. **O rural e urbano no Brasil**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em CaxambúMG Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em

http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf
 Acessado em 20/ dez 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**. 3.ed. SÃO PAULO: Atlas, 1985.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo : Hucitec, 1997.

ROSA, Maria Cristina. Festa. In: GOMES, Christianne Luce. Lazer: concepções In: GOMES, Chistianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 20.ed. Petrópolis : Vozes, 1978.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo : Nobel, 1993.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão e rendimento. Porto Alegre: Edições EST, 1996.

SANTOS, Boaventura Sousa (org). **A globalização e as ciências sociais**. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo : Cortez, 2006.

SANTOS, Eurico de Oliveira; ALMEIDA, Joaquim Anecio. Agroturismo e turismo rural em propriedades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul. In PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al (orgs). **Turismo no espaço rural**: enfoques e perspectivas. São Paulo : Roca, 2006.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo : SESC/WLRA, 2000.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre : Editora UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. **Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate**. *Rev. Econ. Polit.* [online]. 2010, vol.30, n.3, pp. 511-531. ISSN 0101-3157.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

SERRANO, Célia. A educação pelas pedras: uma introdução. In: SERRANO, Célia (Org.). **A Educação Pelas Pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo, Chronos, 2000.

SETU. **Plano estratégico de desenvolvimento do turismo regional 2008-2011:** Região Turística Vales do Iguaçu – Sudoeste. Curitiba : SETU, 2013.

SILVA, José Graziano da, VILARINHO, Carlyle, DALE, Paul J. **Turismo em áreas rurais:** suas possibilidades e limitações no Brasil. Caderno CRH, Salvador, n. 28, p. 113-155. Jan/jun. 1998.

SILVA, José Graziano da. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estud. av.** São Paulo, v. 15, n. 43, p. 37-50, Dec. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300005>. Acessado em 25/05/2015.

SOARES, Carmem Lúcia, et al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

STECA, Lucinéia Cunha. FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná:** do século XVI à década de 1950. Londrina : Ed. UEL, 2002.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

TAMANINI, Elizabete; FERRETI, Orlando. Introdução. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al. **Turismo no espaço rural :** enfoques e perspectivas. São Paulo : Roca, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

TOMAZZONI, Edgar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional:** dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul, RS : Educs, 2009.

TOMIO, Dilson; DREHER, Marialva Tomio. Captação da demanda: fator essencial para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos de turismo rural. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira et al (orgs). **Turismo no espaço rural:** enfoques e perspectivas. São Paulo : Roca, 2006.

TORRENS, João Carlos S. **A sustentabilidade da agricultura familiar:** enfoques e desafios. Boletim do Deser. Ago. 2005, n 145. Disponível em: http://www.deser.org.br/boletins_download.asp?href=boletins/146_3.zip&id=233. Acesso em: 20 jul 2013.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes. Qualidade de Vida e sua complexidade. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (orgs.). **Esporte como fator de Qualidade de Vida.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002, p. 263-268.

TULIK, Olga. **Recursos naturais e turismo:** tendências contemporâneas. Revista Turismo em Análise. nº 4 : 26 – 39, 1993.

TULIK, Olga. **Turismo rural.** São Paulo : Aleph, 2003.

VEIGA, Jose Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP : Autores Associados, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, sudoeste**: ocupação e colonização. 2 ed. Curitiba : Ed. Vicentina, 1987.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In FERREIRA, Ângela Damaceno; BRANDENBURG, Alfio. (Orgs.) **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro, 1996.

ZANONI, Magda. **A questão ambiental e o rural contemporâneo**: desenvolvimento e meio ambiente. Curitiba, n. 10, p. 101-110, jul./dez. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE
TECNOLÓGICA FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO TURISMO NO

MEIO RURAL NO SUDOESTE DO PARANÁ

Pesquisador: Osni

Zioli **Área Temática:**

Versão: 4

CAAE: 36621814.7.0000.5547

Instituição Proponente: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer:

985.326 **Data da Relatoria:**

12/03/2015

Apresentação do Projeto:

O turismo rural vem sendo apresentado como uma das possibilidades de aumento de renda e por consequência melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares brasileiros que tenham como possibilidades compartilhar sua cultura, seu modo de vida bem como atrativos relacionados a paisagem com visitantes adeptos ao turismo rural. Contudo a inclusão deste serviço a carga de trabalho presente no meio rural, faz levantar questões importantes sobre a qualidade de vida dos agricultores familiares, que buscam aumento de renda e sacrificando o seu tempo disponível para fruição do seu próprio lazer. O estudo busca compreender a percepção dos agricultores familiares que exploram o turismo rural em suas propriedades sobre o lazer e suas possibilidades de vivências e fruição do lazer para ele e os membros de sua família.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o autor, o objetivo da pesquisa é:

Conhecer a partir dos sujeitos envolvidos com a exploração do turismo rural sua percepção sobre o lazer, seus tempos e dinâmicas envolvidas neste processo de misturar o trabalho no meio rural com uma atividade própria do modelo industrial e fabril da modernidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o pesquisador:

Os possíveis riscos aos entrevistados seriam de causar constrangimentos quanto a recordação de situações vividas que podem causar sofrimento ao falar ou recordar tais fatos. Contudo, a pesquisa não tem por objetivo apontar, identificar, ou mesmo relatar tais fatos.

Como benefícios, o autor aponta que:

Pesquisas voltadas para entender a realidade local e sua complexidade, promovem a reflexão e geram subsídios para elaboração de legislação específica em âmbito regional. Ao tratar o lazer no meio rural como possibilidade de melhoria da qualidade de vida, levando em conta os interesses e necessidades da população rural, caminha-se para o entendimento das contradições encontradas e com isso facilitar a leitura da realidade por parte dos moradores do espaço rural.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trabalho relevante para a área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto atende as recomendações da Resolução 466/12.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ver item recomendações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-UTFPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

Página 02 de

Continuação do Parecer: 985.326

CURITIBA, 13 de Março de 2015

**Assinado por:
Frieda Saicla Barros
Coordenador**

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

Bairro: CENTRO

CEP: 80.230-901



UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3310-4943

E-mail: coep@utfpr.edu.br

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

 <p>UTFPR UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ Campus Pato Branco</p>	<p>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL</p>	 <p>PPGDR</p>
--	---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: O LAZER DOS AGRICULTORES FAMILIARES PROMOTORES DO TURISMO NO MEIO RURAL NO SUDOESTE DO PARANÁ

Pesquisador: OSNI ZIOLI (46) 9928-5466 – Endereço: Rua Princesa Isabel, 501 – Centro Itapejara D'Oeste – Paraná.

Orientadora: Dra. Hieda Maria Pagliosa Corona

Local de realização da pesquisa: Francisco Beltrão – Paraná

Endereço, telefone do local:

1. Recanto do Dário – Linha São João - (46) 9974-1465 e (46) 3524-0654
2. Recanto Vale Verde – Linha Santa Bárbara (46) 9975-8498
3. Cantina Salmória – Rio Kibebe (46) 9974-5309
4. Horta Orgânica Colhe e Pague Santa Inês – Água Branca – (46) 9915-7397
5. Recanto Renascer – Água Vermelha – (46) 9916-2043
6. Cantina Graciani – Km 4 (46) 3523-5159
7. Recanto da Amizade – Nova Concórdia (46) 9978-7600
8. Recanto Ouro Verde – Linha São Marcos (46) 9916-2043

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**1. Apresentação da pesquisa.**

A presente pesquisa se propõe a analisar como o lazer concebido como objeto para a melhoria da qualidade de vida da população urbana, é apropriado, aprendido e fruído pelos agricultores familiares que promovem o lazer e o turismo rural em suas propriedades com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida em decorrência do aumento da sua renda, em detrimento do seu próprio tempo de lazer.

2. Objetivos da pesquisa.

Compreender o lazer a partir das percepções e práticas dos agricultores familiares que compartilham seu modo de vida com os adeptos do turismo no meio rural, vinculando-o com o ensino da educação física escolar.

3. Participação na pesquisa.

Apos a sondagem e conhecimento dos agricultores familiares os mesmos foram selecionados considerando a oferta dos mesmos do lazer e turismo rural em sua

propriedade, como forma melhorar a renda. Logo após será aplicado um formulário buscando identificar os aspectos sociais, culturais econômicos e ambientais relacionados a vida desses agricultores familiares. A segunda etapa será realizada através de uma pesquisa de campo onde se coletará dados e informações através de observações não participante das práticas de lazer oferecidas pelos agricultores familiares aos turistas e das práticas de lazer dos mesmos. Na sequência serão realizadas entrevistas com os agricultores familiares a respeito de suas percepções sobre o turismo e o lazer no meio rural, sobre o lazer dos mesmos na relação tempo, espaço e trabalho, e o vínculo de suas práticas com os conhecimentos adquiridos durante seu período de escolarização nas aulas de educação física (perguntas e as respostas serão redigidas pelo entrevistador, não serão usados filmagens ou gravação de voz).

4. Confidencialidade.

Eu Osni Zioli assumo o compromisso de manter em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa, usando apenas para divulgação os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometo-me também a não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gera benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para uso de terceiros e a não repassar o conhecimento das Informações confidenciais, responsabilizando-se por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.

5a) Desconfortos e ou Riscos: Os possíveis riscos aos entrevistados seriam de causar constrangimentos quanto a recordação de situações vividas que podem causar sofrimento ao falar ou recordar tais fatos. Contudo, a pesquisa não tem por objetivo apontar, identificar, ou mesmo relatar tais fatos.

5b) Benefícios: Pesquisas voltadas para entender a realidade local e sua complexidade, promovem a reflexão e geram subsídios para elaboração de legislação específica em âmbito regional. Ao tratar o lazer no meio rural como possibilidade de melhoria da qualidade de vida, levando em conta os interesses e necessidades da população rural, caminha-se para o entendimento das contradições encontradas e com isso facilitar a leitura da realidade por parte dos moradores do espaço rural.

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão: Os critérios de inclusão são: a) Serem Agricultores Familiares; b) Explorarem o Turismo Rural em suas propriedades e c) Fazerem parte do Roteiro Turístico Caminho do Marrecas de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná.

6b) Exclusão: Os critérios de exclusão são: a) Apresentarem como atrações turísticas principais aquelas ligadas ao turismo no meio rural em detrimento ao turismo rural e b) Não possuírem engajamento com ações coletivas de fomento ao turismo rural.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

O entrevistado tem o direito de deixar o estudo a qualquer momento e também de receber esclarecimentos sobre e a qualquer etapa da pesquisa. Tem também o direito e a liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização.

8. Ressarcimento ou indenização.

O entrevistado tem o direito de ressarcimento ou indenização se em decorrência da pesquisa o mesmo sofrer danos morais e financeiros. Se houver despesas financeiras por parte do entrevistado para participar da pesquisa fica acordado que o mesmo tem direito a ressarcimento desde que comunicado com antecedência e assinado aprovação entre as partes.

B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/____ Telefone: _____
 Endereço: _____ CEP: _____
 _____ Cidade: _____ Estado: _____
 Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: _____

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via e-mail: _____ ou telefone: _____.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)
 REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943,
 e-mail: coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

APÊNDICE 3 – Roteiro semiestruturado de entrevista

ENTREVISTA SOBRE A ATIVIDADE TURÍSTICA E O LAZER

1. Como surgiu a iniciativa de trabalhar com o turismo? Quando? Quem foram os principais incentivadores? De onde vieram os recursos financeiros?
2. Houve uma capacitação para exercer esta atividade? Onde ela foi feita? Quem a promoveu? Quem da família participou?
3. Como são divididas as tarefas entre os membros da família e outros (se for o caso) em relação as atividades turísticas oferecidas na propriedade? Quem faz o que?
4. Quantos turistas são recebidos por mês?
5. Existe um número máximo de turistas a serem recebidos no mesmo tempo?
6. Quais os dias e horários que vocês recebem os turistas?
7. Quais as épocas do ano (meses) em que a propriedade mais recebe turistas?
8. Quanto tempo o turista fica na propriedade em média?
9. Qual a média de gastos por turista a cada visita?
10. Quanto representa mensalmente os valores recebidos com as atividades turísticas sobre o total das atividades econômicas realizadas pela família?
11. Quais as atividades e produtos que são oferecidos para os turistas?
12. Como é o relacionamento dos membros da família com os turistas? Estes encontros são prazerosos para ambos? Justifique.
13. Comparadas com o tempo e o trabalho despendido com as atividades agrícolas, as atividades turísticas podem ser consideradas: a) Mais trabalhosas? Por que? b) Mais penosas? Por que? c) Mais prazerosas? Por que? d) Mais estressantes? Por que? e) Mais alegres; Por que?
14. Quais os pontos positivos para a família com a implantação das atividades turísticas na propriedade?
15. Quais os pontos negativos para a família com a implantação das atividades turísticas na propriedade?
16. Antes da implantação das atividades turísticas na propriedade, quanto tempo por semana você possuía de tempo livre? o que você fazia neste tempo livre (disponível)?

17. Depois da implantação das atividades turísticas na propriedade, quanto tempo por semana você possui de tempo livre?
18. O que você entende como lazer?
19. Existe um tempo próprio para o lazer acontecer? Qual?
20. Atualmente, o que você faz no seu tempo livre?

ATIVIDADES	Nunca	No Mês		Na semana		Diariamente
	0	1 vez	2 ou +	1 a 3	4 ou +	7 vezes
Praticar Esportes – Exercícios						
Assistir/estudar Esportes						
Ler, estudar, aprender coisas novas						
Estar com a família, amigos						
Ver televisão						
Ouvir música						
Pintar, tocar instrumentos, cantar...						
Viajar, passear...						
Jardinagem, tricô, artesanato						
Outras:						

21. Das práticas apontadas por você acima, qual delas requereu aprendizagem? Onde e com quem você aprendeu tais práticas?
22. A família (alguns membros) tem por habito tirar férias? De quanto tempo? Quais as preferências de atividades e locais que visitam no período de férias?
23. A renda proveniente das atividades turísticas interferiu na qualidade de vida da família? De que forma? Justifique.
24. Faria tudo novamente?

Quantidade									
------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

IV - ACESSO AOS SERVIÇOS

4.1) Assistência social

Cesta básica: 1. sim () 2. não ()

Bolsa família: 1. sim () 2. não ()

Bolsa do Programa de erradicação do trabalho infantil: 1. sim () 2. não ()

Outros benefícios: 1. sim () 2. não () _____

4.2) Transporte utilizado pela família:

Transporte coletivo público: 1. sim () 2. não ()

Transporte coletivo privado: 1. sim () 2. não ()

Carro próprio: 1. sim () 2. não ()

Moto própria: sim () não ()

Outros: 1. sim () 2. não ()

4.3) Participação na vida da comunidade e do município

1. Entidades/Instituições na comunidade	2. Entidade/Instituições no município
1. Igreja/capela: sim (), qual: _____; não ()	1. S.T Rurais: filiado: sim () não (); diretoria: sim () não ()
2. Associação agricultores: sim () não ()	2. S. Rural : filiado: sim () não (); diretoria: sim () não ()
3. Clube de mães: sim () não ()	3. Conselhos: sim (), qual: _____; não ()
4. ONG's: sim () não ()	4. Cooperativas: sim (), qual _____; não ()
5. APM's: sim () não ()	5. ONG's 1. sim (), qual: _____; não ()
7. Outros: _____	7. Associações de agricultores sim (), qual _____; não ()
	8. Outros: _____

4.4) Acesso a equipamentos e políticas públicas de lazer:

Cinema, Teatro e Biblioteca: 1. sim () 2. não ()

Campo de Futebol, Quadras Poliesportivas, Canchas de Bocha: 1. sim () 2. não ()

Eventos Esportivos: Campeonatos e Torneios: 1. sim () 2. não ()

Eventos Artísticos: Festivais de Música e ou Dança: 1. sim () não ()

A família ou parte de seus membros frequenta as festas em outras comunidades: sim () não ()

A família ou parte de seus membros visita: familiares (); vizinhos (); amigos (); outros ()

A família ou parte de seus membros vai à cidade em busca de lazer sim () não () raramente ()

A família viaja de férias: todos os anos (); poucas vezes (); nunca ()

V - ASPECTOS RELACIONADOS A RENDA FAMILIAR 5.1) Renda bruta nos últimos 12 meses -

1 Produção Agrícola	
2 Produção pecuária	
3 Derivados da produção vegetal e animal	
4 Aposentadorias e pensões	
5 Renda não agrícola	
6.Arrendamento de terras	
7 Aluguel de máquinas	
8 Renda trabalho agrícola fora estabelecimento	
9. Programas sociais	
10. Atividades Turísticas	
11. Outros	
Renda Total	

VI - MUDANÇAS OCORRIDAS NO ESTABELECIMENTO

6.1) Tipos das mudanças na propriedade nos últimos 10 anos.

Tipos de mudança	Aumentou	Diminuiu	Mesma	Motivo
1) Área total do estabelecimento				
2) Área com lavoura				
3) Área de mato/floresta				
4) Área com pastagem				
5) Numero de culturas				

6) Uso de insumos químicos/agrotóxicos				
7) Uso de insumos orgânicos/verde				
8) Uso de máquinas e implementos agrícolas				
9) Volume pássaros silvestres				
10) Volume de outros animais silvestres				
11) Diversidade de animais silvestres				
12) Volume de peixes nos rios				
13) Diversidade de espécies de peixe nos rios				
14) Tipos de pragas e doenças				
15) Fertilidade do solo				
16) Volume de água das nascentes				
17) Volume de água dos córregos e rios				
18) Qualidade de água das nascentes				
19) Qualidade da água dos córregos e rios				
20) Mão de obra empregada na propriedade				
21) Renda familiar				

6.2) Mudanças ocorridas na comunidade nos últimos 10 anos?

VII - IMPACTOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE AS ATIVIDADES TURÍSTICAS OFERECIDAS NO ESTABELECIMENTO:

Programa/Política Pública	No que contribuiu	Problemas que gerou	Sugestão?

VIII - UTILIZAÇÃO DA ÁREA E PRODUÇÃO

8.1) Utilização da área (ha)

Tipo de uso	1.Área
1. Lavoura Temporária	
2. Lavoura Permanente	
3. Horta, e Pomar doméstico	
5. Mata Nativa	
6. Mata plantada	
7. Lagos	
8. Rios, sangas	
9. Pastagem	
10. Construções	
11. Pousio	
12. Lazer - Turismo	

13. Outros usos	
14. Sem uso porque é morro	
Sem uso por outros motivos	
Área total	

8.2) Produção agropecuária nos últimos 12 meses

Culturas e criação		Quantidade colhida/ produção (kg,maço,ton, litro, etc)		Produção orgânica	Produção convencional
		Venda	Consumo		

Culturas	Total	Quantidade colhida/produção (kg, maço, ton., litro, etc.)			Produção Orgânica	Produção Convencional	Produção Transgenica	Para quem vende
		Turismo	Venda	Consumo				
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
22 Horta comercial								
- Qntd. de variedades								
23 Horta doméstica								
- Qntd. de variedades								

1) Sequência de culturas por importância na geração de renda, horta e pomar caseiros

5) (1) Cooperativa; (2) Supermercado; (3) Empresas agropecuárias; (4) Direto ao consumidor; (5) Feiras; (6) Intermediários; (7) Turismo (8) Outros (quem?).

Uso de tecnologia (do 6 ao 10): (X) Sim e em branco para Não

8.3) Produção animal nos últimos 12 meses

Criações	1) Quantidade Total	2) Quantidade vendida	3) Quantidade consumida	4) Pra quem vende
1. Bovino de corte				
2. Bovino de leite				
3. Suíno				
4. Ovino				
5. Caprino				
6. Equino				
7. Aves				
8. Peixe				

6) (1) Cooperativa; (2) Supermercado; (3) Empresas agropecuárias; (4) Direto ao consumidor; (5) Feiras; (6) Intermediários; (7) Turismo (8) Outros Uso de tecnologia (do 6 ao 10): (X) Sim e em branco para Não

8.4) Principais derivados da produção animal nos últimos 12 meses

Produtos Derivados	1) Quantidade Total	2) Quantidade vendida	3) Quantidade consumida	4) Pra quem vende

6) (1) Cooperativa; (2) Supermercado; (3) Empresas agropecuárias; (4) Direto ao consumidor; (5) Feiras; (6) Intermediários; (7) Turismo (8) Outros Uso de tecnologia (do 6 ao 10): (X) Sim e em branco para Não

8.5) Principais produtos artesanais agrícolas e não agrícolas nos últimos 12 meses

Produtos	1) Quantidade Total	2) Quantidade vendida	3) Quantidade consumida	4) Pra quem vende

6) (1) Cooperativa; (2) Supermercado; (3) Empresas agropecuárias; (4) Direto ao consumidor; (5) Feiras; (6) Intermediários; (7) Turismo (8) Outros Uso de tecnologia (do 6 ao 10): (X) Sim e em branco para Não

8.6) Renda bruta nos últimos 12 meses - em R\$

1 Produção Agrícola	
2 Produção pecuária	
3 Derivados da produção vegetal e animal	
4 Aposentadorias e pensões	
5 Renda não agrícola	
6. Arrendamento de terras	
7 Aluguel de máquinas	
8 Renda trabalho agrícola fora estabelecimento	
9. Programas sociais	
10. Outros	
Renda Total	

APÊNDICE 5 – Roteiro semiestruturado para entrevista gravada

PERGUNTAS

1. Como surgiu a ideia de trabalhar com turismo rural?
 - Quando iniciou?
 - Quem formam os principais incentivadores?
 - De onde vieram os recursos financeiros?
2. Como foi e como é o relacionamento dos membros da família com os turistas?
3. Comparadas com o tempo e o trabalho despendido com as atividades agrícolas e turísticas, quais são mais trabalhosas? Mais penosas? O que você entende por penosas? Mais prazerosas? O que dá prazer na atividade? Mais estressantes? O que são atividades estressantes? Mais alegres?
4. Quais os pontos positivos para a família com a implantação das atividades turísticas?
5. Teve algum ponto negativo?
6. Como era om tempo livre da família antes e depois do turismo rural?
7. O que você faz no seu tempo livre como possibilidades de Lazer?
8. O que você entende como atividades de lazer?
9. Relembrando: O que foi bom? O que você faria\ de novo em relação ao turismo na sua propriedade?

O que é produzido na propriedade para consumo na família

Frutas? R: _____

Derivados: _____

Legumes? R: _____

Derivados: _____

Hortaliças? R: _____

Derivados: _____

Ovos? Derivados: _____

Leite? Derivados: _____

Carnes? Derivados: _____

Outros: Quais? _____

APÊNDICE 6 – Transcrição das entrevistas gravadas

PESQUISA GRAVADA COM ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

Pergunta: Como surgiu a ideia ou iniciativa de trabalhar com o turismo rural?

Família 3: “Esta ideia surgiu impulsionada pelos problemas que surgiram na propriedade, por causa da invasão das pessoas para tomar banho no rio. Ai amigos nos ajudaram com a ideia de transformar o problema numa renda. E ai veio a ideia de então de trocar a boiada pelos humanos. Pelo caso a gente ocupava aquele espaço com o gado. Ai retiramos o gado e começamos a construir lá uma churrasqueira umas mesas e aquele barzinho no sistema das tabuinhas cercado e tal e fomo peitando. Devagarinho fomo indo. E acabou dando certo. Então na verdade foram os amigos que nos ajudaram a trocar o problema por uma solução que dura até hoje.”

Família 2: “Surgiu através de uma cacha de bocha que nós fizemos prá família e pros vizinhos, né. Ai começou a chegar umas pessoas ali e ai começamos a nos empolgar com esse fato, e como você vê o lugar também e agradável ne, daí começamos a procurar outras pessoas prá fazer uma parceria e surgiu o turismo rural junto de nois”.

Família 1: “Eu já produzia parreira e ai o pessoal vinha visita e procuravam comprar uva, então a gente começou a surgir esta ideia através do pessoal da EMATER, Prefeitura e uns amigos que foram se juntando e surgiu a ideia de se criar o Caminho dos Marrecas que hoje já está com vários anos de atividade e nós tamo ai, engatinhando ainda, devagarzinho nós vamos indo.”.

Família 4: “Começo com a dificuldade de vive da agricultura. Muita gente largo a agricultura e foi embora, a comunidade já teve o dobro de gente. Sempre olhei para a área e achava que ela tinha potencial. Já tinha na época o Recanto do Dário como um exemplo. A Cresol tinha contratado alguns técnicos para ajudar os sócios. Eles visitaram minha propriedade e ficaram admirados com o local e deram a sugestão de trabalhar com o turismo.

Pergunta: Vocês já utilizavam aquela área como espaço de lazer?

Família 3: “Não a gente usava este espaço aqui de cima para isto. Esse espaço aqui de cima a gente usava para a família, para receber amigos, já tinha esta atividade particular, mas aqui, este espaço de cima. Mas este que é mais procurado não”.

Pergunta: Quando teve início oficialmente as atividades de turismo na propriedade?

Família 3: “Dia 1º de outubro de 1998, começamos a receber visitantes pagando para entrar na propriedade”.

Pergunta: Vocês tiveram auxílio de entidades públicas para desenvolvimento das atividades turísticas na propriedade?

Família 3: “Depois, lá no ano de 2002, que daí veio os parceiros, então que é a EMATER e a prefeitura. O maior de todos a EMATER que iniciou, daí a EMATER puxou o poder municipal ai, o poder público”.

Esposa Família 2: “Foi assim, as pessoas que chegaram e começaram cobrar da gente, porque o local era bom e eles queriam vim, né, ai a EMATER, já depois do ano 2000, aqui já começou a incentivar. Ela apareceu depois de um tempo na verdade, assim, que a gente tava indo meio por conta, ai depois que a gente se reuniu, que ela começou a acompanhar”.

Família 4: A EMATER e a CRESOL me ajudaram na elaboração do Projeto Ambiental, que mesmo assim, foi difícil de ser aprovado. A EMATER fez cursos de como preparar a propriedade para receber o turista, de paisagismo, recepção do público e de alimentação.

Pergunta: No início, de onde vieram os recursos? Teve recurso público?

Família 3: “Próprios, cara e coragem. A gente teve acesso a dinheiro público, nós estamos em 2014, 3 anos atrás, 2011 então. Que a gente conseguiu o primeiro recurso no caso para aplicar”. (Construção da Lanchonete e Banheiros no Camping).

Esposa Família 2: “Próprio”

Esposo Família 2: “Próprio mesmo”

Pergunta: Como que foi ao longo do tempo o relacionamento da família com os turistas e como é hoje?

Família 3: “Olha, no início era mais desgastante um pouco porque a gente não tinha assim muita sabedoria no caso, mas daí quando entrou a parceria da EMATER lá em 2002 a gente foi conseguindo, assim, como eu vou dizer, me fugiu a palavra agora. Os cursos pra gente aprender e conseguir trabalhar melhor. E na questão do

relacionamento com a família, até hoje é um pouco complicado ainda, o Altair (esposo) tem mais dificuldade, ele foge muito, é aquilo, ele faz a praça da boa vizinhança, nesse ponto ele sai muito bem, em visitar o turista lá onde ele tá e conversar, vê se ta tudo certo, se falta alguma coisa que precisa. Mas no atender na chegada não é a praça dele, então aqui a gente ainda tem um pouco de problema com a família pelo seguinte, eu fico muito presa neste sentido, porque daí eu, consigo fazer com facilidade este trabalho e o Junior (filho) e o Altair não. Então me prende muito o meu lado por causa disto, então dificulta um pouquinho ali, mas não é algo que não de para continuar trabalhando por causa disto” (Acredito que aqui ela criticou a distribuição do trabalho da família com o Turismo Rural).

Esposa Família 2: “Foi assim, no começo foi bastante transtorno, mesmo pela falta de experiência da gente e pelo nível dos turistas que vinha. No começo não foi muito bom, mas agora ta bem melhor, que a gente conseguiu conversando e mudando a gente conseguiu classificar que agora ta vindo só pessoal de família, gente boa, sabe a gente conseguiu, ta bem bom agora”.

Esposo Família 2: “É, é que nem a Neuza falou, isso foi muito bom, começou surgiu até porque, também no começo, porque existe o Recanto da Amizade, acho bom colocar ai, porque o meu pai deixou uma amizade grande e isso a gente continua e hoje cada vez nós temos mais, que nem a Neuza colocou, mais parceria, até que começou anssim, porque a turma quer muito bem nós, e a família foi se criando e cada vez mais amizade boa, né, então hoje tá muito bom, a parceria tá melhor do que tava antes, bem melho”.

Família 1: “É um relacionamento antes de tudo de mais nada um relacionamento de amizade. O pessoal chega ai já conhece os esquemas, já vão para baixo do parreral, também por conta as vezes, já conhecem e sabem como funciona e como é que é, então nosso relacionamento e simplesmente de amizade”.

Família 4: É muito bom. A gente conhece muita gente, faz amizades.

Pergunta: Comparando o trabalho agrícola e o trabalho com o turismo, qual deles é mais trabalhoso, que exige mais de vocês?

Família 3: “Eu acho que com o turista exige um pouco mais, por causa que ele te prende o tempo todo, né, a lavoura você faz teu tempo de trabalho como você quer, e com o turista e quando o turista chega, entendeu, então eu acho que assim, fica um

pouquinho mais trabalhoso neste sentido. Às vezes você está almoçando por exemplo, chega um turista você tem que parar de almoçar para atender, neste sentido assim eu acho que o turismo exige mais.”

Esposo Família 2: “Prá nois hoje, seria a agricultura, porque a gente ainda trabalha braçal, num temo implementos agrícolas, então, eu se fosse escolher hoje, eu escolhia ficaria com o turismo rural. Mas a gente depende das duas áreas e trabalha nas duas áreas”.

Esposa Família 2: “Mais trabalhoso é a roça”

Família 1: “Tenho algumas outras atividades, mas são todas para sustento e consumo próprio, o trabalho todo é nos parreral. É bastante trabalho”.

Família 4: “meche com a agricultura dá mais trabalho”.

Pergunta: Em termos de cansaço físico, como você compara as duas atividades?

Família 3: “Daí eu acho que o agrícola é mais penoso, bem mais penoso”.

Família 4: Também a agricultura.

Pergunta: O que possui de prazeroso no trabalho com o turismo?

Família 3: “Receber pessoas, conhecer pessoas, para mim é prazeroso”

Esposo Família 2: “Muito, muito mesmo, mais muito de coração e só recebemo elogios, até prá te falar a verdade, domingo passado, a gente recebeu tanto elogio desse pessoal que tava ai, né, que a gente se sentiu assim parece com mais vontade de trabalhar, você se sente tão bem, né, quando chega alguém e parabéns pelo teu lugar, isso é muito gratificante.”

Família 1: “É muito prazeroso receber os amigos. Gostamos do que fazemos”

Pergunta: O trabalho com o turismo é estressante?

Família 3: “Como tem turista que traz o stress, mas tem bem mais que não traz, Porque a gente vive num mundo de maus humorados e de bem humorados, e a gente tem mais bem humorados. Por exemplo num final de semana se eu atendo 300 pessoas,

dessa 300 pessoas, vamos dizer, que 10 delas eu considero chatas, as outras não, então é bem mais prazeroso do que estressante”.

Esposo Família 2: “Sim, tem horas que estressa. E eu me estresso um pouco antes que eu tenho medo de faltar alguma coisa na hora de servir, né, então eu me preocupo, sempre prefiro sobrar um pouco, porque fora não vai, né, do que faltar”.

Esposa Família 2: “Sim, assim, na hora da gente organiza, de quando vou fazer um almoço, é tantas pessoas, ai eu fico pensando, o quanto eu ponho? Sabe, estressa porque a gente não sabe a quantia certa, sabe. E você pensa será que vai dar tudo certo? Será que não vai acontecer algum problema? Durante o evento o trabalho, é bastante trabalho, né, e a gente quer atender bem todo mundo e acaba se estressando de tão bem que a gente quer fazer.”

Família 1: “Cuida dos parreral é cansativo. Mas atende os turista é bom”.

Pergunta: Quais são os Pontos positivos para a família com a implantação do turismo na propriedade?

Família 3: “Eu acho, primeiro de tudo que minha filha voltou. Segundo o financeiro. O financeiro melhorou muito e manteve a família unida. Se não fosse o turismo acho que nós não estaríamos mais aqui e se estivesse estaríamos numa situação bem penosa. Assim de agricultura, o nosso terreno é minúsculo. Daí pra você tirar renda e manter a família num padrão legal de viver, o aviário não é suficiente e da terra nós não temo para tirar, né, nosso espaço é todo cercado de água, daí tem que deixar a mata, daí não tem como, tirar a sobrevivência assim, como uma renda maior neste espaço pequeno”.

Esposa Família 2: “A renda familiar que aumentou, a amizade, assim, conhecimento que a gente teve, os cursos que eu sai fazer, assim, por causa do turismo, foi muito bom para mim, cresci muito”.

Família 1: “O ponto mais positivo, um dos pontos é a amizade que a gente consegue com as pessoas e o público que aparece e vem ai, e a questão financeira também sempre agrega algum recuso em cima disso.”

Família 4: Foram vários. O financeiro melhorou bastante, a amizade, o conhecimento e também a melhoria do ambiente.

Pergunta: Quais seriam os pontos negativos da atividade turística, Isto é, tem algum ponto negativo?

Família 3: “Um pouquinho assim na questão da prisão vamos dizer né, eu acho que dá para dizer como negativo só, porque daí, você não tem como sai, porque a família é pequena, se um saí, daí desfalca. Domingo (14/12) foi uma prova de que faltou gente para trabalhar, porque os nossos meninos, não os da família, aqueles que nos ajudam, tinham um outro compromisso daí já ficou meio que desfalcada a equipe de trabalho”.

Esposo Família 2: “Eu acho que não teve ponto negativo, que eu podia te dizer assim, que ponto negativo que teve, quando a gente deixava acampar a gente sofria com isso, né, aí, os pontos negativos que teve. Mas depois que não deixamos acampar, trabalhamos assim, com o pessoal mais humilde, né, a coisa mudou muito”.

Família 1: “Basicamente não, assim que apareça como pontos mais fortes não”.

Família 4: Muito trabalho no início, foi muito difícil, mas hoje está mais tranquilo,

Pergunta: Como era o tempo livre da família antes do turismo rural? E como é hoje?

Família 3: “No passado, antes da gente começa a trabalhar, vamos dizer assim, aqui era o ponto de encontro, sempre foi, o ponto de encontro pelo fato do espaço que agrada todo mundo. Então a gente recebia muito, né, hoje já não acontece mais isto, né, a gente continua recebendo as pessoas, a família continua vindo, mas assim, elas já vêm sabendo que não vão desfrutar da nossa companhia. E que elas vão ter que nos ajudar a trabalhar, por exemplo, a família hoje é nossos cozinheiros, né, geralmente no domingo a gente almoça porque as pessoas da família vêm e fazem. Mudou isso, a família continua vindo, mas não para desfrutar da nossa presença mais”.

Esposo Família 2: “Ah, era bem mais favorável, ha ha. A gente conseguia sair mais”

Esposa Família 2: “Os finais de semana a gente tinha quase que livre né, e agora a gente trabalha mais nos finais de semana e sai bem pouco.”

Família 1: “Depois do turismo principalmente no tempo da colheita piorou, nós estamos presos aí, não tem tempo livre”.

Família 4: Encontrava mais tempo para sair, fazia visitas a amigos e parentes. Gostava de futebol e ia assistir e jogar. Também ia para as festas aqui e nas comunidades vizinhas. Depois que colocamos o turismo, não tinha tempo para mais nada disso. Era muito trabalho. Hoje já temos mais disponibilidade. As coisas já são mais organizadas.

Pergunta: O que você e seu esposo fazem no tempo livre, hoje?

Família 3: “Durante a semana a gente tem o hábito como nós comentamos outro dia, visita vizinhos, conversa, vai numa reunião de amigos, mas é assim bem restrito, num espaço curto de tempo, né. Por exemplo amanhã nós vamos para Realeza, para dar uma passeada dá uma arejada, nós vamos no final da tarde e voltamos na sexta de manhã, é os passeios são assim.

Esposo Família 2: “Nós procuramos sai um pouco, não passear longe porque não podemos, sair assim no vizinho, visitar os vizinhos, na igreja e na casa das filhas, em alguma festa assim que sobra, nas comunidades vizinhas nos sempre vamos. Trocamos de parceiros porque eles vem aqui também e eu jogo bolas aos finais de semana”

Família 1: “Nos fim de semana nós vai em festas e promoções, assim, e durante a semana a gente permanece em casa aí”.

Família 4: Visita amigos e parentes, jogar assisti futebol, gostamos de dançar quando tem baile e festa.

Pergunta: O que você entende como lazer? O que é lazer para você? Como o lazer está na sua vida e da sua família?

Família 3: “Eu acredito em lazer para mim é ocupar o tempo livre ou roubar um tempo para ele ser livre, para você se desocupar um pouco do trabalho, pode ser uma roda de chimarrão, pode ser um passeio ao ar livre, numa casa de amigo, numa casa de parente, para mim já é um lazer por causa que a gente ocupa a maioria do tempo, até uma missa eu considero para mim um lazer, porque eu saio muito pouco”.

Esposo Família 2: “Eu entendo que lazer para mim e para minha família como um todo é um lazer de certa forma até saudável e com saúde. Porque quando temo lazer você se sente bem. Meu lazer hoje e joga bola, ne e anda nos meus cavalos”.

Esposa Família 2: “Eu tenho pouco lazer na verdade mais eu também passeio nos vizinhos, vou nas festas das comunidades, eu to indo na dança aqui na comunidade mas essa é mais uma atividade física”.

Família 1: “Lazer para mim é distração, descontração, uma maneira da gente se divertir, preencher o tempo ocioso com atividade extras, assim de uma maneira mais esportiva. A gente sai em festas e promoções, as vezes jogar um baralho no bar.”

Família 4: fazer coisas que você gosta, divertidas, alegres. Quando tem tempo, ou arruma tempo.

Pergunta: O que foi bom, o que vocês fariam novamente e o que vocês não fariam?

Família 3: “Bom, eu considero bom tudo o que a gente fez, a gente aprendeu muito, cresceu muito, assim, na desenvoltura, desde no ficar à vontade para conversar com as pessoas, tudo isso ajudou muito, para mim ajudou muito, né, então eu considero tudo o que aconteceu muito bom, desde os negativos, pois eles nos fizeram crescer, né, então eu considero. E o que eu faria de novo em relação ao turismo. Meu Deus eu acho que faria tudo de novo. Eu faria tudo de novo de uma forma diferente, né, porque se eu conseguisse fazer tudo de novo como eu faço hoje, desde lá de 98, teria sido muito melhor. Mas como na vida tudo é um aprendizado”.

Esposo Família 2: “Foi muito bom para mim, desde o tempo que começamos, né, e eu acho que, pra ser sincero pra você eu continuaria com o mesmo nível que estou hoje, desde que comecei, uma parceria que te falei”.

Esposa Família 2: “O que eu nós não faria. Se começa-se de novo a gente começou deixando acampar, se fosse começar de novo não deixaria (Esposo completou: bem lembrado por ela). Outra coisa que a gente colocou as filhas pequenas trabalhar, sabe, elas eram crianças ainda e a gente colocou ali, porque né, e também eu não colocaria mais agora por que eu vi que elas se estressaram e não foi bom para elas. Eu não colocaria mais não”.

Família 1: “Oi iniciaria tudo de novo, por que tudo tinha um conjunto de coisas que não tem como definir esse é melhor, esse é mais ruim. A amizade que a gente tem, o companheirismo com os companheiros, as pessoas que vem de fora e visitam a gente, o conhecimento que a gente adquiri com visitas e mesmo que a gente passa algum conhecimento sobre a questão dos vinhos, tem muitas pessoas que vem fazer visitas para saber como se produz o vinho, como você produz a uva”.

Família 4: Faria tudo novamente. Foi trabalhoso, mas melhorou muito a vida da família.

Pergunta: A sucessão da propriedade e da atividade já está bem definida por vocês?

Melânia: “O Junior faz de tudo, cuida do turismo, do aviário da manutenção da propriedade. É o que ele gosta de fazer. A Grazielle e o marido moram aqui e ajudam no final de semana. Ele trabalha na cidade. Eles tocam a propriedade com a gente e vão continuar quando a gente não puder mais trabalhar. Eles gostam daqui.”

Esposo Família 2: “As meninas falavam que iam tocar a propriedade. Hoje já mudou a conversa. Não sei, acho que elas não vem pra cá não. Elas tem profissão, moram na cidade. Acho que iriam alugar, arrendar. Algo assim”.

Família 1: “Tá difícil, tenho um filho que é motorista, fica pulando de emprego em emprego em Marmeleiro. Isso aqui iria dar um jeito na vida dele, mais não que nada com nada. Os outros tão muito bem, tão com a vida definida, não vem pra cá não.”

Família 4: Hoje mora aqui só eu e a mulher. Todos os filhos estão empregados e moram na cidade. Eles me ajudam aqui na propriedade na época de temporada e nas promoções. Neste momento não sei se alguns deles largaria o que ta fazendo para ficar só aqui.